



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Sabira de Alencar Czermak

**Incerta, a vida continua: a formação subjetiva no contexto
da violência nas favelas cariocas**

Rio de Janeiro

2009

Sabira de Alencar Czermak

**Incerta, a vida continua: a formação subjetiva no contexto
da violência nas favelas cariocas**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Benilton Carlos Bezerra Júnior

Rio de Janeiro

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB/C

C998 Czermak, Sabira de Alencar

Incerta, a vida continua: a formação subjetiva no contexto da
violência nas favelas cariocas / Sabira de Alencar Czermak. – 2009.
95f.

Orientador: Benilton Carlos Bezerra Júnior.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Medicina Social.

1. Psicologia do desenvolvimento – Teses. 2. Subjetividade
(Psicologia) – Teses. 3. Comportamento de apego – Teses. 4.
Psicologia social – Teses. I. Bezerra Júnior, Benilton Carlos. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social.
III. Título.

CDU 159.922

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Sabira de Alencar Czermak

**Incerta, a vida continua: a formação subjetiva no contexto
da violência nas favelas cariocas**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 25 de março de 2009.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Benilton Carlos Bezerra Jr. (Orientador)
Instituto de Medicina Social da UERJ

Prof.^a Dra. Fabíola Rohden
Instituto de Medicina Social da UERJ

Prof.^a Dra. Marisa Schargel Maia
Maternidade Escola da UFRJ

Prof. Dr. João Camillo Barros de Oliveira Penna
Faculdade de Letras da UFRJ

Rio de Janeiro

2009

DEDICATÓRIA

Às três pessoas que inspiraram: Dona Adélia, Lidiane e Anderson, minha admiração, gratidão e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Benilton Bezerra, pela escuta sempre atenta às entrelinhas, permitindo que me orientasse na direção do meu desejo e no respeito a meus limites, sou grata, em especial, por ter acreditado, mais do que eu mesma, na viabilidade deste trabalho;

À Ana Alencar (meu ambiente primeiro) e Marcelo Diniz, exemplos cotidianos de criatividade, por me incentivarem ao mestrado, pelos conselhos e revisões, e o amparo às angústias inevitáveis deste solitário exercício da escrita;

À Vera e Flávio Pinheiro, por me oferecerem a oportunidade de experienciar a continuidade do cuidado, pela constância das boas idéias e a pontualidade das sugestões bibliográficas;

Ao Zeca Linhares e meus familiares que me ensinaram, desde o início, a questionar e transformar as formas de se viver;

Ao Carlos Henrique Ferraz, pela cumplicidade profissional, e a possibilidade de vivenciar, *a posteriori*, um apego seguro.

À Lulli Milman e Pablo Rodriguez, exemplos de elasticidade técnica, que me ajudaram a confiar e divulgar tais experiências bem mais do que eles podem supor;

Aos profs. Marisa Maia, Carlos Plastino, Fabíola Rohden e João Camillo Penna, pelas boas sugestões oferecidas e por aquelas que ainda não de vir;

À turma do mestrado, com seu companheirismo e alegria, às minhas colegas de orientação, pelos bons debates, em especial a Cristiane, Denise e Ana Valéria, pelo carinho e ajuda nos momentos de maior necessidade;

Aos amigos queridos, meus tutores de resiliência, que tão bem souberam apoiar-me nas adversidades deste caminho e, mais que tudo, aguardaram, gentilmente, meu retorno à vida social;

Ao Fred Martins, pelo aconchego no momento derradeiro deste trabalho;

Aos meus pacientes (os que se foram e aqueles que permanecem), com quem não canso de aprender e me surpreender;

À Sônia Monteiro de Barros, quem me iniciou, prática e teoricamente, nesta vertente psicanalítica;

À Adriana, grande provedora operacional, por tudo sempre;

Ao mestre Cherng, que me apresentou a prática dos três tesouros (afetividade, humildade e sinceridade) para a ação no mundo, e cujos ensinamentos acompanham o curso deste projeto;

E a Clara de Alencar Besouchet Pinheiro - flor do meu Caminho, quem faz com que todas essas teorias ganhem um sentido a mais - agradeço especialmente a paciência, a flexibilidade e bondade com que recebe minha maternagem e perdoa minhas descontinuidades.

O vento, vindo de longe para a cidade, oferece a ela dons insólitos, dos quais se dão conta somente poucas almas sensíveis, como quem sofre defebre de feno e espirra por causa do pólen de flores de outras terras.

Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida da cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que dessem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelando num ramo, uma pena que se deixasse prender numa telha, não lhe escapavam nunca: não havia mosca no dorso de um cavalo, buraco de cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças da estação, seus desejos mais íntimos e as misérias de sua existência.

Os prazeres daquele recipiente redondo e achatado conhecido como “marmita” consistem antes de mais nada no fato de ele ser desatarraxável. Já o movimento de desatarraxar a tampa dá água na boca, especialmente quando não se sabe o que há dentro, porque é a esposa quem lhe prepara a marmita todas as manhãs, por exemplo. Destampada a marmita, vê-se a comida ali socada: lingüiças e lentilhas, ou ovos duros e beterrabas, ou então polenta e bacalhau, tudo bem arrumado naquela área de circunferência como os continentes e os mares nos mapas-múndi, e mesmo quando é pouca coisa produz efeito de algo substancial e compacto. A tampa, uma vez desatarraxada, serve de prato, e assim se obtêm dois recipientes e se pode começar a dividir o conteúdo.

Ítalo Calvino – Marcovaldo ou as estações na cidade

RESUMO

CZERMAK, Sabira de A. *Incerta, a vida continua: A formação subjetiva no contexto da violência nas favelas cariocas*. Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Este trabalho consiste em um estudo sobre a relação entre subjetividade e meio, mais especificamente, sobre a formação subjetiva no contexto da violência nas favelas cariocas. A reflexão proposta traz, como principal referencial teórico, a noção, adotada, entre outros, por John Bowlby e Donald Winnicott, de uma constituição subjetiva marcada pela intersubjetividade. Dito de outro modo, a subjetividade aqui é resultante do encontro do indivíduo com o meio (inicialmente a própria figura materna); o que significa que um não pode ser compreendido a não ser na interação com outro. Desse pressuposto comum, tais autores partem para construir percursos teóricos independentes, que ora se aproximam, ora se distanciam. Contemporâneos e membros da Sociedade Psicanalítica Britânica da época, Bowlby e Winnicott fizeram parte do chamado *Middle Group*. Tal vertente psicanalítica, sob a influência da biologia de Darwin, da etologia e da literatura, apresenta como característica fundamental a de conferir uma importância inédita ao ambiente no processo do desenvolvimento emocional. A adaptação dos cuidados maternos às necessidades do bebê, nos estágios precoces de seu desenvolvimento, ganha a função primordial de sobrevivência e desempenha aqui um papel decisivo para a saúde mental do sujeito. Bowlby utilizar-se-á da idéia de que os pais, ou cuidadores, funcionam como uma espécie de base segura a partir da qual a criança pode explorar o mundo com a confiança de que será acolhida caso precise. Para ele, o comportamento de apego sustenta o processo de subjetivação e representa um elemento constituinte da natureza humana, que se manifesta através da propensão para estabelecer laços íntimos. Já Winnicott adotará a idéia de uma maternagem suficientemente boa, capaz de garantir à criança a continuidade de sua existência. Interrupções nessa provisão dos cuidados precoces são, para estes autores, potenciais agentes patogênicos. À luz dessa perspectiva teórica, serão apresentadas as narrativas biográficas de três moradores de uma favela da zona sul carioca representativa dos constantes e violentos confrontos que vêm ocorrendo entre os integrantes do tráfico de drogas daquela localidade com a polícia, com outras facções rivais e entre eles próprios. A experiência da provisão materna, em ambientes prejudicados por um determinado tipo de violência contextualizada, é o que tais histórias pessoais tentam retratar.

Palavras-chave: Subjetivação. Apego. Maternagem. Violência. Favela

ABSTRACT

This work consists in a study about the relation between subjectivity and the environment, specifically, about the subjective formation in the context of the violence in the Rio de Janeiro's slum. The reflection proposed has, as principal theoretical reference the notion adopted by John Bowlby and Donald Winnicott of a subjective constitution marked by the intersubjectivity. In another way, the subjectivity results from the meeting of the individual with the environment (represented initially by the mother), considering that one cannot be understood without the other. From this common view, the authors construct independent theoretical courses that sometimes get close and sometimes get distant. Contemporary and members of the British Psychoanalytic Association, Bowlby and Winnicott took part of the called "Middle Group" that under the influence of Darwin's biology, of ethology and literature, presents the fundamental characteristic of giving an inedited importance of the environment on the development. The adaptation of the maternal care to the child necessity, by the initial stages of the development, has the primordial function of survival and performs a decisive role to the subject's mental health. Bowlby uses the idea that parents or the person who cares of the child work as a secure base from which the child can explore the world with the confidence that will be protected if it's necessary. For the author, the attachment comportment sustains the subjectivation process and represents a constitutive element of human nature that can be revealed by a propension to establish intimate connections. Winnicott adopts the idea of a good-enough mother able to guarantee to the child the continuity of existence. For these two authors, the interruptions in the supply of the precocious care are potential pathogenic agents. Considering this theoretical perspective, will be presented the biographical narratives of three resident of a slum located in the south area of Rio de Janeiro, that are representative of the constant and violent conflicts that occurs with integrants of drug traffic and the police, other traffic groups and themselves. The experience of maternal providence in environments prejudiced by determinate kind of contextualized violence, is what these three stories try to show.

Keywords: Subjectivation. Attachment. Maternal providence. Violence. Slum.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	UMA VIDA (EXTRA) ORDINÁRIA	15
1.1	Subindo o morro	15
1.2	Na origem das favelas	21
1.3	Da violência criminal à oficial	28
1.4	O medo	34
1.5	Outras maneiras de amar	40
2	A HISTÓRIA INTERROMPIDA	44
2.1	Formando e rompendo laços: a função do apego	45
2.2	A (des) continuidade da vida	52
2.3	Entre a base segura e o desapego, as reações defensivas	57
2.4	Traumatismo e resiliência	62
3	DA CRIMINALIDADE À CRIATIVIDADE	68
3.1	A escuta clandestina	68
3.2	Outras guerras	74
3.3	Criar e não morrer	81
3.4	Na singularidade, o começo de um fim	85
4	PARA NÃO CONCLUIR	88
	REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

Este projeto é formulado com base em atendimentos psicoterápicos realizados nas casas de alguns moradores de uma comunidade de favela da zona sul do Rio de Janeiro e em atendimentos de moradores dessa mesma região no meu consultório particular. Foram cerca de quarenta pessoas atendidas entre os anos de 2002 e 2008, com idades que variavam de 9 a 83 anos. Todos moravam em locais diretamente afetados pela violência decorrente dos conflitos entre os chefes que, nessa região, detêm o comércio ilegal de drogas ou destes com a polícia. Tais pacientes, sem exceção, têm sua história marcada pela privação de recursos materiais básicos (referentes à moradia, alimentação, saúde e educação), no entanto, escolheram tornar parte de sua renda disponível para um tratamento psicológico. A maioria chegou trazida por algum parente e a demanda fez-se em seguida.

O trabalho clínico empreendido na comunidade não tem vínculo institucional e se iniciou com a necessidade de atender, temporariamente, um paciente que, com as pernas quebradas em um atropelamento, estava impossibilitado de vir até o consultório. Quero dizer com isso que não houve um projeto clínico prévio formulado no intuito de oferecer atendimentos psicológicos em uma favela. O que apresento aqui se origina da clínica e a ela retorna. Dois pontos ganharam especial relevância dentre os vários que a experiência suscitou. O primeiro foi o aspecto da própria violência urbana e, mais especificamente, a violência nas favelas cariocas, conhecida por mim apenas através da mídia ou da perspectiva do “asfalto”¹. O outro foi o tipo de repercussão de que essa violência é capaz de produzir no desenvolvimento emocional dos sujeitos nascidos ou criados naquele ambiente.

O problema da violência urbana pode ser abordado por diversas vias: pelo campo do direito, das ciências sociais, da biologia, da psiquiatria. Escolho a via psicanalítica, visto que é minha atividade, ainda que, para complemento de tal abordagem, eu traga no primeiro capítulo uma observação quase etnográfica do cotidiano dessa população particularmente marcada pelo aumento de intensos confrontos nas últimas décadas. Acrescentam-se ao que se viu e ouviu, dados essenciais e reflexões encaminhadas por alguns estudiosos do assunto das favelas, tais como Luke Dowdney, Jailson de Souza Silva e Jorge Luiz Barbosa, Alba Zaluar e Marcos Alvito (e colaboradores) e Janice E. Perlman.

¹ Termo usado para se referir aos moradores da cidade que não habitam os morros.

Para além das perspectivas, existem diversos tipos de violência. É possível pensá-la enquanto afirmação da vida ou afirmação de si, ou seja, como derivação da lei natural; ou ainda, no reino da razão, quando o contrato, a ordem e as regras falham, é possível pensá-la em termos de violência do direito. A violência, propõe Walter Benjamin no ensaio “Critique de la violence”, é um conceito que só pode ser entendido em sua relação com a justiça e com o direito; logo, um conceito que traz em si a idéia de relações observadas com foco naquilo que é ou não moralmente aceito. O direito consideraria aquilo que se justifica em termos de meios e fins. Não basta, porém, que um fim seja justo, pois nesse caso a violência seria uma questão de aplicação e não de princípio. A violência em questão neste estudo concerne a princípios e meios, e nos remete a um contingente culturalmente regido pelo direito positivo. Este último, por definição, deveria esforçar-se em garantir a justiça dos fins pela legitimidade dos meios. Pois então, pôr em pauta a violência das favelas cariocas significa falar da relação do Estado com o povo e do povo entre si, a partir de fins que não justificam os meios.

Uma vez apresentado o contexto que servirá de pano de fundo para alguns apontamentos teóricos, a idéia é apresentar histórias de vida que organizam nosso olhar em termos da formação subjetiva no contexto da favela carioca e de sua violência. A subjetividade, tal como concebida neste estudo, é coerente com a própria vida, ou com a ação no mundo; denota, portanto, o que é a singular no encontro do indivíduo com seu meio. Tendo em vista que o diálogo aqui proposto seja com a psicanálise, a fala dos sujeitos é a referência central para a apresentação das diferentes vivências. As perspectivas narrativas constroem-se a partir do material clínico trazido pelas pessoas que tive a oportunidade de conhecer e atender ao longo desse trabalho comunitário. Para resguardar seu anonimato, algumas características foram fusionadas com as de outros pacientes moradores da mesma comunidade. Procurei manter o máximo de coerência possível das narrativas biográficas com as questões, as informações, as características e os acontecimentos reais, para que pudessem revelar parte da verdade de suas respectivas experiências subjetivas. Todos os nomes que aparecem nas histórias são fictícios. Primeiramente narro a experiência de Dona Adélia, emigrante nordestina e antiga moradora dessa favela, que começou seu tratamento analítico aos 83 anos de idade por insistência dos netos. Em seguida, apresento a história de sua bisneta, em tratamento comigo há quase três anos. Na terceira, trata-se de um importante membro da hierarquia do tráfico na favela, por quem fui interpelada, em época anterior, numa das visitas domiciliares à comunidade, e que, posteriormente, procurou tratamento para seus ataques de pânico.

A escolha de John Bowlby e Donald W. Winnicott como representantes da abordagem psicanalítica que orienta o presente estudo deve-se à compreensão que trazem da formação subjetiva. Diferente do modelo de interioridade psíquica, ou de um sujeito que preexiste à sociedade, na qual se baseiam as investigações tradicionalmente conhecidas da psicanálise, o papel do ambiente, nessa linha de pensamento, ganha uma importância central. Um referencial teórico que rejeita, como eixo central de sua reflexão, a separação ontológica entre o indivíduo e seu meio ambiente, parece-me ética e clinicamente interessante pela amplitude de dispositivos clínicos que oferece para o profissional da saúde mental, particularmente, aquele que opera nesse contexto focalizado.

Ambos psicanalistas ingleses nascidos na virada do século XX, Bowlby e Winnicott pertenceram ao chamado *Middle Group*, ou Grupo Independente como ficou conhecido, formado por integrantes da Sociedade Psicanalítica Britânica da época. Esse grupo dissidente das idéias de Melanie Klein e Anna Freud caracterizava-se por “um interesse na observação e empatia, [pela] desconfiança em relação à abstração e ao dogmatismo, e por uma crença na habilidade das pessoas de se fazerem conhecer e serem entendidas” (PHILLIPS, 2006, p.6). Adotando referências pluralistas para pensar o desenvolvimento infantil e, sem buscar uma oposição a Freud, essa dissidência propunha redescrições com influências oriundas da biologia, da etologia e da literatura. Enquanto Winnicott se volta especialmente para o trabalho clínico e suas narrações da clínica, Bowlby foi reconhecidamente um psicanalista de rigor teórico, um grande pesquisador.

Winnicott se apresenta como um vitalista que acredita numa tendência inata ao desenvolvimento e à auto-criação quando existe um ambiente favorável (inicialmente entendido como cuidado materno) para se manifestar. É preciso, então, que haja, nos primórdios da constituição subjetiva, um meio facilitador para o desenvolvimento ocorrer de modo sadio e criativo. É na busca de sobrevivência e satisfação que a vida toma sentido. No pensamento winnicottiano, a subjetividade é produto da fusão entre o mundo interno e a realidade objetiva. Possível graças a uma experiência suficientemente boa no momento inicial da vida, o gesto espontâneo garante ao sujeito a possibilidade de agir no mundo de modo que ele reconheça aí sua contribuição. Caso contrário, a necessidade de sobrevivência se apropria do sujeito, que passa a agir em função de sua defesa contra as supostas invasões do meio. É o que Winnicott chamará de um *self* adaptativo ou “falso *self*”. O verdadeiro *self* concerne à

espontaneidade, à singularidade da experiência subjetiva, à inserção social do sujeito, a sua criatividade e normatividade.

Mesmo fazendo questão de não se opor a Freud e, ao contrário, manifestando suas afinidades em aspectos centrais de sua orientação teórica, Bowlby distancia-se bastante do mestre. Dedicado anos a fio a uma pesquisa científica fundamentada na biologia darwiniana e nos estudos etológicos de Lorenz, sua investigação ganha um caráter prospectivo. Bowlby parte de observações de bebês (e não da escuta de adultos) e suas primeiras interações para acompanhar o desenvolvimento do indivíduo. Seu arcabouço teórico constrói-se em torno da teoria do apego, resultado de sua parceria com Mary Ainsworth, cuja finalidade principal está na investigação da relação entre a saúde mental e os cuidados maternos. Para esta pesquisadora, a segurança familiar nos estágios iniciais formaria a base a partir da qual o indivíduo pode desenvolver-se de forma sadia e com interesses diversos. A provisão do cuidado oferecido à criança tem por função servir de uma base segura a partir da qual se desenvolveria o curso da formação subjetiva. Tal noção torna-se um conceito chave na teoria bowlbiana.

O comportamento de apego para Bowlby é um componente constituinte da natureza humana e consiste na propensão para estabelecer laços íntimos. O apego está na base da subjetividade e concerne à interação de duas partes: o bebê e seu cuidador. O padrão de apego estabelecido neste início indica os tipos de relações que o indivíduo construirá ao longo de sua vida e aponta características importantes de sua personalidade. A associação feita, tanto por Bowlby quanto por Winnicott, da privação dos cuidados maternos nos primeiros anos de vida com os distúrbios de caráter e outras psicopatologias severas é um ponto central para os estudos que estes autores desenvolveram durante a segunda grande guerra e suas repercussões no desenvolvimento emocional das crianças que viveram aquele contexto.

A orientação teórica apresentada é uma alternativa às diversas teorias reducionistas existentes no âmbito das ciências humanas e biomédicas sobre o tema da violência urbana, à teorias que, com frequência, têm efeitos éticos prejudiciais e não contribuem para o encaminhamento do problema. Conceber que sujeito e sociedade emergem em concomitância, numa relação de reciprocidade, não significa negar as causas econômico-sociais graves do fenômeno, nem deixar de olhar para a existência de psicopatologias limites; mas indica a importância de se perceber o fenômeno como um arranjo de fatores plurais num contingente historicamente marcado, sem correr o risco de cair em visões preconceituosas e condutas disfuncionais.

É preciso dizer, antes de finalizar a introdução, que, ao pretender nesta dissertação relatar uma experiência de trabalho e pensar sobre ela, várias dificuldades surgiram. Menciono duas dentre elas, que me parecem de importância maior. A primeira diz respeito à escolha metodológica de usar as histórias pessoais como eixo central do trabalho. Em nossa atividade como psicanalistas, a atenção é flutuante, a escuta é seletiva e as narrações dos casos são construções nossas; a perspectiva narrativa é, portanto, assumidamente uma apropriação. Meu objetivo aqui era tentar, ao máximo, apresentar a experiência do outro, com base nos testemunhos a que tive acesso. Fiz a escolha de colocar em itálico a perspectiva narrativa dos moradores daquela localidade por mim atendidos, como se fossem transcrições. No entanto, ao escrever histórias que consistem na fusão de muitas narrativas, em que meu exercício de memória e o relato da minha experiência se fundem no exercício de criação de um personagem, tive consciência da impossibilidade de sair de minha própria perspectiva para realizar tal tarefa. Tal metodologia também implicou no delicado esforço ético de fornecer informações para que as histórias não perdessem sua verossimilhança, ao mesmo tempo em que preservando o inteiro anonimato das pessoas envolvidas.

A segunda eu poderia considerar como sendo de ordem afetiva. Em alguns momentos deste processo, como se nota no primeiro capítulo, tive a intenção de usar o método qualitativo de pesquisa. Assim, procurei descrever aquele cenário onde eu estava inserida sem a pretensão de neutralidade, pressupus a afetação da minha presença naquele contexto e vice-versa, e tentei fazer o exercício de assumir a interpretação daquela realidade enquanto pesquisadora. Isso, porém, não aconteceu por inteiro. Houve uma diferença entre descrever as pessoas da comunidade que conheci não enquanto pacientes e refletir, para este projeto, sobre aquelas que me procuraram para tratamento. A cumplicidade e o afeto que se criam na clínica são de outra ordem daqueles vividos como pesquisadora. De algum modo, o tipo de relação que eu estabeleço com tais pacientes interfere no meu olhar sobre a violência naquela região, sobre os integrantes do tráfico e a negligência do Estado. Tal interferência ocorre, em especial, no caso da menina que inspira Lidiane. Pelo fato de ser uma adolescente, de ainda estar em tratamento e vivendo parte do que se temia e se anunciava há dois anos, no início deste projeto, sua história ainda está por ser contada e, por isso, é mais difícil tomar a distância necessária para a construção dessa narrativa como objeto de estudo.

Para finalizar, a urgência do tema quase dispensa uma justificativa. A violência das metrópoles brasileiras cresceu bastante nas últimas décadas e tem ocasionado índices de

mortalidade mais elevados do que em diversos países onde as guerras são oficiais. No Rio de Janeiro, esse drama é hoje provavelmente o assunto mais freqüente da imprensa brasileira e, apesar de já se ter muito escrito sobre o assunto, pouco se encontra sob o prisma das teorias da subjetividade. O objetivo deste trabalho é, portanto, apresentar uma espécie de cartografia de experiências subjetivas que possa contribuir para a reflexão da violência e suas conseqüências em tal contexto e, acima de tudo, enriquecer nossas possibilidades de ação.

1. UMA VIDA (EXTRA) ORDINÁRIA

A favela é capaz de mobilizar em qualquer um de nós, estrangeiros em nossa própria cidade, afetos bastante antagônicos, como incômodo e encantamento, curiosidade e repulsa, carinho e raiva. São muitas culturas numa só e com isso uma riqueza de informações que demandam do outro desprendimento. É fácil cair em representações viciadas, reduzir, por exemplo, a favela a um lugar de desordem e carência. Nossas possibilidades de ação e de convívio dependem em grande parte de uma abertura à alteridade do outro que é, ao mesmo tempo, parte de nós. A favela não está à margem, está antes no bojo, não é o problema, mas está longe de ser solução. “A favela é uma das mais contundentes expressões das desigualdades que marcam a vida em sociedade no nosso país, em especial nas grandes e médias cidades brasileiras.” (SILVA & BARBOSA, 2005, p.91)

A desigualdade social e econômica, a exclusão, os conflitos sociais da cultura brasileira são questões da máxima importância que não serão abordadas no presente estudo. Escutar histórias como a de Dona Adélia, defrontá-las às representações que se tem do morador da favela, visitar suas perspectivas, é condição necessária para a construção ou reformulação de problemas públicos, bem como para a eficácia de políticas de intervenção, mesmo que sejam pequenas ações filantrópicas destinadas aos moradores de favelas.

1.1 Subindo o morro

Atendo como psicoterapeuta em um consultório particular no Humaitá, zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Freqüentadora há quase dez anos do supermercado mais próximo do meu trabalho, fui abordada por uma de suas funcionárias. Explicou que seu filho saíra de casa três meses atrás por conta de brigas freqüentes que vinham ocorrendo entre ele e o pai. Dormia na rua, passava seus dias pela Cobal (estabelecimento onde se encontra este supermercado) e pela praça mais próxima do trabalho da mãe. Ela pergunta se atendo crianças, está disposta a me pagar para que eu converse com seu filho e o convença de voltar para casa. Mostra a criança, de quem me aproximo, explico o pedido da mãe e marco um horário bem cedo para o dia seguinte. Ele não diz nem que sim, nem que não. Para meu espanto, comparece. Combinamos que quando quisesse ser atendido, ele passaria de manhã no consultório e diria à

secretária um horário disponível. Sabia os dias em que eu trabalhava, vinha uma ou duas vezes na semana perguntando sempre a que horas podíamos brincar. Após seu retorno à casa, sua mãe passa a lhe trazer em um horário fixo. Welves tinha nove anos na ocasião, é o caçula de três irmãos, o único que ainda mora com os pais. Seu Max, o pai, possui um pequeno comércio na comunidade onde moram. É costume chegar alcoolizado em casa e dar surras de cinto ou chinelo no filho. Numa dessas brigas, o menino pega a bicicleta para fugir do pai e se acidenta, fraturando suas duas pernas. Impossibilitado de ir até o consultório, ao longo de sete semanas o atendi em casa. Durante esse tempo, vizinhos souberam dos atendimentos domiciliares e vieram pedir-me ajuda com relação a parentes ou amigos acamados por razões emocionais. Algumas situações, ora pela curiosidade, ora pela urgência, justificaram minha ida semanal a essa comunidade (estabelecida também na zona sul carioca) durante cerca de seis meses.

A alegria do ambiente, as formas criativas de enfrentar a falta de recursos, a musicalidade do povo contrasta com a tensão que paira nos becos, com a miséria e o armamento ostensivo dos integrantes do tráfico de drogas local. Ao longo da subida, a infinidade de lajes predomina na paisagem. É lá que as crianças sobem para saltar pipas e outras brincadeiras, e os adultos estão sempre construindo ou consertando mais alguma coisa. Esse é também um ponto estratégico de vigília para a movimentação do tráfico. Além de moradia, o *puxadinho*² é um local onde se pode ainda criar uma renda alternativa, um pequeno comércio ou algum serviço para a comunidade. Materiais de construção e móveis pesados são transportados apesar das ruelas estreitas e aparentemente inacessíveis. Ao fundo, a bela vista da orla carioca, a silhueta das montanhas, os prédios luxuosos da zona sul.

Mulheres andam carregadas para baixo e para cima, homens discutem efusivamente enquanto tomam uma cerveja no bar e crianças de todas as idades brincam soltas, com uma autonomia que dificilmente se vê nas classes economicamente privilegiadas dos grandes centros urbanos. As mães se ajudam bastante, umas tomam conta dos filhos daquelas que precisam sair ou que por alguma razão não têm estrutura para cuidar dos seus. Desse modo, há sempre alguém responsável pelas crianças, mesmo não estando propriamente com o olho nelas. Elas aproveitam para conduzir os ‘estrangeiros’ neste labirinto humano; o tráfego de pedestres é intenso e a ‘regra’ é que cada um aproveite ao máximo o pequeno espaço que possui. No passeio guiado, entregam um ou outro princípio a ser respeitado, um ou outro código pelo

² Ampliação da residência, geralmente feita sem autorização da prefeitura e com a ajuda dos amigos.

qual é bom se orientar: as permissões necessárias como a própria entrada na favela (que é mais tranqüila quando concedida pelo *dono do morro*³), autorizações para fotografar a comunidade, os lugares por onde não se deve transitar, com quem não é prudente falar. A presença do tráfico na favela é cada vez mais onipresente.

Ainda não ambientada com os códigos locais, minha terceira visita ao Welves foi atravessada por um “mal entendido”. O morro estava em rebuliço, ocorrera um incêndio numa das escolas da comunidade, fui então me interar, junto a dois policiais, do que havia acontecido. Aproveitei ainda para perguntar sobre o caminho, visto que era a primeira vez que eu subia o bairro desacompanhada. Deram-me a orientação e fizeram alguns comentários bem-humorados sobre o incidente. Uma hora depois, já de volta do atendimento, fui interceptada por três integrantes do tráfico. Um deles me aponta a arma, me conduz ao beco mais próximo; lá, vejo um dos policiais a quem eu havia pedido informações. O líder negocia a soltura de um tal Toninho - certamente algum membro do grupo deles - em troca da minha. Tratavam-me como uma conhecida do policial. Pude então tomar consciência do erro que eu havia cometido. Os *olheiros*⁴ acompanham de binóculos quem entra e sai da comunidade e, de modo geral, tudo o que se passa por lá.

Fui levada pelos dois outros homens a um casebre vazio, talvez usado como local de torturas ou cárcere de algum refém do *movimento*⁵. Sendo um deles mais acessível, pude falar sobre o que vim fazer no morro, me apresentar como alguém identificada à comunidade e não à polícia, além de mencionar o nome de Max, pai do Welves e dono da mercearia onde eu sabia funcionar uma *boca-de-fumo*⁶. Desculpei-me por não ter pedido a permissão para realizar os atendimentos, perguntei se achavam que eu poderia continuá-los e aproveitei para dizer que estava atrasada para buscar minha filha na escola. Após cerca de quarenta minutos, um deles sai, imagino que tenha ido pedir autorização para me liberar. Na volta, me faz sair pelos fundos da construção, aponta um caminho estreito e sinuoso que me levaria a uma das infinitas saídas da favela e de lá permanece, me acompanhando através de binóculos.

É notória a falta de distribuição equitativa de esgoto, energia, telefonia e água para os moradores, assim como a precariedade de muitas moradias. Prédios ilegais com mais de

³ Nome que se dá à figura que está com a liderança das negociações do comércio ilegal de drogas na comunidade.

⁴ Vigias do tráfico de drogas.

⁵ Termo usado pelos próprios habitantes da favela para designar o tráfico de drogas na região.

⁶ Local onde acontecem as vendas e negociações do tráfico das drogas.

quatro andares e construções toscas com risco visível de desabamento constituem a marca registrada da arquitetura da favela. A sujeira das ruas, no entanto, é inversamente proporcional à limpeza das casas. No interior da maioria, vê-se o cuidado com a arrumação, a higiene e decoração dos cômodos; muitos vasos de flores nas janelas, paninhos esticados, camas bem feitas e pequenos altares nos cantinhos das casas. De repente começa um tiroteio. Se não for muito intenso é como se não estivesse ali, na rua de trás. Muitas crianças não deixam de sair de casa por conta disso. Para que o curso da vida não seja interrompido, parece que todos precisam fazer apelo à negação daquele perigo eminente. Um ou outro não disfarça as marcas de preocupação, reclama da presença da polícia e recolhe os mais idosos.

Alguns dias depois do ocorrido, recebo no consultório flores e um pedido anônimo de desculpas pelo “mal-entendido”. Cogitei, porém não suspendi as visitas. Posteriormente, vim saber pelos jornais que este período foi marcado pela intensificação dos conflitos no morro em consequência de brigas que vinham ocorrendo entre os próprios integrantes da facção que liderava o tráfico naquela região. Em diversas ocasiões alguém de lá me telefonava um pouco antes do horário marcado advertindo que não era prudente, ou mesmo permitido, subir. Quase diariamente tiros eram ouvidos por moradores e se via nas paredes, janelas, carros, o resultado dos confrontos. - *Quando começam os tiros, minha mãe fecha as janelas, me põe deitado no chão contra a parede e proíbe meu pai de sair de casa. As rajadas parecem que estão dentro do meu crânio*, conta Welves. – Você sabe por que acontecem os confrontos? Pergunto. – *Mais ou menos, só sei que é um querendo pegar o posto do outro. Ou então é atirando contra o caveirão*⁷. É difícil permanecer indiferente aos confrontos que, diferente daqueles onde não há armas de fogo, pode afetar a qualquer um que não tenha nenhum envolvimento direto com a situação e mesmo que esteja a centenas de metros do local da briga. A ameaça é permanente.

Num dos atendimentos que se seguiram ao ocorrido, o rapaz que me conduziu à saída do casebre que servia de esconderijo vem à casa de meu paciente e se apresenta como primo do Welves. Constrangido, Caio pergunta se posso conversar com a avó dele, uma senhora de seus 83 anos, acamada por queixar-se de dor nas pernas e abatida pela a morte de seu neto predileto, também integrante da facção dominante do tráfico daquela comunidade. Apesar do

⁷ No me popular do carro blindado do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), tropa de elite da polícia militar do Rio de Janeiro. Ele é usado em situações consideradas de alto risco e costuma entrar nas favelas para rondas - *operações* realizadas pela polícia para reprimir a venda de drogas - lotado de homens exibindo para o lado de fora seus enormes fuzis.

receio, vou até a casa de Dona Adélia. A afinidade é imediata. Deitada sim, mas com um lenço caprichosamente enlaçado à cabeça, perfumada, o olhar firme, relata com habilidade o incômodo nas pernas e a dificuldade de ser atendida no posto comunitário. Há mais de um mês levanta da cama apenas sob insistência da família, dorme e chora muito, não demonstra mais interesse em realizar suas atividades costumeiras, perdeu por completo o apetite e não se concentra nem mais nas novelas que antes gostava muito de assistir⁸. Tinham ido ao cardiologista do Posto Comunitário, ele passa um antidepressivo e Dona Adélia se recusa a tomar. Como a depressão, para pessoas dessa faixa etária, faz diagnóstico diferencial com a demência, pergunto se não gostariam de fazer uma consulta a um neurologista. Não acatam a sugestão. O neto me apresenta como psicóloga, peço então que nos deixe a sós e feche a porta, a porta, no entanto, não fecha.

A noção de privacidade sem dúvida é bem diferente da que se tem em outras classes sociais da metrópole. Além da proximidade das moradias, fazendo com que se possa escutar facilmente o que acontece na casa do vizinho, a intimidade é rapidamente escancarada, após um pequeno ‘dedo de prosa’ é possível tocar as entranhas do outro. Tudo é coletivo: da falta de uma coberta à necessidade de um fulano parar de beber porque está perturbando demais a vida da mulher ou da vizinhança. O som também é coletivo, cada um ouve sua música, não importa a hora, o volume e o gênero. Comenta-se que em dia de baile funk é difícil pegar no sono. Talvez por conta das dificuldades comuns à grande maioria⁹, talvez não apenas por isso, o fato é que as relações pessoais no morro são marcadas pela solidariedade, em especial nos momentos de maior aperto.

Quando Caio se retira, a primeira frase que a avó pronuncia é: - *Tá vendo aí, doutora? Ainda tem muita criança sem estudo, na vadiagem ou trabalhando antes da hora. Ainda tem. Digo pra esse meu pessoal: “tem que estudar porque favelado não tem emprego fácil e, quando tiver, vai ser explorado. Tem jeito não, ou vai ganhar pouco ou vai trabalhar até esfolar o couro”. Se não estudar, tem menos chances ainda, aí mesmo é que vai pra rua, fazer coisa errada. Mas não adianta, a doutora sabe, uns tem jeito pra estudo, outros não.* Além de muito triste com a perda do neto mais velho, entendo que ela está preocupada com sua própria

⁸ Conjunto de sintomas que compõem, segundo a Classificação Internacional de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10), o quadro característico do episódio depressivo.

⁹ Segundo o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano 2000 (www.ibge.org.br), a renda média dos moradores do “asfalto”, na cidade do Rio, era de R\$ 1.533,74 contra R\$ 352,41 daqueles que vivem nas favelas.

morte, em particular com o futuro da bisneta na sua ausência. Uma das filhas depende totalmente de Dona Adélia e não aparenta condições de se sustentar por conta própria. Essa filha é responsável legítima pela neta, Lidiane, cuja mãe tem paradeiro desconhecido e o pai, neto predileto da avó, é justamente o integrante do movimento morto há alguns meses. Dona Adélia tinha um enorme apreço pela única bisneta, seu maior medo era de que fosse ‘empregada’ pelo tráfico, possibilidade que, efetivamente, vinha crescendo no morro.

As vielas do morro são um espaço compartilhado pelas crianças e adolescentes, bem como pelo movimento do tráfico. A curiosidade dos menores por este universo faz com que se aproximem, espionem para ver melhor o que acontece; costuma haver um certo fascínio e temor pelo poder dos traficantes. A tensão das negociações, os jovens subindo atrás da droga, os fuzis apontados compõem um cotidiano do qual, embora de formas diferentes, todos da comunidade participam, estão informados e têm parentes ou amigos envolvidos diretamente (DOWDNEY, 2005, p.78)

Dona Adélia teme ainda que a casa vire um ‘hospício’ sem a sua autoridade para manter a ordem. Mãe solteira de quatro filhas, avó de onze e bisavó de uma menina, esta senhora era de fato o grande eixo dessa família matriarcal. Tivemos uns treze encontros até ela vir a falecer. Os cinco primeiros foram na casa dela, com gente entrando e saindo e interrompendo a cada 10 minutos para algum comentário ou pedido. As conversas se davam na cozinha com bolo e café, na sala com a televisão ligada ou no quarto, com a porta entreaberta, quando o assunto pedia mais sigilo. Dois meses depois, com as pernas um pouco menos doloridas, ela consegue vir até meu consultório. Se ficássemos duas semanas sem nos encontrarmos – o que se dava por conta de algum compromisso dela ou de encomendas que não podiam esperar -, nem que fosse pelo telefone, ela me mantinha informada dos últimos acontecimentos e pedia sugestões para os assuntos familiares.

1.2 Na origem das favelas

Nascida nos anos 20 numa cidade do interior do Piauí, Dona Adélia veio aos nove anos para o Rio de Janeiro com os pais em busca de trabalho. Seu pai, Antônio Abelardo de Oliveira Martins, era agricultor; o trabalho para ele tornava-se cada vez mais escasso por conta dos longos períodos de seca na região. Sua mãe, Terezinha de Jesus Oliveira Martins trabalhava em casa costurando e cozinhando para os filhos. A família passou por grandes apertos até decidir imigrar, faltava comida em casa, remédio quando as crianças adoeciam. Vieram buscar de melhor qualidade de vida e logo se instalaram nesse morro, onde Dona Adélia permaneceu por toda a vida. A estória da família é emblemática, dentre as inúmeras que compõem a maior parte da população das favelas com ascendência ligada ao êxodo rural e, sobretudo, dos sertões do nordeste brasileiro. São pessoas geralmente com índices de escolaridade muito baixos que vêm à procura de emprego na cidade grande e procuram a favela pela proximidade com o local de trabalho, bem como pela facilidade de construir a moradia e se instalar sem precisar pagar pelo terreno. A situação se modificou, cada metro-quadrado tem sido cada vez mais disputado, não é mais tão fácil construir ou alugar uma casa nas favelas, em especial essas que se encontram na zona sul e centro da cidade do Rio de Janeiro.

O surgimento das favelas no Brasil remonta ao período entre as últimas décadas do século XIX e início do século XX, quando a migração não apenas regional, mas também estrangeira, aumenta consideravelmente. Acrescenta-se a isto o fato de a recém outorgada Lei Áurea (1888), a partir do momento em que extingue a escravidão no Brasil, ter trazido à liberdade uma população de quase um milhão de escravos - quando o total de brasileiros não passava de quinze milhões. Os antigos escravos se encontraram desprovidos de perspectivas sociais e ainda sob o jugo que marcou o tratamento oferecido aos afro-descendentes no período colonial. No período entre 1870 e 1890, a população do Rio de Janeiro sofre um aumento de 120%, ao passo que o número de domicílios neste período cresce apenas em 74%, acarretando uma séria crise habitacional. O Morro da Providência, conhecido como “Morro da Favella”¹⁰ é considerado, na vasta literatura concernente ao tema, um marco inaugural. No ano de 1897, o maior cortiço da época, o famoso *Cabeça de Porco*, foi destruído para a construção da atual

¹⁰ Lícia Valladares, em seu artigo “A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais”, cita duas explicações possíveis para a associação entre o Morro da Providência e o Morro da Favella em Canudos. A primeira é a semelhança de vegetação entre eles, estando este último localizado no município de Monte Santo, sertão da Bahia. A outra é uma semelhança simbólica, pelo fato de ambos terem representado lugares de resistência contra a República.

Avenida Rio Branco (SILVA & BARBOSA, 2005, p.25) e grande parte de seus moradores se desloca para lá, assim como muitos ex-combatentes que vieram ao Rio exigir das autoridades que lhes pagassem os soldos devidos. O Morro da Providência, dessa forma, desde o início representou uma ameaça higiênica, estética e moral para as autoridades e elites sócio-econômicas do Rio de Janeiro - atribuição até então dirigida aos cortiços. Por volta do segundo decênio do século XX o termo favela passa a ser usado como definição de aglomerados pobres, geralmente de ocupação ilegal e que se formam preferencialmente em encostas.

Em 1902, Pereira Passos assume a prefeitura do Rio, então capital federal, dando início a uma importante intervenção do poder público sobre os setores populares da cidade. O prefeito, que ganhou o apelido de “Bota-abaixo”, pretendia uma reconfiguração da vida urbana de modo a torná-la uma cidade aos moldes europeus. Para tanto, tentou esvaziar as áreas centrais e definir, dentre os bairros, quais deveriam corresponder a determinado grupo social. O centro da cidade se caracterizou como núcleo financeiro, a zona sul e alguns bairros da zona norte seriam destinados às classes mais ricas; as classes populares seriam retiradas do centro para se fixarem nos nascentes subúrbios do Rio. As primeiras favelas surgem, porém, exatamente nas áreas centrais da cidade, mais próximas dos locais de trabalho. Ainda na gestão desse mesmo prefeito, no ano de 1904, o médico e sanitarista Oswaldo Cruz ordena que toda a população seja obrigatoriamente vacinada contra a varíola. Este terminou sendo o estopim para uma rebelião popular ocorrida especialmente nas proximidades do Morro da Providência, conhecida como a Revolta de Vacina.

A expansão das favelas foi rápida; o Estado mais uma vez omisso e a tensão social antes marcada pela relação senhor-escravo, se perpetuou com a polarização favela-‘asfalto’. Apesar da permissividade do poder público diante da rápida ocupação dos morros, é importante frisar que a favela, em seu nascimento, já constituía um problema urbano importante. Tema recorrente no discurso médico-higienista da época, era também considerada pelo poder público um refúgio perigoso de vagabundos e criminosos; a imprensa, por sua vez, se encarregou de manter uma imagem negativa do morro e de seus moradores¹¹, como faz até hoje. Associado aos ociosos e marginais, o favelado - morador dessa terra de ninguém, do lugar onde a lei da selva prevalece - carrega, portanto, mais de um século de preconceito e

¹¹ Ver referências trazidas por Silva e Barbosa em *Favela: alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005, pp. 30-31 e de Pandolfi e Grynzpan, 2003, com algumas notícias da época no jornal Correio da Manhã.

exclusão. Se há um traço fundamental, concernente às origens de todas as favelas, é o fato de seus habitantes pertencerem ao lado desprivilegiado, nessa tendência histórica de determinados grupos humanos serem explorados por outros, por razões de etnia ou de raça.

Até hoje a noção de ausência é apontada como o eixo tradicional de representação da favela: “Ela é sempre definida pelo que não teria: um lugar sem infra-estrutura urbana – água, luz, esgoto, coleta de lixo, - sem arruamento, sem ordem, sem lei, sem moral, e globalmente miserável. Ou seja, o caos.” (SILVA & BARBOSA, 2005, p.24) Nem negar a falta, nem reduzi-la a ela. No ano da realização desses atendimentos, quatro escolas serviam a uma população (estima-se) de mais de 150 mil habitantes. Era difícil arranjar vaga nas escolas dos bairros vizinhos. Existiam dois pequenos postos de saúde para toda a comunidade e estes, segundo os próprios funcionários, não tinham possibilidade de dar conta de toda demanda. O sistema de saneamento e coleta de lixo ainda é precário. Estes são aspectos, sem dúvida dos mais negativos, desse contingente bem mais heterogêneo do que parece. A vida na favela está longe de poder ser reduzida à violência e ao tráfico. A favela é também um espaço de enorme potencial cultural, de ações políticas e econômicas importantes na vida da cidade. O futebol, a capoeira, os grandes sambistas, a poesia, o pagode de fundo de quintal, a festa internacionalmente conhecida do Carnaval, o funk, as gírias, a criatividade para inventar formas de comércio e tantas outras práticas fazem paradoxalmente da favela hoje um ponto-turístico, um dos temas preferidos em filmes e livros, mas ao mesmo tempo a maior ameaça ao bom funcionamento da cidade.

Dona Adélia é uma dessas inúmeras mulheres que hoje vivem nas favelas a rotina de levantar ainda noite para cozinhar, fazer o café, preparar as crianças para a escola e chegar ainda cedo ao serviço. Depois voltar já anoitecendo, arrumar a casa, ver um pouco de televisão e logo se deitar para recomeçar a jornada no dia seguinte. É no fim-de-semana que sobra tempo para faxinar a casa, consertar o que precisa e se divertir um pouco. Pelo relato dos netos, esta senhora parecia ter um cotidiano bastante dinâmico e dava a impressão de gerenciar bem a casa, que mais parecia uma hospedaria em alta estação. Havia parado de trabalhar como merendeira da prefeitura há poucos anos, quando passou a fazer doces e quentinhas para vender na vizinhança. De sua renda saía o sustento de muitos naquela casa.

No primeiro encontro, ela me apresentou, sem muito entusiasmo, a família, respondeu algumas perguntas com monossílabos e, finalmente, repetiu várias vezes que sua maior dor é a de não ter impedido seus descendentes de entrarem para o tráfico, nem ter podido oferecer a

eles o que o *dono do morro* conseguia: *um dinheirinho certo, poder e auto-estima*. Estava sem falar com Caio, neto que me levou a ela, por ter sabido recentemente que ele também estava no *movimento*. Encerrou nossa conversa dizendo que estava cansada. Explico no que consiste o tratamento psicológico, por fim pergunto se acredita que pode ajudá-la. Um tanto indiferente, não se opõe. Marcamos então o próximo encontro, com a ressalva de que ela poderia desmarcar com pelo menos duas horas de antecedência se preferisse. Descartei a segunda hipótese diagnóstica que me ocorrera, de um quadro de demência, porquanto Dona Adélia se mostrava com as idéias muito bem articuladas. Sua tristeza, lúcida, parecia proporcional a sua impotência diante de sua falta de recursos para viver bem em sua velhice e da qualidade de vida de seus familiares.

Volto três dias depois, dessa vez ela aparece um pouco mais animada. Coloco-me curiosa por sua história. – *Ôxi!, minha vida não tem graça assim não...* – Pergunto em que cidade ela nasceu. Após longa pausa, seus olhos enchem d'água. - *Eu vim com meus pais pro Rio na idade de 9. Saímos de Bom Jesus do Piauí, onde eu e meus irmãos nascemos, levamos um mês, mais ou menos, viajando. Uma carona ali, outra acolá, um dia a gente chegava.* - Sua cidade fica perto de Teresina? - *Não minha filha, é bem longe. Lá é terra de ninguém, ninguém se preocupa. Parecia terra do cão, de tão quente. As pessoas morriam de falta de médico.* – Quantos irmão eram? – *Eram onze, oito do meu pai com a primeira mulher, mas essa morreu no parto do oitavo e minha mãe terminou de criar os meninos da falecida. Depois tiveram mais cinco filhos. Eu fui a quarta, depois teve mais umazinha que minha mãe deu pra uma irmã que não conseguia engravidar. Morreram uns dois ou três. Só sei que antes de partir, minha mãe deixou as crianças dela com essa tia e com minha avó, dizendo que mandaria todo mês um dinheirinho do Rio, e um dia mandaria eram as passagens pra eles virem ter conosco. Os irmãos mais velhos ficaram cuidando dos mais novos. Meus pais só trouxeram eu e mais um outro, porque eram os únicos que davam de trabalhar. Os outros todos eram bicho meio preguiçoso. Chegamos, passamos a primeira noite perto da Rodoviária, na casa de uma dona que fizemos conhecimento no ônibus e logo viemos pra esse morro aqui, moramos muitos anos um pouco lá mais pra baixo, até eu ganhar essa casa. No norte meus pais trabalhavam no roçado. É, eu peguei na enxada desde a idade de 5... Chegaram aqui procurando uma roça pra trabalhar, por isso quiseram vir pra cá, porque tinha muito que lavourar. Eles tinham uma prima que morava só, num barraco aqui no morro, ela chamou nós pra ficar lá com ela. Ela veio pra ser freira e desistiu. Lembro que meu pai veio sem o telefone nem endereço dela, hoje parece até engraçado, achava que era*

que nem lá em Bom Jesus, que era só chegar no morro que todos iam saber quem era Dona Francisquinha. Demorou dois dias nós dormindo no pé d'uma árvore até encontrar Dona Chica, como aqui eles chamavam. Eu nunca tive tanto medo na vida. Medo de virar pedinte, de ter que passar a vida na rua, de me perder dos meus pais, mas minha mãe dizia que ia dar tudo certo e eu acreditava mais nela do que em Deus, Deus que me perdoe.

- A senhora se lembra de sua primeira impressão aqui do Morro? - Ah, eu achei tudo isso aqui muito lindo, essa vista do mar. Pois eu nunca tinha visto o mar, doutora! Eu disse logo pra meu pai: não quero sair daqui é nunca mais. Lá não tinha trabalho pra todo mundo, sabe como é? Aqui tem mais opção. Os políticos só investem no Sul, não querem saber lá do Norte. Eu tinha saudade dos meus irmãos, mas não queria voltar, queria que eles viessem pra cá, pra eles verem o que eu via. Minha tia morava lá na rua do mercado. Naquela época não tinha nada disso aqui, assim supermercados, escolas, academias. Era roça mesmo. - Quando vocês chegaram? Agora você me pegou... Se eu tenho 83... Chegamos em 1930, foi isso, no dia de finados. Foi no ano em que Getúlio assumiu a presidência da república da primeira vez. Cheguei no Rio um dia depois dele. Isso aqui tudo era café, café, café. Pra lá só tinha mato, rio e selva. Era uma terra boa, mas também era difícil, se comparar com hoje. Não tinha água, luz, não tinha posto de saúde, tinha somente uma clínica particular de um doutor que fazia atendimentos ou então o Miguel Couto, que na época a gente chamava de Hospital da Gávea. O morro não era cheio como hoje, não. Você com certeza não viveu essa época então não sabe como era, né? - É verdade, só de livro.

- Rapidinho, às vezes numa só noite, se erguia um barraco, botava no instante uma família, aí a polícia não podia vir destruir. Mas às vezes chegavam os homens num caminhão, de machado na mão e punham tudo a baixo. - Como foi com vocês? - Quando nós chegamos, Dona Chica chamou pra morar mais ela. Ela já tinha posse de um barraco, mas de um cômodo só. Meu pai pediu pra uns rapazes ajudarem ele a fazer um puxadinho, como se diz aqui, e ele ajudaria no que precisassem. Meu pai fez uma sala em baixo e um quarto pra nós em cima. - De alvenaria? - Não, filha, alvenaria era proibido naquela época! Era de madeira mesmo. Fez camas boas pra todos nós, antes Dona Francisca dormia numa rede. Até ele próprio se espantou com sua habilidade. Tomou gosto e montou um negócio no barracão de um vizinho pra trabalhar com madeira. Fazia portas, janelas, armários. Aos poucos foi deixando a lavoura. Aqui todo mundo arranja coisa pra fazer, se quiser, não fica à toa.

Como é possível verificar nos gráficos fornecidos pelos Anuários Estatísticos do IBGE apresentados e analisados por Janice Perlman em *O mito da marginalidade* (PERLMAN, 2002, p.32), entre 1940 e 1980 a população urbana do Brasil salta de 31,2% para 66,7%, configurando um fenômeno conhecido por “superurbanização” ou “hiperurbanização” (PERLMAN, 2002, p.39). A progressiva escassez de moradia e trabalho nesses grandes centros acarretou um aumento considerável da população nas favelas. Inúmeras famílias, na falta de emprego, encontram formas alternativas de remuneração que terminam compondo a renda da família inteira. As atividades ilegais no morro são as mais diversas e criativas, da venda de comida, discos e filmes pirateados, remédios caseiros, objetos importados, à prestação de serviços variados, como o próprio arrendamento das terras e a locação dos barracos. Tais atividades continuam produzindo e sendo produzidas pela desigualdade social e econômica das metrópoles brasileiras.

- Meu pai morreu logo cedo, de doença. A prima deles morreu de morte morrida mesmo e ficou eu mais minha mãe, que viveu até meu aniversário de 50 anos. Passamos muita coisa juntas. A gente tinha medo de ser posta pra fora do barraco com filho e tudo, às vezes tinha que dar dinheiro pra eles não destruírem o barraco. - Eles quem? – A polícia, quem mais? Chegavam aqui derrubando tudo, xingando de vagabundo, negro sujo, pedindo pra ver a identidade das pessoas. Hoje eles não podem mais fazer isso, mas mesmo assim chegam atirando para o que tiver na frente. [...]

– E a senhora chegou a freqüentar uma escola? – Meus pais sempre fizeram questão que eu estudasse. Meu pai não assinava nem o nome, era bom só de cálculo. Minha mãe assinava, mas demorava muito. Dona Chica era a escrevedora e leitora da casa, então ninguém precisou aprender. Eu não cheguei a fazer o colegial. Com mais idade tentei estudar no Mobral, mas não tinha cabeça pra isso não. Eu cozinhava muito bem, então fazia quentinhas e minha mãe ia vender mais uma amiga. Depois um professor que se agraciou por minha mãe, mas como ela mal assinava o nome, chamou a mim pra trabalhar como merendeira de uma escola no Leblon. Eu já era moça. Fui e gostei e nunca mais saí de lá até me aposentar, há três anos atrás. A escola até mudou de nome e eu continuei. Mas voltando a sua pergunta, foi Dona Chica quem me ensinou a ler e escrever. Uma boa moça aquela, casada com Deus, veio como missionária, depois morou num colégio de freiras, ajudava na limpeza e na cozinha desse colégio, aí começou a ser maltratada e fugiu. Sem dinheiro, veio pra cá. Veio também porque tinha um cearense que ela gostava que morava aqui. Isso aqui parecia um

pedaço do Ceará, ainda tem muito cearense no morro. Esse moço era casado, mas ajudou ela mesmo assim a construir aquele barraco. Aí ela ficou sendo explicadora aqui no Morro. Tinha uma lousa dentro de casa, comprava papel e lápis, botava um monte de menino pra aprender, em troca recebia alimentos, roupas e água. – Não tinha água encanada ainda? – Água aqui só foi chegar quando eu já tinha neto. Minha mãe morreu sem nunca ter tido água dentro de casa. Naquela época a gente andava, andava, andava, carregava água pra cima e pra baixo. Dona Chica tinha um defeito nas pernas e não podia carregar peso. E pra conseguir qualquer coisa ou pra chegar até a condução, a gente tinha que andar muito. – E luz, vocês tinham? – Luz tinha, a gente puxava de um vizinho que não era bobo nem nada, cobrava 20% da conta dele pra todo mundo como se estivesse repartindo. Mas ele fazia isso com tantos, que conseguia pagar a conta e ainda pôr um bom dinheiro no bolso. – A senhora considera que, apesar de tudo, houve melhorias aqui na comunidade? – Ah, sem dúvida! Primeiro chegou a luz, hoje a maioria tem o seu relógio, depois chegou a água lá pelos anos 80, o sistema de esgoto, que ainda é meio fajuto, mas já melhorou um bocado. As casas passaram a ser de alvenaria, não se fala mais em remoção como antes. Quer dizer, isso agora voltou, mas de forma diferente. Às vezes aparece alguém da prefeitura dizendo que um prédio está perigando cair e que tem que esvaziar. É diferente. Agora temos sacolão, correio, escola, região administrativa, nada disso tinha.

- E as ações sociais aqui no morro? – Tudo interesse! A gente recebe uma ajuda já esperando saber em que candidato vai ter que votar. Essas ONGs que se instalaram aqui? Repassa um pouquinho e enfiam no bolso um poucão. Dão dinheiro até pro movimento, dizem. A corrupção está em toda parte desse país.

Dona Adélia havia retomado o comando de sua cozinha depois de cerca de duas semanas sem fazer um único café. Fomos provar uns bolinhos de bacalhau que ela acabava de fazer, quando entra o pai de seu neto recém morto, avô de Lidiane, um homem que frequenta a família, apesar de nunca ter sido casado com a filha de Dona Adélia. Vem na busca de almoço, queixando-se que não se sente muito bem. Diante dele, Dona Adélia o apresenta a mim: – *Esse daí não vale um único saco de areia, nem um tijolo sequer. Tem almoço não, peste! Mas tem uns bolinhos para enganar.* Acaba servindo os bolinhos, um caldo de feijão, bolo de laranja e café. O senhor vai embora bastante satisfeito. - A senhora se casou? *Ih, isso vai ficar para um outro dia...* [sinaliza com a cabeça que tem mais gente na casa]. Despeço-me e marcamos um novo horário para a semana seguinte, ela me vê anotando numa agenda e anota

num caderninho também. Já na porta, ela pergunta se eu gosto de feijão de corda, balanço a cabeça entusiasmada.

1.3 Da violência oficial à criminal

O atendimento seguinte precisou ser adiado por conta de confrontos que estavam ocorrendo entre a facção do tráfico dominante naquela comunidade e uma rival, de outro bairro. No dia marcado, Caio esperou onde ele sabia que eu costumava estacionar para me acompanhar até a casa deles.

- Como estão as coisas por aqui hoje? Pergunto à Dona Adélia. - *Muito ruins, olha o estrago que me fizeram?! Aponta as marcas de bala na parede de sua varanda. – Uma lembrancinha que a polícia deixou para nós... – Como sabem que foi a polícia? – Os tiros vieram de baixo. Foi um ‘Deus nos acuda’, ficamos todos na cozinha [cômodo mais seguro da casa], botamos colchões espalhados e dormimos os nove lá, dois dias seguidos. [...] Eu sou muito afeiçãoada a esse lugar porque fui muito feliz aqui, tenho a lembrança de outros tempos, mas a gente não tem mais sossego. A polícia entra dando tiro pro alto, fazendo bagunça. Os meninos vêm se drogar na nossa porta e a gente tem que aceitar, entram em casa para ver se escondemos alguém, a gente não pode reclamar! Reclamar com quem? O Estado tá todo corrupto, aliás sempre foi. – E o BOPE? – Tá brincando?! Nem no BOPE dá pra confiar. Consideram a parte inteligente da polícia, mas pensa que não? Eles torturam sim, e muito, se enganam de bandido, recebem dinheiro do tráfico, fica tudo por isso mesmo. Outro dia teve gente comentando que com o Favela Bairro¹² ia asfaltar umas ruas daqui de cima, você acha que o tráfico deixa? É ruim! Tem que ficar dessa forma mesmo pra eles poderem fugir tranquilos. Só sobe com permissão deles e fazendo o que o dono do morro permitir.*

- A senhora acha que a violência tem piorado nos últimos tempos? - *Até eu me aposentar mais ou menos, isso aqui era tranqüilo, não vou dizer que não tinha brigas, mas era menos morte, menos tiro. Não tinha tanto inocente morrendo. Bandido é bandido eu sei, mas até eles eram mais respeitosos com a comunidade. Não buliam com a gente. Pode perguntar pra qualquer morador antigo da comunidade. Antes quem matava era só a polícia. Subia o morro linchando favelado que não estivesse em dia com os documentos ou quando arrumavam*

¹² Programa de urbanização desenvolvido pela prefeitura do Rio com o objetivo de integrar a favela à cidade. Além de infra-estrutura, incluiria serviços, equipamentos públicos e práticas sociais.

alguma outra coisa pra encrencar. Mas o negócio do tráfico cresceu, é muita gente envolvida, muita arma na mão de gente sem miolo. Todo mundo quer ter poder e ninguém se entende; os traficantes não se entendem entre eles, a polícia também não se entende entre ela e uns não se entendem com os outros. Pronto, tá feita a guerra. Os bandidos ganharam tanto poder que foram se meter com a associação dos moradores, com a política, com as Igrejas, agora eles estão em toda a parte. Tudo virou quadrilha. Eles jogam sujo, se você não tá de acordo, vão lá e te queimam¹³, não tem pra ninguém. O pastor da antiga igreja que eu freqüentava um dia confidenciou que o movimento tinha pedido para guardar armas no fundo da paróquia, em troca eles iam reformar toda a casa e o telhado¹⁴.

– A senhora sabe o que aconteceu nesses últimos dias? - *A coisa ficou ainda mais feia agora porque a polícia prendeu o chefe daqui do morro. Primeiro ele foi pra uma prisão de onde ele continuou no comando do morro, mandava e desmandava de lá. Quando ele foi transferido para uma prisão de segurança máxima, aí o povo se revoltou, foi pro asfalto, tacou pedra, parou o trânsito, a polícia chegou atirando, jogando gás, uma confusão toda vida. E você acha que foi a polícia que conseguiu frear o bonde¹⁵? Não, minha filha, foi o próprio dono do morro, lá da cadeia.*

A violência carioca não é própria apenas do imaginário social como um grande fantasma alimentado diariamente pelo sensacionalismo da imprensa nacional. Ela está em todas as camadas da população e em toda a geografia da cidade. Quando se trata, porém, da população moradora de favelas onde se estabeleceu o comércio ilegal de drogas, a violência não é mais um desvio no curso contínuo da vida ordinária, marcado por alguma tranqüilidade e segurança. Como lembra o Dr. Dráuzio Varella em seu livro sobre a Favela da Maré,

“Não [se trata] do medo de ser assaltado na esquina ou de ter a casa invadida por ladrões, como o que assusta os moradores dos bairros de classe média; na grande favela, são muito raros os crimes desse tipo. Lá, o que apavora homens, mulheres e crianças é a guerra permanente entre as quadrilhas de jovens envolvidos no comércio de drogas ilícitas: o Tráfico, como a instituição é conhecida por todos [...]”
(VARELLA, 2002, p.78)

¹³ Gíria usada por traficantes para “matar”.

¹⁴ Os jornais têm noticiado com alguma frequência a descoberta de algum paiol de armas do tráfico em lugares em estabelecimentos inesperados, como escolas ou igrejas.

¹⁵ Termo usado para designar um grupo de traficantes em ação coletiva.

Trata-se de um fenômeno mundial que possui algum nível de semelhança, ao mesmo tempo em que apresenta a heterogeneidade pertinente a cada região. Ninguém está imune à possibilidade de ser atingido pela violência urbana, no entanto, pesquisas mostram que nas favelas, onde ocorre a maior parte dos confrontos, o perigo é ainda maior. De acordo com o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde de 2002, as vítimas mais frequentes de homicídios em todo o mundo nos anos 90 foram jovens de 15 a 24 anos (DOWDNEY, 2005). Entre 1991 e 2000, na região metropolitana do Rio, o número de homicídios dessa faixa etária cresceu 76%. A taxa de mortalidade dos jovens foi de 95,6 por 100 mil habitantes, sendo 75% dessas vítimas mortas por armas de fogo. As pesquisas também indicam que é entre a camada mais pobre da população, nas periferias e nos morros da cidade, que estão as principais vítimas dessa criminalidade violenta que decorre, em especial, da ação da polícia ou dos próprios membros do tráfico. As cifras são imprecisas pela dificuldade de se comprovar a autoria das mortes.

“Um jovem carioca tem sete vezes mais chances de ser assassinado do que o resto dos jovens brasileiros. No caso dos negros – classificação que reúne pretos e pardos -, o quadro da violência letal adquire o caráter de genocídio: eles têm 2,3 vezes mais chances de morrer do que os jovens brancos.” (SILVA; BARBOSA, 2005, p. 62-63)

Em determinadas regiões do globo, a violência juvenil tornou-se uma das maiores prioridades na agenda dos governos. Luke Dowdney, como tantos outros pesquisadores do assunto, chama a atenção para o fato de o Rio de Janeiro, apesar de não estar em guerra oficialmente, apresentar mais pessoas morrendo por consequência da violência urbana, especialmente por disparos de armas de pequeno porte, do que em regiões que se encontram em guerra declarada, civil ou entre países.

Como se vê, o comércio de drogas ilegais tem acarretado, fora também, mas principalmente dentro das favelas cariocas, num aumento importante dos crimes violentos (sobretudo o homicídio) entre os jovens que dele participam; a quantidade de vítimas que não têm envolvimento com a situação também cresceu de modo exponencial nos últimos anos. Apesar de sempre ter sido alvo de muito preconceito, houve uma época, por volta dos anos 70, que a dualidade cidade x favela era duramente criticada por sociólogos e intelectuais em geral. A favela era então reconhecida por manifestações que justificavam sua inclusão no campo da política e da economia nacionais. No decênio seguinte, com a chegada do tráfico de cocaína no Rio de Janeiro e a organização das quadrilhas em alguns morros para comercializar a

droga, o discurso sociológico retoma suas metáforas dualistas. A favela carioca volta a ser citada na mídia como um lugar perigoso, reduto de bandidos; e o Rio passa a ser difundido em âmbito internacional como a “zona franca do crime”. Em maior ou menor grau, o medo de morrer ou de chegar em casa e ter um filho, irmão ou amigo morto é, aqui, a antecipação de uma probabilidade que se faz cada vez maior¹⁶.

Não se pode dizer que o aumento do número de homicídios nas duas últimas décadas seja apenas por consequência da desigualdade econômica do país. A desagregação e corruptibilidade das instituições públicas em seus diversos níveis de hierarquia afrouxaram as fronteiras do que é ou não legal, daquilo que é aceitável e do que é considerado abusivo. De um lado tem-se a ausência do Estado na favela, manifestada não apenas na falta de segurança, mas também de moradia, saúde e na precária qualidade das escolas. De outro está a presença de um Estado que com frequência se iguala à irracionalidade da violência que se propõe a combater. As estratégias policiais frequentemente compactuam com uma violência abusiva, imprudente e plena de acordos tácitos com as facções criminosas. Basta ver as armas de guerra que a polícia usa nas ações cotidianas e a prática de ‘pena morte’ que ela se autoriza.

“Policiais corruptos agem como grupos de extorsão que podem ser rotulados de grupos de extermínio. Quadrilhas de traficantes e assaltantes não usam métodos diferentes dos primeiros, e tudo leva a crer que a luta pelo butim entre eles estaria levando à morte os seus jovens peões. Talvez isso explique porque o índice de mortes violentas atribuídas a homicídios seja dos mais baixos em Belo Horizonte – que tem uma polícia reconhecidamente eficiente e dura, mas não corrupta – e dos mais altos no Rio de Janeiro. Nesta última cidade, ficou claro, pela investigação que se seguiu aos recentes massacres de Acari, Candelária e Vigário Geral, que eles foram executados por policiais que pertenciam aos mesmos grupos e que estavam exigindo sua parte nos lucros do tráfico ou dos assaltos. (ZALUAR, 1998, p.214)”

A favela onde foram realizados tais atendimentos é um dos principais distribuidores da droga na zona sul carioca. De acordo com os relatos de vários pacientes, parece haver um caminho cada vez mais recorrente de entrada no tráfico. Os jovens, moradores da própria *comunidade*, começam contraindo dívidas com os traficantes para se drogar, por alguma necessidade

¹⁶ Vide os dados de pesquisa realizada por Luhe Dowdney e apresentada em DOWDNEY, Luke. **Crianças do Tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro.** *Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.*

pessoal ou porque foram extorquidos pela polícia. Passam então a roubar (às vezes a própria família) ou assaltar, pressionados pelos chefes do tráfico a quitarem suas dívidas e para quem terminam 'trabalhando' como forma de pagamento. Cria-se então uma relação de dependência difícil de ser superada. Geralmente cada morro tem um chefe comandando a facção naquela localidade. A relação deste com os moradores da região varia bastante dependendo da personalidade, do modo de liderar e de sua filosofia pessoal. Veio algumas vezes de Dona Adélia o comentário de que, quando o suposto *dono do morro* foi criado na região, ele tende a demonstrar uma preocupação maior com o bem-estar da população, procurando evitar a violência na vizinhança e até desencorajando o uso de drogas entre os jovens locais. Ao manterem uma certa identidade com a comunidade, normalmente conseguem o respeito daqueles que não estão envolvidos com o tráfico (ZALUAR; ALVITO, 1998, p.242). Ao passo que, quando um traficante de outra comunidade vem assumir o *movimento*, isto costuma significar um descaso maior pelas pessoas e pelo território.

Estruturadas em forma de um poder hierarquizado, nas facções do tráfico cada integrante tem sua função delimitada e delegada pelo chefe, o assim nomeado *dono do morro*. As tarefas são inúmeras e inimagináveis, chegando a açambarcar crianças e mulheres (idosas, inclusive). Existem, por exemplo as *endoladoras* para confeccionar os papelotes, as senhoras pagas para testemunhar a favor de algum traficante preso, os *aviões* para as entregas, os *olheiros* com seus morteiros para avisar a entrada de alguém suspeito, os *vapores* que vendem em determinados pontos das favelas, os seguranças ou *soldados* mais ostensivamente armados, e por aí vai. Nessa estrutura piramidal, existem pagamentos e punições (que chegam à pena de morte) caso as ordens sejam ou não cumpridas. A dedicação é praticamente exclusiva, a vida dos participantes do tráfico permanece quase que à mercê do *movimento*. Cada facção é territorialmente definida para o comando do tráfico, e este se distribui pelo país entre três principais facções: o Comando Vermelho, o Terceiro Comando e os Amigos dos Amigos. Tais facções continuam exercendo seu comando nas e das penitenciárias. O Comando Vermelho foi o primeiro a se formar, originalmente organizado por presidiários condenados nos anos 70, à prisão perpétua na então prisão de segurança máxima Candido Mendes, na Ilha Grande, implodida no ano de 1994. Queriam dominar a população da prisão e assegurar seus direitos no sistema prisional, mas rapidamente tornaram-se um grupo de controle do crime na cidade do Rio de Janeiro, se apropriando das favelas como base para a venda principalmente de cocaína e maconha.

“No Rio de Janeiro, quando uma pessoa é detida e chega à delegacia, os funcionários perguntam a qual facção ela pertence, de forma a poder classificá-la em uma das celas da unidade. Quando o preso afirma não pertencer a nenhuma facção, o funcionário pergunta onde ele mora visando com isto identificar em qual facção sua vida pode estar mais “segura”. Para muitos presos, é na prisão que se inicia a vida dentro de uma facção. Hoje, todas as prisões do Rio de Janeiro estão ligadas a uma das três facções existentes no estado. Tal realidade faz com que o sistema penitenciário e a direção das unidades tenham que adequar as regras legais com as regras das facções. Quando um detento ganha a concessão de um benefício, como o regime semi aberto, sua transferência para uma unidade compatível com o novo regime depende das vagas oferecidas nas prisões da facção a qual pertence o preso. Se a vaga disponível for em um presídio de outra facção, o preso continua no regime fechado e a vaga continua aberta. É evidente que não se pode misturar presos de facções rivais, porém não criar alternativa para a correta classificação dos presos conforme o crime que cometeu e seu grau de periculosidade, faz com que o Estado seja um importante instrumento da organização deste exército de esfarrapados. Dos trinta presos que morreram na casa de custódia de Benfica em 2004, no mais sangrento conflito entre facções dentro das prisões, pelo menos 17 tinham sido detidos por crimes leves. A maioria era de moradores de rua, presos por furto ou roubo de pequeno valor. Não possuía qualquer vínculo com facções, até o momento de suas prisões”¹⁷.

É difícil saber ao certo quantos participam das facções do tráfico e da violência armada propriamente. Na pesquisa realizada por Luke Dowdney em conjunto com a ONG Viva Rio, entretanto, estimou-se que dez mil pessoas integram o tráfico e que cerca de 50% destes tem menos de 18 anos. A pesquisa foi concluída em 2003, o que significa que provavelmente estes números aumentaram. As ações repressivas por parte do Estado vêm aumentando no Rio de Janeiro em escala muito maior do que as sócio-educativas. Os centros de detenção para menores, tanto quanto o sistema penitenciário, não consegue dar conta do número crescente de internos, o que faz que muitos reincidam no crime.

¹⁷ Trecho de um artigo intitulado “Prisões, crime organizado e exército de esfarrapados”, escrito pelo professor de História, pesquisador e político Marcelo Freixo. Em 2006, ele foi eleito deputado estadual pelo PSOL e, atualmente, preside a CPI das Milícias. Esse artigo encontra-se no site do CORED (Coordenação Regional dos Estudantes de Direito do Rio de Janeiro), cujo endereço eletrônico é <http://br.geocities.com/eredrio/artfre.htm>.

1.4 O medo

Das mais de quinhentas favelas existentes hoje no município do Rio que representam cerca de um terço da população carioca, a grande maioria apresenta grupos de traficantes de drogas em diferentes níveis de movimentação e com impactos diversos na vida local. Encontra-se, entre os inúmeros mitos atribuídos ao favelado pelo senso comum, a noção de que na relação da comunidade com os membros do tráfico existe a convivência e uma troca fundamental: enquanto o tráfico conta com o apoio da comunidade, sobretudo para a preservação de seu anonimato e para o funcionamento de sua rede, a comunidade por sua vez conta com ajudas financeiras e de segurança. Como se formassem “um tecido social homogêneo que sustentaria uma subcultura desviante e perigosa.” (MACHADO DA SILVA; LEITE, 2008, p.49). De fato, este não deixa de ser um aspecto importante no âmbito do poder paralelo ao Estado que o tráfico exerce. Na ausência da justiça formal definindo o que é ou não aceitável e garantindo segurança aos moradores dessas comunidades, os integrantes do tráfico passam a instituir um código próprio e uma forma alternativa de assegurar que ele seja cumprido. Quanto mais os traficantes ganham espaço, menos o poder público consegue intervir. É freqüente ouvirmos dos moradores que a forma alternativa de justiça na favela é em geral mais efetiva do que a oficial.

- Minha neta, a que você conheceu, uma vez arranhou um namorado que batia nela. Ela terminou com ele e ele não deixava de ficar perturbando ela. Ameaçava de morte, perseguia, era um desassossego. Eu mandei ela ir até uma DEAM [Delegacia de Apoio à Mulher] para dar queixa. Ela foi e nada aconteceu porque disseram que ela não tinha prova. Foi com uma amiga no posto policial aqui da comunidade, nada. Resolveu por fim ir até o chefe dizer o que estava acontecendo. O rapaz não era daqui do morro. Pois eles deram uma coça no sujeito e ele ficou proibido de entrar no morro. Nunca mais ouvimos falar dele.

Ainda que varie de acordo com o perfil do chefe do tráfico, com o fato de ter sido alguém criado ou não na comunidade, em geral trata-se de alguém em quem, apesar de tudo, se confia mais do que na polícia e a quem as pessoas apelam quando falta alguma necessidade da ordem do que normalmente deveria ser atendido, como segurança e saúde. O traficante também é muitas vezes aquele que financia a maior parte do lazer na região – quadras, praças, bailes, casamentos, festas infantis. Ao ouvir moradores dessa localidade, rapidamente essa idéia de convivência da comunidade com a lei do tráfico se desfaz. Não há aceitação, nem mesmo banalização, da criminalidade violenta. Apesar de muitos se declararem favoráveis à

pena de morte, acreditam que o criminoso precisa ser julgado e condenado pela justiça formal. Da tortura ou dos homicídios proferidos pelos traficantes ou pela polícia, não ouvi nenhum relato a favor, nem indiferente. O que se ouve e se vê, com frequência, é a expressão do desamparo de sujeitos que não se reconhecem diante das instâncias de segurança pública, como cidadãos. Eles reconhecem na polícia a representação da classe dominante, muito embora uma parte considerável da polícia seja composta por pessoas pobres que não conseguiram inserção no mercado de trabalho. No lugar de cumplicidade ou afinidade, o que parece manter a *lei do silêncio*, o anonimato dos criminosos, é antes o medo e a insegurança por parte dos moradores da região que se vêem encurralados entre a violência ilegal dos traficantes e a violência oficial da polícia. O silêncio aqui é um importante dispositivo de sobrevivência que não funciona da mesma forma quando se trata da polícia. Como escutei do Welves certa vez, - *Se eu tiver que escolher entre denunciar alguém do movimento ou dizer que foi você, mesmo que você não tenha feito nada, eu vou ter que dizer que foi você, para continuar vivo. Afinal, o outro é meu vizinho.* A mãe de Welves completa: - *A gente é obrigado a conviver, a passar pela boca, a ver as armas. Não tem mais aquela coisa de “isso não é pra menino dessa idade estar vendo”, aquele letreiro que passava antes dos programas de televisão todos e que a gente respeitava. Hoje não, não vai ver a novela, vai ver coisa pior na porta de casa.*

Outro dado comum aos relatos é o de que os traficantes ainda têm uma preocupação maior com o território do morro e seus habitantes do que a polícia. A violência do tráfico tem características diferentes daquela praticada por policiais. Os traficantes primam por um controle (regras de conduta opressivas, vigilância, inserção econômica) que lhes garante poder. Importante lembrar que há nessa relação do tráfico com os habitantes do morro, uma familiaridade que favorece, por exemplo, identificar melhor o inimigo, atender às solicitações da comunidade, identificar certos acontecimentos e seus agentes. Ao passo que a polícia se engana com frequência de alvo, não parece se importar com isso e sua presença não tem a eficácia, para a população local, que sua função pressupõe. Ou seja, a invisibilidade dessa população favelada (seja por negligência, seja por estigma) é menor diante do tráfico do que diante do Estado, o que reduz em algum grau, o caráter arbitrário das ações dos traficantes. A distinção feita pelos moradores entre a violência policial e aquela praticada pelo tráfico também concerne à diferença de expectativas projetadas num e noutro. Ao tráfico não é suposto manter a ordem social, o traficante não é empregado do Estado, não é remunerado com dinheiro público para servir a todos os cidadãos. Assim, o que caracteriza a violência

policial, mais do que o método de que se utiliza, é o “caráter indiscriminado da ação que não distingue “gente de bem” dos “marginais” (MACHADO DA SILVA; LEITE, 2008, p.73). Os moradores entendem essa falta de seletividade como mais uma prova do preconceito e da discriminação contra o favelado e reconhecem que tal comportamento é bastante diferente daquele oferecido aos moradores do asfalto.

“Muitas vezes repetidas [as queixas de moradores de favela], a própria reiteração revela com simplicidade brutal seu diagnóstico do lugar que ocupam na representação da cidade e na sociedade em que vivem: não podem confiar em uma política de segurança que não os contempla, em agentes do Estado que neles não reconhecem a dignidade indissociável da cidadania, que não consideram nem protegem sua vida e seus direitos e cuja presença no território se faz sempre contra a integridade física (e, às vezes, patrimonial) dos moradores em geral. Esta “aversão” aos procedimentos típicos da atuação institucional da polícia e à *conduta* de seus agentes tem sido entendida como conivência com o crime violento, no quadro do pacote interpretativo constituído pelos "mitos" comentados em seção anterior. Entretanto, os trechos citados indicam que os moradores não rejeitam a polícia como instituição nem recusam (pois sequer tematizam) a necessidade de controle do crime e manutenção da ordem pública. As queixas incidem sobre sua atuação segundo um padrão de conduta indiscriminado e belicoso que excede em muito a atribuição legal do emprego de "força comedida".” (MACHADO DA SILVA; LEITE, 2008, p.62-63)

É Dona Adélia quem conta. - *Aqui, como em toda favela, eu imagino, tem uma guarita da polícia que não serve pra nada. A gente não confia nos homens, nem fala direito com eles. Eles botam uma banca, chegam de peito estufado, mas no fundo são gente como a gente. Ganham mal que nem nós, se bobear dormem em barracos também. Feito os bandidos, não são pessoas preparadas para ter poder, para usar uma arma de fogo, para manter a segurança e não causar mais violência ainda. E eu te digo, minha filha, sempre foi assim, essa falta de respeito com o favelado. Antes eles distribuía cacete, humilhavam com palavras, hoje fazem isso armados. Eles sabem que nós não temos informações sobre os nossos direitos, que mesmo que a gente tenha, não tem como fazê-los valer. Você já viu o caveirão entrando aqui no morro? Nem queira!*

– Dessa situação toda, dá para identificar o que é o mais difícil para a senhora? – *É a incerteza do amanhã. Não saber se eles vão querer alguma hora ocupar nossa casa e pedir*

que a gente saia, ou se mais algum dos nossos vai ser levado embora por uma bala perdida, se minha bisneta pode ser pega como isca pelos ‘meninos’. É isso que mata a gente. – Sua filha Vânia comentou que entraram na casa da senhora? – E num foi? “Abre dona, abre se não joga bomba”, eles diziam. “Agora a senhora vai ficar quietinha e se der um pio leva uma azeitona bem no meio dessa sua testa enrugada.” Desse jeito, o sujeito passou pros fundos e ficou três dias me azucrinando. Eu tinha que levar comida, bebida, cigarro. Eu não pude ir pro serviço. Eu que sempre fui trabalhar, mesmo doente, tive que inventar uma desculpa no serviço porque não podia dizer que estava com um bandido dentro de casa. Depois tive que sustentar a mentira com o povo todo desconfiando. Aí num dia, levantei e o sujeito tinha se mandado sem ninguém ver, nem saber pra onde. Ficar aqui na parte alta do morro é bom, mas tem essa desvantagem. A gente fica na passagem dos meninos [traficantes].

Dona Adélia não é a única a se queixar dessa irrupção cada vez mais grave da violência na rotina de todos. Quanto mais o tráfico se arma e faz barulho, mais a polícia responde à altura, ambos impondo suas marcas na vida ordinária dos favelados. Essa é uma reclamação quase que unânime entre os moradores que atendi dessa localidade. Como em qualquer outro contingente, cada morador da favela reage de forma diferente à violência decorrente das movimentações do tráfico ou das ditas *operações* policiais, mas é preciso dizer que, dentre aqueles que apresentam um padrão normal de comportamento, a preocupação é geral com o perigo iminente. Essa é sem dúvida a camada da população que mais sofre com o ambiente de guerra que se instalou nas grandes cidades brasileiras. O que mais parece nocivo nesse clima de terror é a imprevisibilidade, assim como a arbitrariedade das explosões de violência que chegam atravessando o curso contínuo da vida de todos os habitantes da localidade¹⁸. Acrescenta-se a isto, o fato de que, apesar de exercer um controle sociopolítico, o tráfico não pretende substituir o Estado, nem apresenta objetivos políticos organizados (DOWDNEY, 2005, p.12) que facilitariam a atribuição de sentido às conseqüências dos confrontos. Diferente de uma guerra oficial declarada, por exemplo, não há um fim aguardado quando o alvo (conhecido por todos) for atingido; nem certos cuidados, como abrigos, que visem a preservação da população ‘aliada’.

“No tráfico, as atividades ilegais têm o caráter de negócio contínuo, que flui por meio de relações interpessoais baseadas no segredo, na confiança sempre posta à prova, no conhecimento das pessoas e nos acordos tácitos estabelecidos entre elas, o conceito de

¹⁸ A esse respeito, ver texto de Machado da Silva e Leite “Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas?”, no livro **Vida sob cerco**, editado pela Nova Fronteira em 2008.

rede se aplica ao fluxo hierárquico e às relações interpessoais que implicam relações não grupais ou institucionais, corporativas e fechadas, e sim relações abertas no tempo e no espaço, vinculando inúmeras pessoas através de contatos de diversos tipos que se vão multiplicando pelos intermediários. A organização em rede prescinde da idéia de organização corporativa, burocratizada, podendo ser rapidamente desfeita e refeita em outras rotas, circuitos e fluxos ou com outros personagens.” (ZALUAR, 1998, p.210)

O armamento ostensivo dos *soldados* do tráfico salta à vista quando se caminha pelo morro. Além da diversidade de armas, trata-se de fuzis usados em guerras oficiais (como temos notícia pela imprensa diária), com capacidade para abater helicópteros e outros estragos desse nível. As armas de pequeno porte, inúmeras, são usadas por pessoas que não foram devidamente treinadas para isso - cada vez mais, por crianças. O resultado não poderia ser outro além de vítimas que não estão diretamente envolvidas nos conflitos e da matança que acontece entre os próprios integrantes do tráfico. O clima de terror vivido pelos moradores dessas comunidades aumentou, assim como a frequência com que, ou precisam sair de suas próprias casas pelo anúncio de uma operação maior, ou retornar antes da hora por um ‘toque de recolher’ comandado pelos traficantes. As notícias dos assassinatos em cada *operação* da polícia, pouca reação produzem na população, na imprensa e nas instâncias políticas seja qual for o partido e a ideologia. Configura-se uma omissão generalizada diante de acordos e métodos os mais perversos dos oficiais com os traficantes de drogas, supostamente em nome da “ordem” e da “segurança”, que termina funcionando como uma espécie de “permissão para matar”. É como se o descrédito frente a outras medidas que pudessem vir a ser mais eficazes do que esse tipo de ação da polícia, o sentimento de impotência diante da situação que parece irreparável, só deixassem pensar em sobreviver, cada um por si.

- A população cresceu demais. Os jovens não têm futuro, têm que ajudar logo em casa, aí começam a fazer besteira. Não vê aí os meus? - Como foi para você saber que seus netos estavam no movimento?- A gente, quando é mãe, aprende a perdoar, não é doutora? Essa é uma coisa que corta meu coração porque não é da natureza dessa família. Todos os meus netos têm essência boa. Esse que morreu, eu tinha muita pena, porque ele era revoltado que nem a mãe. Tava no sangue. Ele não era ruim de querer fazer mal, mas queria tanto vencer na vida que acabava fazendo besteira, vendendo droga. Aí acabou doente de vício e morreu. Foi melhor assim porque ele não ia ter futuro. Eu soube, por outro neto, que ele morreu assassinado pelo chefe de outra facção do tráfico na época. (...) – Nem sei quantos aqui estão

metidos em coisa que não presta. É que não dão pros estudos e querem ter o dinheirinho deles logo. Um parece que saiu mesmo, conseguiu terminar o segundo grau e está na Casas Bahia, graças a Deus. Essa daí (apontou para uma das netas que chegou na casa) eu não sei não. Ela trabalha, é inteligente, mas gosta muito de roupa de marca, de tênis. Ando meio cabreira com ela. – Quantos netos moram com a senhora? – Moravam seis, mas um se foi e uma vai casar e vai morar na Região dos Lagos, vão ficar quatro.

Nesse momento chega a hora da janta, precisamos interromper. Começa a chover torrencialmente, Dona Adélia acha por bem que eu aguarde um pouco para sair. Rápido, forma-se uma cachoeira na porta da casa, o lixo é empurrado ladeira a baixo, uma das filhas corre para pôr baldes em pontos já conhecidos de goteiras. A matriarca prepara o jantar sem ajuda, olha a filha sentada para assistir a novela e comenta: - Tá vendo só? *É uma abestada, essa daí, só quer saber das celebridades, mas da vida real que é bom, neca!* Eu vou para a cozinha ajudar. A fartura, assim como a quantidade de gordura na comida, me impressiona. Pergunto quantos vêm comer, ela responde que nunca se sabe, mas que *é melhor sobrar que faltar*. A casa tem quatro quartos, moram ao menos uma dezena de familiares e eu nunca consegui contar ao certo a quantidade de agregados que entram, comem e pernoitam com frequência por lá. Conversamos sobre as peculiaridades da culinária nordestina, ela se alegra ao saber que sou baiana. Pergunta qual o meu orixá, digo sou filha de Iemanjá. – *Eu já sabia, vou fazer um manjar da próxima vez que a doutora vier*. A chuva dá uma estiada, preciso ir. Ela me leva até a saída e aproveita para mostrar a *boca-de-fumo* ao lado do posto da polícia. – *Está vendo aí? É pros comparsas botarem a prosa em dia*, comenta com humor.

1.5 Outras maneiras de amar

No quarto encontro, certifica-se de que a casa está vazia, encosta a porta e diminui o tom.

– Hoje eu vou lhe contar uma história de amor. Eu não fui casada, casada, como a doutora me perguntou outro dia. Eu tive um amor muito forte, era um rapaz muito bom que freqüentava a mesma Igreja que eu. Ocorre que ele era russo, militar da marinha, de família boa, sabe como é? Ele gostava muito de mim, eu era uma moça bonita na época, mas ele não podia ficar comigo. A família dele não ia aceitar que ele casasse com uma morena, que não era preta, mas também não era branca que nem eles. Se perguntassem onde eu morava, o que meus pais faziam, eu não poderia dizer. Ele queria que eu mentisse, mas isso eu não ia fazer. Ele findou se casando num casamento arranjado pela família. Mesmo assim, nós tivemos quatro filhas. Precisou ser escondido. Ele até queria revelar tudo às meninas, mas eu não deixei. Ele nunca deixou faltar nada, comprou essa casa boa e grande no melhor lugar do morro e dava dinheiro todo mês, certinho no dia 2 de cada mês. Eu fui tentando porque eu queria um menino, pra ter um homem dentro de casa, mas depois da quarta achei que já era demais. Aí ficou assim, essa mulherada aí que você está vendo.

- A senhora chegou a sentir a falta de um companheiro ao seu lado? - Mais companheiro do que ele?! Pra que? Pra eu ter que lavar as cuecas dele, pôr a janta, levar os chinelos. Eu não! Preferia esse aí que só me pedia pra estar cheirosa quando ele viesse me apanhar e nada mais. Eu namorava, ia para o baile, comia em bons restaurantes. Pense num homem que não tinha vergonha de mim! Me comprava uns vestidos alinhados e nós íamos. Todo mundo aqui no morro falava das minhas barrigas, que cada filha era de um pai, falavam bastante coisa. Mas eu nunca liguei, não dependia deles pra nada! Eu e Deus sabemos que eu fui fiel a um homem só minha vida toda e que nosso amor era puro, mas impossível. Que nem aquela história de romance famosa, que deu um balé?- Acho que a de vocês parece um pouco mais feliz, não? – É... fomos muito felizes. Ele ainda está vivo, mas está velho, depende dos filhos pra fazer as coisas. A gente não pode mais se encontrar.

– A senhora disse que não quis contar sobre ele às suas filhas, mas ele as conheceu? – Claro, todas elas. Eu não dizia que era o pai delas, dizia que era um amigo. Uma delas desconfia até hoje, porque ela é muito parecida com ele. Mas vai morrer sem saber da minha boca. - A senhora acha melhor assim? – Acho porque eu nunca deixei de falar a verdade pra elas. Eu dizia, “o pai de vocês é um homem que não mora no bairro, viaja muito, é muito ocupado e

não tem como vir, mas ele manda cartas e dinheiro e pergunta por vocês”. Eu não dava confiança pras perguntas delas, só uma vez que elas estavam pirraçando, fazendo queixa dele, aí fui e mostrei uma carta que dava pra ver quem ele realmente era. Ele mandou pra mim quando partiu por um período maior, e aí perguntava por cada uma separadamente, da escola, das amizades, da saúde. Elas viram que era um homem lido pelo modo como escrevia. (...) Achei que era assim que tinha que ser pra elas não criarem expectativas de um pai que não iam poder ver sempre, para não se sentirem diminuídas. E, acima de tudo, para não inventarem de ir perturbar a família dele, querer conhecer os outros irmãos, essas coisas que dão em filho. Assim não criava nenhuma esperança nelas e nem cobrava dele o que ele não ia mesmo poder ser. – Alguém chegou a saber da história de vocês? – Minha mãe sabia e uma comadre. Minha mãe não gostava dele, dizia que era sem vergonha. Ela era de outro tempo, não conseguia ver que ele era mais legal comigo do que muito marido casado no papel com a benção de Deus. Ela até reconhecia que ele ajudava na nossa moradia e que eu amava muito aquele homem. Teve que se resignar... Se emociona, mas se recupera rápido. – E agora que a doutora é da minha confiança, também pode saber. – Não precisa me chamar de doutora. – É que seu nome é complicado pra mim e não vou te chamar de garota, né? (...) – Como preferir.

- E como foi criar suas quatro meninas sozinha? – Eu tive as quatro de uma só vez: Vanda, Vânia, Vanessa e Vera Lúcia. Passei sete anos amamentando e pronto, acabou-se. Eu não estava sozinha, tive muita ajuda de minha mãe, que ficava com elas para eu ir trabalhar. O morro não era como é hoje, não tinha essa violência toda. E quando começou essa história de droga pra lá, droga pra cá, minhas filhas já eram adultas, algumas já até tinham filho. Nenhuma nunca quis experimentar tóxico, não precisei me preocupar com isso. Tiveram uma infância boa. Aliás, até pouco tempo era bem mais tranquilo criar os meninos na favela. Meus netos ainda podiam brincar soltos na rua sem problema. É que no começo os meninos [traficantes] não queriam violência por aqui não. Quando meus netos chegaram na adolescência, aquela fase difícil, aí foi que “a porca torceu o rabo”. Eu pude ensinar às minhas filhas o que era certo e o que era errado, mas não sei se elas conseguiram passar isso pros filhos. Quando elas queriam errar, eu deixava, pra elas aprenderem. Aí depois eu conversava e mostrava porque estava errado. Mas os erros eram outros: uma gostava de atirar pedras nas galinhas do vizinho, outra ficava bulindo com a macumba da minha comadre. Uma delas é que ficou mais revoltada, não queria ser favelada. Não sei de quem ela pegou isso. Não vou dizer que não é duro enfrentar o preconceito, o desrespeito, mas não dá para ficar só na espera que os outros digam o que a gente é. É a gente mesmo que deve ter

confiança no que a gente é. Eu sempre tive orgulho de morar aqui no morro, podem dizer que favelado é barraqueiro, malandro, o que for. Pois eu acho que é um povo de raça, trabalhador, mas que também sabe aproveitar a vida.

–A senhora acha que os habitantes de favela sempre tiveram a mesma reputação que têm hoje? – *Não sei, aqui sempre foi considerado um lugar de vadiagem e de doença. Minhas colegas de trabalho mesmo, que moravam no asfalto, perguntavam se eu não tinha medo de pegar doença no morro. As pessoas achavam que nós era pobre porque era à toa. Mas não sei não, talvez a gente não fosse tão excluído porque tinha mais trabalho. Antes o favelado era vagabundo, hoje é bandido. É pior, né? Mesmo assim, eu nunca quis sair da favela. Aqui é o meu lugar e se me oferecerem para sair, não quero. Me deixem morrer na minha casa!* Faz uma pausa como se não estivesse se sentindo bem, mas depois retoma a apresentação da família. – *Eu falava de Vânia, não é? Pois então, ela queria um marido rico e não teve, teve filho de um vagabundo, aquelezinho que veio pedir comida outro dia, e acabou não se casando [refere-se à avó de Lidiane]. Já Vanda, trouxe o marido para dentro de casa, um pelego o coitado [pais de Caio e de mais um casal]. Vanessa não se casou, mas ajudou a mais nova a criar os cinco filhos. Um deles, o Roney, está trabalhando na Casas Bahia, então, para ficar mais perto, está morando aqui por uns tempos.* – Quantos moram aqui com a senhora? – *Nunca contei, tem os fixos e os temporários, mas são sempre muitos. A casa é grande, tem lugar para todos. Eu sempre fui acostumada com casa cheia, minha mãe gostava de pegar filho dos outros para criar. Ficava com pena e punha pra dentro. Eu também não gosto de ver criança passando necessidade, mas acho que a ajuda às vezes atrapalha. Uma coisa é dar um pouco de comida, dar afeto, dar conselho, ajudar a criança a ganhar um troco, outra coisa é ficar com pena, passar a mão na cabeça e deixar o menino inválido dentro de casa. [...]* – Todas moram aqui no morro? – *Minhas duas mais novas [filhas], foram morar em Campo Grande, não agüentaram a confusão do morro e construíram duas casas num terreno por lá. Pensa que também não tem confusão por lá? Eu prefiro o morro porque apesar de tudo, aqui as pessoas se ajudam muito. A gente não tem a vida fácil, então tem mesmo é que contar uns com os outros. Se a gente quer construir alguma coisa, consertar uma parte da casa, limpar nosso entorno, para tudo se arma logo um mutirão. E fora que aqui eu já conheço todo mundo e todo mundo me conhece, eu não conseguiria ir para um bairro onde eu não conhecesse ninguém.*

Chega uma das filhas chorando. Interrompemos e marcamos um horário para a próxima semana.

Cinco meses decorridos do início do tratamento, Dona Adélia volta a ficar mais desanimada, sem querer se levantar, muitas vezes pede para desmarcarmos nossa sessão, insistindo que eu fosse a sua casa. Contudo, tanto eu quanto seus familiares concordamos que era importante ela sair um pouco de casa, nem que fosse apenas para ir até o consultório e voltar. Numa tarde ela me telefona, pedindo que vá visitá-la. Ela já havia requisitado isso antes, mas eu insistia para ela vir ao consultório, ela acabava cedendo. Neste dia, não sei se pela franqueza de seu tom de voz ou se por pura intuição, achei que deveria ir, contrariando inclusive minha combinação com a família. Ela estava deitada há dois dias, sem conseguir se alimentar. Quase não era possível ouvir o que ela dizia. Perguntei se não seria melhor levá-la a um hospital, mas disseram que ela se recusava prontamente a isso, alegando que morreria de infecção hospitalar, ou de desgosto, ao ver a falta de condições do hospital para acolher as desgraças dos pobres que ali chegavam. Contou-me que chegara a sua hora, que sua mãe viria lhe buscar e queria agradecer *minha amizade*. Desejou-me sorte e pediu, se fosse possível, para eu ficar por perto e tomar conta de Lidiane. A visita durou cerca de vinte minutos. Ela pediu para descansar. Comprometi-me a retornar no dia seguinte. Quando entro no carro, meu celular toca. Dona Adélia nos deixara.

2. A HISTÓRIA INTERROMPIDA

Cerca de seis meses após do falecimento da mãe, Vanda telefona para marcar uma consulta. Preocupada com a sobrinha-neta, que vem a ser bisneta de Dona Adélia, pede que eu faça uma avaliação da menina. A primeira dificuldade para receber Lidiane foi o fato de sua tutela ter sido transmitida a Vânia (avó paterna). Como todas moravam juntas, nos conhecíamos da casa de Dona Adélia. Já nos primeiros atendimentos domiciliares, Vânia me olhava de canto de olho e raramente me cumprimentava. Minha presença incomodava. Era com esta filha, sem dúvida, a relação mais conflitante de Dona Adélia, que se queixava de sua falta de esforço em trazer dinheiro para dentro de casa, dos homens com quem se relacionava, da negligência no cuidado à neta. Desesperada com a morte de seu eterno e único arrimo, no dia do falecimento de Dona Adélia, Vânia é tomada por um acesso de raiva e chega a me acusar de tê-la matado ao abordar *aqueles* assuntos dolorosos.

Vanda, apesar de não ser sua responsável legítima, passa a se ocupar de Lidiane, sabendo, minimamente, onde ela está, deixando comida, comprando roupa, indo a uma ou outra reunião da escola, levando ao posto de saúde, e assim por diante. Inquieta com o súbito desinteresse de Lidiane pelos estudos, lembra-se que a menina sempre fora boa aluna, mas depois da perda da bisavó *anda meio no mundo da lua*. Com treze anos recém feitos na ocasião, Lidiane não suporta mais a escola e fica à toa, flanando pelo morro. – *Além disso, doutora, ela é uma menina muito bonita, fico preocupada dos homens se aproveitarem, ela não tem esperteza pra essas coisas. E fica o dia inteirinho na rua, a gente não tem como controlar quem se aproxima*. Fato é que eu não podia ouvir Lidiane sem a autorização de sua tutora.

Duas semanas depois de nossa primeira conversa, Vanda consegue trazer Vânia ao consultório. Achei por bem a primeira aguardar na sala de espera, para se criar mais facilmente uma empatia entre mim e a avó de Lidiane. Durante uma hora e meia, Vanda relatou as vicissitudes de sua própria vida, como sofria pela morte de seu único filho (pai de Lidiane e com quem não se dava), como se sentia a preterida da família e sentia que sua existência não passava de um grande infortúnio. Ao término da consulta, desculpou-se pelos ditos na ocasião da morte de sua mãe, considerou que talvez agora pudesse entender um pouco mais no que consistia uma terapia e, por fim, aceitou que a irmã trouxesse Lidiane para

uma entrevista comigo. Desde então, não interferiu mais no tratamento da neta, positiva ou negativamente.

2.1 Formando e rompendo laços: a função do apego

Lidiane era, naquele momento, a única bisneta de Dona Adélia. Sua mãe, Rosana, tinha 19 anos quando engravidou de seu namorado Márcio, à época, também com 19 anos. A avó gostava de dizer que Marcinho era o neto predileto, o mais inteligente da família e que, por isso também, Dona Adélia nutria uma afeição especial pela bisneta. Vanda conta que Rosana fizera duas tentativas de suicídio, após o que decidira partir não se sabe para onde. Lidiane ainda completaria seu primeiro ano de vida. O pai responsabilizou-se pela menina nos dois anos seguintes, quando trabalhava como motorista de van. Lidiane preserva dessa época a lembrança das viagens que o pai fazia a trabalho. No seu terceiro aniversário, a guarda da menina é transmitida à Dona Adélia, a quem ela chama de “vó” e Márcio chamava de “mãe” – a partir da adolescência ele nunca mais dirigira a palavra a sua mãe biológica. Dona Adélia se responsabilizou por Lidiane até vir a falecer.

A história dessa adolescente é fortemente marcada por separações e perdas, por interrupções de uma continuidade considerada, para autores da psicanálise como John Bowlby e Donald Winnicott, a base necessária para um desenvolvimento emocional sadio. Bowlby adota uma perspectiva um pouco mais darwiniana dos laços afetivos do que seu colega e conterrâneo, elegendo como ponto central de sua teoria e clínica, a crença de que a forte propensão de uma criança para se apegar à mãe e ao pai, ou à *figura de apego* (quem estiver cuidando dela), exerce a função biologicamente vital de reduzir o risco de que algum mal lhe aconteça¹⁹. Quanto mais dor, fadiga ou ameaça, mais ativado estará o comportamento de apego. Para ele, o vínculo entre a criança e sua mãe é produto da combinação de vários sistemas comportamentais que entram em atividade, tendo a proximidade de ambas como resultado

¹⁹ Dentre as teorias disponíveis na literatura psicanalítica e psicológica da época a respeito da natureza e origem do vínculo infantil, estava na base da maioria dos escritos psicanalíticos, e sustentada por Freud até o final, a teoria do impulso secundário. Segundo esta última, o vínculo do bebê à mãe resultaria de seu interesse primário em satisfazer suas necessidades fisiológicas, sobretudo àquelas concernentes a alimento e conforto. Tal perspectiva foi questionada pela primeira vez com os trabalhos de Lorenz sobre a noção de *estampagem* (*imprinting*), isto é, o processo de aprendizagem a partir do qual um filhote é capaz de reconhecer as características do primeiro objeto que vê em movimento ao nascer, normalmente a mãe, independente de haver recompensa alimentar ou de qualquer outra ordem.

previsível. Nessa interação, as respostas oferecidas por quem cuida da criança desempenham um papel determinante para que ela continue o processo de busca de cuidado. “O comportamento de apego é considerado uma classe de comportamento social de importância equivalente à do comportamento de acasalamento e do parental. Sustenta-se que tem uma função biológica que lhe é específica e que até agora tem sido pouco considerada” (BOWLBY, 1984, p.222)

Os estudos realizados por Bowlby e outros desenvolvimentistas da época procuram investigar a formação dos vínculos afetivos e certos padrões de comportamento inicialmente conceituados em termos de dependência e superdependência²⁰. A teoria dos vínculos proposta por este autor deriva da teoria psicanalítica das relações objetais, embora em alguns aspectos fundamentais, como é o caso do conceito de *pulsão*, dela se distancie. Seu interesse maior como pesquisador da psicanálise estava no impacto que os eventos da vida real (especialmente ‘separação’ e ‘perda’) podiam causar sobre o desenvolvimento emocional das crianças. Num período em que o foco da psicanálise apontava para as fantasias e para a realidade psíquica, Bowlby procura apoio na biologia de Darwin. Opta então por termos como *apego*, *busca de cuidados* ou *figura de apego*. Se era consenso, na cena psicanalítica da época, a idéia de que os laços afetivos de um bebê já estariam bastante desenvolvidos no final do primeiro ano de vida e seriam essenciais ao longo de toda a história relacional do sujeito, Bowlby viria discutir “com que rapidez esse vínculo [de apego] se estabelece, porquê processos é mantido, por quanto tempo persiste e que função desempenha” (BOWLBY, 2002, p.220). Em diálogo com Freud, Bowlby não tira a importância do alimento, nem da função libidinal na formação do vínculo afetivo, discorda, entretanto, da idéia de que o forte laço que o bebê desenvolve com sua mãe deriva do fato de que esta o alimenta. O comportamento de apego apresenta uma dinâmica distinta, na medida em que fala de qualquer forma de comportamento que tenha a intenção de alcançar e manter a proximidade com outra pessoa,

²⁰ Bowlby também distingue o conceito de *apego* da *catexia* freudiana, que não permitiria distinguir o objeto para o qual se dirige o comportamento de apego, do objeto a que se dirige o comportamento sexual, sendo que um é bastante diferente do outro (BOWLBY, 2002, p.284).

considerada pelo primeiro, mais apta a lidar com mundo. Sua função biológica seria, como já dito, de proteção.

Nos primeiros meses de vida, uma criança apresenta muitas reações que irão mais tarde se configurar como comportamento de apego²¹, embora se trate de um sistema que não se organiza antes da segunda metade do primeiro ano de vida. Bowlby acredita que, até então, o bebê não tem a capacidade cognitiva de manter sua mãe na memória enquanto ela não está presente - período que equivale àquele referido por Winnicott como de indissociação entre o eu e o não-eu. Apenas quando a criança ganha capacidade de representação, ela é capaz de criar um modelo funcional de sua mãe²² e do mundo, a partir do qual irá construir o modelo de si própria em interação com a mãe e com o mundo (BOWLBY, 1989, p.120). Os modelos funcionais servem como uma espécie de lente através da qual a pessoa irá enxergar um mundo, hostil ou receptivo, a partir do que irá perceber eventos, prever situações futuras, elaborar seus planos ou se relacionar. Ao longo da infância e adolescência, podem ocorrer mudanças em tais modelos - com frequência elas ocorrem -, incluindo a mudança de figuras para quem o comportamento de apego é dirigido.

O desenvolvimento satisfatório do comportamento de apego, na perspectiva deste psicanalista inglês, configura o centro de gravidade da saúde mental. Ao termo do primeiro aniversário, geralmente cada par mãe-bebê já desenvolveu um padrão altamente característico de interação. Gradativamente, o sistema de controle do comportamento de apego e sua ligação com os modelos funcionais de seu próprio *self* e das figuras de apego tornam-se traços centrais do funcionamento da personalidade, e tendem a perdurar ao longo da vida. Inúmeros estudos prospectivos apontam para a importância dos cinco primeiros anos de vida²³ na organização e persistência desses modelos, apesar de poderem se modificar caso os padrões das relações mais íntimas da pessoa se modifiquem. Quanto mais tarde, mais difícil torna-se a

²¹ O comportamento de apego seria organizado por meio de um sistema de controle inscrito no sistema nervoso central, de forma análoga aos outros sistemas de controle fisiológicos. É como se o apego 'intencionasse' uma homeostase afetiva, de modo que determinadas condições ativariam ou finalizariam o comportamento em questão. Bowlby percorre um estudo sobre a ontogênese do comportamento de apego e suas fases, mostrando como o bebê vai discriminando uma determinada figura ou mais de uma, pelo cheiro, pela voz e outros sinais, depois a forma como procura manter a proximidade com esta figura. A observação e a descrição minuciosa desse processo foi importante para a sustentação de sua teoria, mas vai além de nosso propósito presente. A quem se interessar, toda parte IV do primeiro volume da trilogia *Apego e Perda* é dedicada à ontogênese do apego na espécie humana.

²² Toda a vez em que aparecer a figura da mãe ficará subentendido que está se falando da função materna, a qual pode ser desempenhada por qualquer outro cuidador principal da criança.

²³ Como indicam os estudos da pioneira Mary Ainsworth.

modificação dos padrões pela persistência dessa organização, em grande parte porque um modelo tende a ser auto-perpetuante, ou seja, os padrões de comportamento de uma criança costumam reproduzir-se com outras pessoas. Basta pensar que, se uma criança se apresenta segura e feliz, a provável resposta do outro será diferente daquela oferecida à criança ansiosa, com um comportamento de evitação ou mais agressiva.

Ainda para este autor, há uma grande evidência de que durante o primeiro ou segundo ano de vida da criança, a estabilidade do padrão de apego e os próprios sistemas comportamentais são mais uma propriedade da interação com o meio, e mais precisamente com seu cuidador, do que da própria organização comportamental da criança. Existiria, desse modo, uma labilidade inicial do comportamento de apego que vai se estabilizando conforme o grau de continuidade da provisão do cuidado dirigido à criança. Não significa negar o papel do bebê nessa relação, mas dizer apenas que a capacidade de um cuidador em se adaptar até mesmo a um bebê mais difícil, mais imprevisível, favorece que este se desenvolva com mais confiança e estabilidade emocional, mesmo que o filho apresente padrões diferentes com cada um dos pais. A teoria do apego considera, em síntese, que as experiências iniciais de uma criança desempenharão um papel central na formação dos padrões de apego, logo, do desenvolvimento da personalidade da criança.

Mãe e filho apresentam padrões de comportamento variados, existe, porém, um equilíbrio dinâmico entre eles, inclusive para que a distância entre os dois não exceda um dado limite. Cada um tem sua função no sentido de aumentar ou manter a proximidade em relação ao outro. Bowlby descreve quatro classes de comportamentos distinguíveis nessa interação fundamental: o comportamento de apego, o comportamento exploratório (antítese do apego) da criança, o comportamento da mãe de dispensar cuidados e o comportamento da mesma que se constitui como a antítese do cuidado materno (quando ela se afasta, por exemplo). O cuidado materno, ou a função protetora que a mãe exerce é aqui é considerada também uma função biológica; o que não exclui a noção básica de que, seja no comportamento de apego ou em qualquer outro traço biológico, há sempre a interação da natureza e da aprendizagem. Assim, de acordo com a teoria bowlbiana, se houver continuidade, por volta dos oito meses em diante o bebê começa a usar sua mãe como uma *base segura* a partir da qual poderá realizar suas explorações do mundo externo.

O apego não desaparece com a infância, ao contrário, ele persiste ao longo da vida, direcionado a outras figuras novas ou antigas. Bowlby prefere distanciar-se das noções

propositoras de fases do desenvolvimento nas quais uma pessoa pode tornar-se fixada e/ou retornar. Ele evita os termos dependência e dependente, derivados da teoria do impulso secundário, pois remetem à noção de que o bebê se vincula à figura materna por ser dependente desta como fonte de gratificação fisiológica. Nas primeiras semanas de vida, argumenta Bowlby, o bebê estaria sim por completo dependente da mãe, mas ainda não apegado a ela. Inversamente, uma criança de dois ou três anos que está sendo cuidada por outras figuras poderá evidenciar, com grande clareza, um apego maior à mãe e não estar dependente dela (BOWLBY, 2002, p.283). A noção de ‘dependência’ seria uma referência funcional, ao passo que ‘apego’, na abordagem etológica, diz de uma forma de comportamento que é puramente descritiva e que não está presente apenas nos primeiros anos e sim ao longo de toda a vida. Não são, portanto, sinônimos e, mais do que tudo, transmitem idéias bastante diferentes. Ele argumenta ainda que a dependência é um conceito normalmente visto como desfavorável, algo a que se quer sobrepujar; já o apego é qualquer coisa que se deve preservar. É possível perceber, num adulto, elementos do comportamento de apego presentes no primeiro ano de vida, acrescidos de outros mais sofisticados. Talvez caiba aqui trazer a distinção que Bowlby sinaliza entre o *apego* e o *comportamento de apego*. Dizer que se tem apego por alguém, é dizer que se está fortemente disposto a buscar proximidade e contato com essa figura específica, principalmente quando se está assustado, cansado ou doente. É um atributo que pode se modificar com o tempo, mas não é afetado pela circunstância presente. Já o comportamento de apego configura apenas uma das quatro classes distintas de comportamento em jogo na díade mãe-filho, “refere-se a qualquer forma de comportamento que uma criança comumente adota para conseguir e/ou manter uma proximidade desejada. Em qualquer ocasião, alguma forma desse tipo de comportamento pode estar presente ou ausente, dependendo das condições que prevalecem no momento.” (BOWLBY, 1984, p.462)

Lidiane aceitou de pronto vir até o consultório, talvez pela curiosidade de conhecer a sala que a bisavó havia freqüentado. Já tínhamos conversado um pouco num dos atendimentos domiciliares, enquanto Dona Adélia terminava de providenciar a ‘quentinha’ de um cliente. Lidiane permanecia, porém, sempre muito reservada. Pergunto, em nosso primeiro encontro, se prefere entrar acompanhada ou só, ela balança os ombros como se fosse indiferente; Vanda então aguarda na sala de espera. Ao entrar no consultório, quer saber onde sua *avó* “se senta” - o uso do verbo estava mesmo no presente. Acomoda-se no mesmo lugar. Pergunta do que exatamente conversamos, explico da impossibilidade de responder aquela pergunta e

aproveito para explicar um pouco o propósito de estarmos ali. Faço também algumas perguntas, às quais ela responde com monossílabos. Não quer falar. Abro a possibilidade de ela então me fazer perguntas sobre a terapia. O que ela quer, no entanto, é saber quem sou: se tenho filhos, se sou casada, se moro perto dali, minha idade, minha formação. Compreendo sua necessidade de assegurar-se do terreno onde pisa, respondo, com atenção, todas aquelas perguntas. Ao final, exponho o motivo que levou Vanda a me procurar, da minha incerteza quanto a poder ajudar, mas de meu interesse em ouvi-la. – *Minha tia tem medo que eu caia na piranhagem, não é? Ah, não vem zoar pra cima de mim.* Lidiane se mostra indiferente ao que digo, a mim, aos motivos de Vanda, à própria Vanda. Pergunto se gosta de desenhar ou jogar algum dos jogos que tenho na estante. Sem muito entusiasmo, balança a cabeça de modo afirmativo. Digo à Vanda e à Lidiane que conversem entre si e, caso decidam iniciar o tratamento, telefonem para marcarmos. Na saída, Lidiane vê chegar desacompanhado um menino de sua idade aproximadamente. Fica curiosa e pergunta baixo para a tia se é meu paciente. Espera até que eu suba com o menino para se certificar. Já no dia seguinte, Vanda liga para fixarmos um horário.

Nesse momento, Lidiane não se recusa a vir, mas também não manifesta nenhuma demanda para estar ali. Não demonstra precisar de ajuda e, quando me interroga sobre o processo terapêutico de outras pessoas, mostra-se bastante cética de que aquilo possa ajudar alguém em seu sofrimento. Diz ainda não entender como eu posso receber pessoas que não têm condições de pagar meus honorários, pergunta se pertencço a alguma ordem religiosa, deixa clara sua desconfiança.

Foi abordado que, na configuração bowlbiana, o padrão de apego que uma pessoa desenvolve em sua infância é consequência da forma como os pais ou substitutos tratam-na e tende a ser determinante para o modo como virá a estabelecer suas relações com os outros e com o mundo ao longo de sua vida adulta. Bowlby utiliza-se dessa noção com a finalidade nosológica de fundar uma psicopatologia própria. Três padrões principais de apego foram inicialmente descritos por Mary Ainsworth e sua equipe em 1971 (BOWLBY, 1989, p. 121) e são identificados junto com as condições familiares que os promovem. O primeiro seria o apego seguro, onde o indivíduo está confiante de que será acolhido caso precise, o que facilita sua exploração do mundo. Geralmente são pais disponíveis e sensíveis aos sinais da criança, e fornecedores de respostas amáveis quando a criança procura proteção e conforto. Um segundo tipo é o apego resistente e ansioso, quando o sujeito se mostra incerto de que receberá apoio

caso precise. Por conta disso, ele tende constantemente à ansiedade de separação, tende a ficar “grudado” ao adulto e ansioso quanto à exploração do mundo. Este é um caso típico de pais instáveis, que podem ou não ser prestativos, onde costuma ocorrer separações ou ameaças como meio de controle. O terceiro tipo nos remete às relações de Lidiane. Trata-se do apego ansioso com evitação, onde além de o indivíduo não ter a confiança de poder ser ajudado, ao contrário, espera ser rejeitado. Existem gradações em todos esses tipos e, neste último, quando em alto grau, “a pessoa procura viver sua vida sem o amor e a ajuda de outros, tenta tornar-se auto-suficiente emocionalmente e, mais tarde, talvez seja diagnosticado como narcisista ou falso *self* do tipo descrito por Winnicott.” (BOWLBY, 1989, p.122) Como já mencionado, tais padrões podem se modificar (do contrário, uma terapia perderia o sentido) com maior ou menor dificuldade.

As sessões transcorriam sem muita conversa. Lidiane preferia desenhar e o fazia bem, apesar dos traços e motivos um tanto infantis para sua idade. As falas, quando aconteciam, permaneciam na superfície, sobre filmes e novelas, música, nunca assuntos mais subjetivos. Levou algum tempo para que eu identificasse, em suas narrativas, quem eram os *irmãos* (já que ela não tem irmãos de sangue), quem era *tio*, *primo* ou *avó* (ora Dona Adélia, ora Vânia). A árvore genealógica que ela cria raramente condiz com as relações biológicas de parentesco. Algumas formas de tratamento são escolhas dela, outras seguem a linhagem do pai, que tinha o mesmo hábito, segundo Vanda. Considera, por exemplo, os filhos dessa tia-avó que me procurou, seus irmãos, mas Vanda continua sendo a tia. A bisavó, como já dito, ela chama de avó e a avó, a maior parte das vezes, apenas de Vânia. A casa para ela é *aquele hospício*; não hesita em afirmar que gosta mesmo é da rua, pergunto por que: – *Na rua é mais divertido: a gente brinca, solta pipa, dança, conhece pessoas, escuta a música que quer. Eu não gosto de ficar presa dentro de casa.* Vanda conta que até o falecimento da bisavó, Lidiane era mais caseira.

É interessante pensar o processo de constituição subjetiva tal como proposto pela teoria do apego a partir de ambientes familiares inteiramente distintos de um típico lar inglês da primeira metade do século XX. Não apenas quanto às redes de cuidados, mas principalmente quanto à forma de violência e privação que se encontra hoje nas favelas cariocas, distante daquela que se via nos países europeus durante as grandes guerras. O caráter temporário daquela situação, o próprio significado da guerra para a população local, continham um significado que aqui não há. A violência nas favelas e suas conseqüências, não têm

perspectiva de fim. Existe aqui um forte componente que é a exclusão social, a desigualdade de oportunidades que inevitavelmente marca, ainda que não determine, o discurso, a identidade, o lugar que cada um ocupa ou almeja ocupar, o sentido de estar vivo. Os padrões de apego que a criança apresenta certamente são afetados por essa realidade coletiva, mesmo porque o desempenho da figura de cuidado depende em muito do suporte emocional de que ela própria dispõe no presente para além daquele que recebeu em sua infância. Vale lembrar que a privação afetiva não é uma dor física, não precisa forçosamente ter humilhação, nem mesmo precisa tratar-se de uma perda insustentável, como na vida de Lidiane. Pode ser um processo mais sutil “de um apagamento discreto e contínuo das figuras de apego” (CYRULNIK, 2006, p.48).

2.2 A (des) continuidade da vida

Numa das sessões, peço que Lidiane traga fotos da família. Pela primeira vez, ela fala de Márcio. – *Meu pai tinha um sócio, o cara era dono de uma van. A verdade é que o cara tinha a grana e meu pai era quem trabalhava. O filho da puta passou a perna nele. Pode falar palavrão aqui?* – Pergunta. – *Aqui pode.* – *Minha professora não deixa, mas aqui não é sala de aula, né?* – *Você falava do sócio...* – *Pois é, aí meu pai ficou sem grana, desempregado. Ele me dizia que queria me pôr em escola particular, curso de línguas, que queria me comprar roupas de marca, mas eu não ligava pra nada disso, ele é que queria.* – *Seu pai estudou até que idade?* – *Ele foi o único lá de casa que chegou a entrar na faculdade, mas largou, não tinha como pagar.* – *E aí?* – *Aí meu pai teve que fazer uns bicos pro Cabelo, um chefe lá do movimento. Aí o Cabelo se amarrou na dele, quis que meu pai ficasse direto com ele, mas meu pai não queria, não achava certo. Ele me dizia pra nunca chegar perto desse pessoal, pra não me meter com tóxico nenhum e que se ele fazia o que fazia, era pra eu ter uma vida diferente da que ele tinha.* – *Ele trabalhava no movimento fazendo o que? - Não sei bem, ninguém me contava, acho que ele começou como vapor²⁴, aí depois virou motorista do dono.*

- *Mas o sonho dele era ir mais eu morar na Bahia.* - *Por que a Bahia?* - *Ele diz que é porque baiano é da paz, vive num outro ritmo. Não sei, ele gostava muito de uma baiana que*

²⁴ O chamado “vapor” é aquele encarregado de vender a droga do tráfico. É uma atividade um pouco menos arriscada, porque a pessoa não permanece no confronto direto com a polícia e outras facções, mas é uma carga horária pesada.

namorou; ela não agüentou ficar aqui e voltou pra família dela, aí eles terminaram. Você é de onde? - Ela já havia me perguntado isso na primeira sessão. – *Sou de Salvador, de Itaparica, lembra? – Tinha esquecido.* – E quanto tempo faz que seu pai se separou dessa baiana? – *Ah não sei data não, sou muito ruim em matemática, acho que tem uns dois anos que eles cortaram a fita. Ela foi a única namorada do meu pai, maneira comigo.* – As outras eram como? - *Tinham ciúmes, não queriam que ele ficasse comigo, falavam mal de mim pra ele, essas coisas de quenga mesmo.* Não menciona sua morte. Pergunto apenas quanto tempo faz que ele faleceu. Desconversa. – *Meu pai nunca fez crueldade como esse pessoal que veio pra comunidade. Era contra mexer com a mulher dos outros, era contra o “microondas”²⁵. Ele dizia que os mais jovens eram os piores, principalmente quando não tinham crescido no morro como nós. Esse povo não tem medo de matar, nem de morrer.* Casos de humilhação, expulsão das casas, expropriação de bens, assédio sexual são freqüentes nos relatos de Lidiane.

O pai trabalhou para o tráfico daquela localidade por seis anos, trocou de facção quando uma rival assumiu o poder na favela. Segundo Vanda, por conta disso, não tinha sua entrada permitida em diversos pontos da cidade: ruas, shows, outras favelas. Para além da ascendência do pai, Lidiane, como tantas outras crianças moradoras de favelas onde existe a presença do tráfico, participam desse comércio, são afetadas por seu vocabulário, por sua cultura, por seus conflitos. Trata-se de um poder simbólico e factual que incide na formação dessas crianças, atravessando desejos, crenças e hábitos. A idade de ingresso no tráfico diminui cada vez mais²⁶. Vanda conta que Lidiane, aos oito anos, já conhecia as grifes ou cores que não se podia usar, as palavras a não pronunciar, distinguia o som de uma AR-15, de uma PT-92²⁷. Mantinha-se informada sobre as ações vindas do lado da polícia ou dos traficantes e era uma grande defensora do *movimento*. Hoje ela narra com propriedade a rivalidade entre os chefes de diferentes pontos de venda da comunidade, discute as investidas para tirar a facção dominante da liderança, critica certas movimentações.

Em uma sessão, aconteceu de ouvirmos alguns tiros. Ela identificou de que armas se tratavam e discorreu com propriedade durante uns vinte minutos sobre o armamento usado pelo tráfico ou pela polícia, mostrando verdadeira fascinação pelos dispositivos em posse dos traficantes.

²⁵ Gíria que significa o ato de inserir uma pessoa em pneus de caminhão embebidos em gasolina e atear fogo.

²⁶ ²⁶ Recentemente, traficantes dessa localidade em questão, na tentativa de reverter esse quadro de crianças no *movimento*, baixaram a regra segundo a qual é preciso completar dezesseis anos para trabalhar para eles.

²⁷ Armamentos usados pelo tráfico.

– *Cara, você já viu que irado as paradas que o movimento consegue, tipo chegou há pouco tempo um equipamento super-ultra-moderno de visão noturna [que nem mesmo a polícia detém]? Dá a impressão de uma espécie de seriado policial onde ela se sente figurante, ao mesmo tempo que espectadora. Aliás, é bem semelhante ao entusiasmo com que se refere aos atores e tramas das telenovelas. Com estes, porém, nunca teve uma proximidade de fato. Tais são, de longe, os assuntos preferidos de Lidiane, que resiste em passear por outros aspectos de sua intimidade.*

O ano em que Vanda me procurou para atender Lidiane foi um período tumultuado naquela localidade, os conflitos do tráfico com a polícia acirraram-se ainda mais e as irrupções da polícia passaram a ser freqüentes na casa deles - talvez pelo fato de o “dono do morro” ter ido morar perto deles. O grande fantasma das drogas ou das companhias dos integrantes do tráfico inquieta a tia-avó, tanto quanto a mim. Apesar de nunca ter comentado comigo nada sobre namoros ou flertes, quando eu puxo o assunto, apenas diz que acha os rapazes da facção rival do morro mais atraentes, segundo ela por serem mais fortes e pelos funks que cantam. Pergunto se tem gente da sala dela no movimento. – *Claro, ué, mas a maioria dos que entram no movimento, saem da escola. E, do movimento, é ruim de sair. O cara só sai morto. Vai em cana e só vê a hora de voltar pra bandidagem.*

Seu cotidiano é interrompido com freqüência pela polícia arrombando sua porta ou matando e torturando seus conhecidos. – *Porque chegou tão cedo hoje, não teve aula? – É, não teve aula, tá a maior confusão na porta da escola, saí um pouco atrasada de casa e, no caminho, encontrei uma colega voltando, dizendo que não ia ter aula porque começaram a trocar tiros na porta da escola. Já tinha até gente sangrando por lá. Nesse mesmo dia, conta que uma de suas melhores amigas entrou pro movimento e morreu. – Ela era puta com o povo do movimento porque um dia, quando ela estava de vermelho, deixaram ela de calcinha e sutiã no meio da rua. Mas aí, noutro dia, ela começou a sair com um fogueteiro. É mole? O cara ganha 300 reais por semana para soltar os fogos quando vir um policial. O cara levava ela pro cinema, pra baile, dava presente. Pronto, ganhou a mina. – Como foi que ela entrou? – Começou como todo mundo, com um servicinho aqui, uma recompensa ali. Gostou da fama que isso dá, ficou toda metida e foi gostando. Mas às vezes as pessoas entram porque são gente fraca, aí os traficantes oferecem a droga, deixam a pessoa pagar depois, sabendo que ela não vai ter condição de pagar. Aí se ela não pagar, ameaçam, dizem que vão matar, fazer e acontecer. Aí o drogado vai, pega até as calças pra vender e pega mais droga, aí não tem*

como, começa a trabalhar pro movimento pra pagar a droga. É assim. – Sua amiga não se drogava? – Acho que não. – Porque que sua amiga morreu? – Porque ela teimou. Quando você é de uma favela, mais ainda quando é do tráfico, tem que andar no bonde, não pode sair sozinha, se não cai. Aconteceu que ela tava em outra comunidade, da mesma facção que a nossa, fazendo um serviço pra mãe dela e o pessoal lá achou que era alemã²⁸. Deu mole, não teve atitude.

Vânia, a avó, sugere que ela comece logo um trabalho no intuito de motivar-se, já prevendo que ela não terminará os estudos. O abandono da escola implicaria numa evidente redução de oportunidades de trabalho para a menina no futuro e, logo, prejudicaria a possibilidade de uma maior realização profissional para Lidiane. No ano em que iniciou seu tratamento, ela estava na série correta para sua idade, o oitavo ano do ensino fundamental. Suas notas, entretanto, não eram boas e seu comportamento de mais a mais negligente com as tarefas da escola. Pergunto a Lidiane o que ela mais gosta de fazer. Responde que é ficar na rua, onde ela provavelmente encontra mais acontecimentos de vida e de afeto. Pergunto então se ela gosta da escola, ela explica. – *Gostar de que, se nem tem aula direito? Daquela mulher berrando o tempo todo, tacando o apagador na cabeça da gente. Aquela lá é doente dos nervos, não podia estar em sala de aula. Precisa de ver, é muita briga naquela sala, entre os alunos, entre os professores... Fora que já tomaram a escola pra boca, ficam vendendo as paradas no banheiro, no meio da sala mesmo. Outro dia estava tendo prova, eu quieta fazendo a minha, só sinto aquele cheiro de bagulho²⁹, estavam um passando pro outro no meio da prova!* – E a professora não percebeu? – *Que nada! Como estava, ficou, lendo seu jornalzinho.* – E o pessoal também se droga na escola? – *Direto, como, geral puxa loló no banheiro, fuma bagulho num matinho atrás da escola, tem nego até que cheira.* – Da sua idade? – *Até menor, mas é mais comum cheirar cola, porque eles não têm grana pra coca. E é aí que uns começam a roubar.* – Mas você gosta de estudar? – *Depende o que.* – Do que você gosta? – *Gosto de história. Acho legal saber como era no tempo dos escravos, saber sobre as guerras, as revoltas.* – E você pensa em ter alguma profissão? – *Eu quero ganhar meu dinheiro, profissão mesmo, não penso, não. Eu queria mesmo era ser atriz, mas pra isso eu não precisava ir pra escola, tinha que ter nascido bonita e rica.*

Fui à escola de Lidiane conversar com a coordenadora sobre seu comportamento na escola e suas faltas. Foi desanimador assistir à descrença com que esta senhora se referia à Lidiane, a

²⁸ Gíria para dizer inimiga.

²⁹ Refere-se ao cheiro de maconha.

cada aluno, à pequena quantidade de professores para o número de alunos e à falta de infraestrutura para o funcionamento da instituição. Comentou o aumento do índice de maternidade precoce nas localidades mais pobres da cidade³⁰, do abandono da escola por parte dos adolescentes que ingressam no tráfico e, em relação à Lidiane, esboçou pena e impotência. A conversa não avança muito, peço que me telefone caso perceba algo que a preocupe em minha paciente. O desabono, no entanto, com a situação desses adolescentes, sem modelos ou estímulo para que estudem, com a escola municipal que, segundo a própria coordenadora, se tornou depósito, deixam a certeza de que ela não ligará. Quando eu estava na porta, já de saída, esta senhora conta que alguns dias antes, um grupo de alunos se juntou e fez um bonde na escola à noite: - *Levaram algumas coisas, destruíram outras, picharam os muros, tocaram o terror. Na falta de segurança pública, somos nós que temos que dar conta disso tudo.* Sugiro à Vanda que conheça outras escolas, mas não é tão fácil trocar um aluno de escola pública, como na rede particular.

Era nossa sexta sessão; a primeira vez que ela vinha desacompanhada. – Quem lhe trouxe hoje? – *Eu mesma, minha tia ficou de merda! Ela é muito careta, diz que não vai sair na rua comigo assim* [de saia curta e decote mostrando parte dos seios]. *Não vai?! Então fui!* [...] – Num geral, vocês se dão bem? [Faz com a cabeça um sinal de mais ou menos.] – *Ela é mó X-9³¹, vacila muito.* – E pra quem ela conta as coisas? – *Antes era pra minha vó, agora é pro meu irmão [Caio] ou pra Vânia. Aí meu irmão vem e me dá uma coça, aí ela fica toda satisfeita.* – Isso acontece com frequência? – *De vez em quando. Eles todos acham que eu sou a maior 171³², não acreditam em nada que eu falo. E eu fico como?* – Ele é desconfiado com todo mundo ou é só com você? – *Não sei, teve uma vez que ele me viu matando aula e armou o maior barraco. Mas mesmo antes disso, ele já não acreditava em mim. Acho que é com todo mundo. Fica lá fazendo merda no movimento, depois quer botar banca de chefão pra cima de mim.*

³⁰ Coerente com o Censo Demográfico 2000 do IBGE.

³¹ Na linguagem popular, quer dizer delator.

³² Referência ao crime de estelionato descrito pelo artigo penal 171. Quer dizer, na gíria, mentiroso.

2.3 Entre a base segura e o desapego, as reações defensivas

A possibilidade de confiar em si mesmo e no outro se ergue em grande parte com base na continuidade do ambiente, isto é, na provisão dos pais (ou substitutos) e na estabilidade no mundo exterior. Não importa o grau de parentesco das pessoas que vivem com a criança, mas o que se passa com ela, os cuidados dedicados a ela. Estes, segundo Bowlby, podem ser de duas ordens: das necessidades imediatas, como alimentação, calor, abrigo e proteção; e de um ambiente (de afeição e segurança) que permita à criança desenvolver ao máximo suas capacidades físicas, mentais e sociais para que lide o melhor possível com o meio no qual viverá quando adulta. Nas classes populares, são comuns moradias onde vivem três ou quatro gerações da família, como é o caso de Lidiane, além de uma vizinhança muito próxima e solidária (como mencionado no capítulo anterior). Esse tipo de ambiente familiar tem a vantagem de dissipar a responsabilidade dos pais; ou seja, quando a mãe ou o pai não estiverem em condições de cuidar da criança, é mais provável haver alguém já da intimidade da criança para desempenhar o papel. Assim, ocorre com frequência da criança “adotar” ou ser adotada afetivamente por alguém mais disponível a ela naquele momento, a figura de cuidado principal passando a ser com certa frequência (circunstancialmente ou mesmo prioritariamente) outra pessoa que não a mãe.

Por outro lado, contextos marcados pela privação das necessidades básicas ou por violência, facilmente desarranjam a continuidade desse ambiente. Torna-se difícil aos cuidadores, nesses casos, manter a estabilidade necessária para a provisão de uma base segura a partir da qual os filhos possam explorar o mundo exterior e a ele retornar certos de que serão bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver sofrimento, encorajados se estiverem amedrontados (BOWLBY, 1989, p.25). Este seria, no entendimento do psicanalista John Bowlby, o papel vital dos pais ou das figuras de apego³³, como as nomeou. A base emocional segura ou, dito de outra forma, a experiência subjetiva de uma ordem rotineira estável, fornece à criança e ao sujeito adulto, a possibilidade de continuar e encontrar soluções criativas para lidar com as situações de violência, perigo e insegurança.

Bowlby, enquanto grande estudioso das relações precoces, ou dos cuidados maternos, e seus efeitos sobre o desenvolvimento emocional da criança, alerta para fatores que marcam a

³³ Trata-se de um cuidador a quem o comportamento de apego será dirigido. Dependendo de como e por quem a ela é cuidada, podem existir várias *figuras de apego*, sendo que geralmente uma principal (mais ou menos importante).

experiência subjetiva, como a idade da criança no momento da separação, a duração da separação, a história da criança até a separação e o modo como ocorre a separação. A história de Lidiane é precocemente interrompida por diversas separações e perdas potencialmente patogênicas: o abandono da mãe, a instabilidade do cuidado paterno e futuramente seu falecimento, a falta de tempo de Dona Adélia (principal figura de apego) para cuidar da bisneta, a instabilidade do contexto em que vive. Na casa de Dona Adélia, ninguém confia em ninguém. A caçula tem medo até que seus “irmãos” roubem suas coisas dentro de casa. Do lado de fora, o ambiente de guerra, o tráfico ditando as regras, a polícia volta e meia invadindo a casa com violência.

As crianças na favela, como fora mencionado, costumam ter vários cuidadores e nem sempre é tão fácil, como em outros meios, identificar o principal. Para Bowlby, é importante que haja uma figura de cuidado principal; no caso de Lidiane era certamente Dona Adélia. Junto com o pai, são as únicas pessoas da família a quem ela se refere com carinho. O pai talvez tenha algum dia ocupado esse lugar, talvez esta constitua uma das maiores perdas de Lidiane. Vanda hoje é a provedora, a quem Lidiane recorre quando precisa de dinheiro ou da permissão para ir a algum lugar, mas não é um ponto de aconchego para os momentos de desamparo ou tristeza.

Quase toda criança escolhe habitualmente uma pessoa, com frequência a figura materna, a quem recorre em situações de desconforto³⁴. Na sua ausência escolherá outra, a mais próxima ali disponível ou a mais confiável na perspectiva da criança. Essa hierarquia é fácil de distinguir especialmente quando se observa uma criança ao sentir-se ameaçada. Lidiane escolheu Dona Adélia como sua figura de apego principal, antes mesmo de seu primeiro aniversário, quando ainda tinha a mãe e o pai por perto. A tia-avó conta que com poucos meses, era com a bisavó que dormia e se alimentava mais facilmente, com quem se acalmava quando tinha cólicas ou qualquer outro incômodo. Sua saúde mental certamente se deve, em grande parte, aos cuidados da bisavó. Foi amamentada durante quatro meses e foi ela mesma quem passou a recusar o seio da mãe. Em poucos dias o bebê é capaz de distinguir sua figura materna de outras pessoas pela voz, o cheiro ou a maneira como ela o segura; a relação de apego nesse momento está ainda em formação. Pergunto o que houve nesse quarto mês de vida de Lidiane. De acordo com Vanda, as brigas se intensificaram entre os pais, a mãe chegava com frequência alcoolizada em casa e ameaçava ir embora; a pequena de tudo

³⁴ Importante reforçar que comportamento de apego, não é sinônimo de laço de apego, este mais duradouro e restrito a poucos.

participava, sendo que não há nada pior, para uma criança, do que as ameaças de abandono por parte dos pais.

Quando a proximidade da mãe não é alcançada e, ao contrário, a criança é exposta sem desejar a um período de separação da mesma, seu comportamento então costuma apresentar uma seqüência típica de respostas de defesa que, para Bowlby, mais uma vez sob a forte influência da teoria evolucionista de Darwin, devem ser compreendidas como fases de um mesmo processo (BOWLBY, 1984, p.30-31)³⁵. De início a criança protesta vigorosamente e tenta recuperar a mãe. Em seguida desespera-se, preocupada com ela e mantendo-se à espera de seu retorno. Depois disso, a criança gradativamente vai perdendo o interesse na figura materna e se torna emocionalmente desapegada. O desapego não se prolonga indefinidamente, conquanto que o período de separação também não se alongue por demais. Ao voltar para o convívio com a mãe, volta a manifestar o apego. A criança insiste em permanecer ‘agarrada’ a ela e manifesta uma forte angústia ao suspeitar de que a perderá novamente. O protesto, o desespero e o desapego podem se revelar patologias ou não, de todo modo, se o ambiente é estranho e a criança não está acompanhada de pessoas conhecidas, sem dúvida a aflição da criança tende a se intensificar.

O desapego é uma reação de defesa recorrente em Lidiane. Mesmo ferida, ela não costuma buscar conforto, manifestando, ao contrário, sua auto-suficiência emocional. Inicialmente, recusa o seio materno, pouco depois recusa a própria mãe, Vanda nos conta que, mais tarde, quando Márcio começou a trabalhar e viajar com a van, ela costumava, em seus regressos, tratá-lo como um estranho. Nas primeiras viagens, passados alguns dias de seu retorno, ela grudava no pai e, no momento em que este anunciava a próxima viagem, ela era tomada por forte ansiedade e acessos de raiva. A ameaça de separação, além de provocar o que Bowlby chamou de ansiedade de separação, desencadeia uma raiva na criança cuja função inicialmente é dissuadir a figura de apego de continuar a ameaça, mas que também pode tornar-se disfuncional, quando se volta contra a própria criança (BOWLBY, 1989, p. 42). Era o que ocorria com Lidiane. Conforme foi crescendo, Lidiane mostrava-se de mais a mais indiferente às suas partidas.

³⁵ Bowlby cita vários estudos rigorosos realizados na época a respeito do comportamento das crianças separadas dos pais. Opta por se utilizar dos dados de uma pesquisa realizada por James Robertson com crianças no segundo e terceiro anos de vida. Os experimentos foram feitos nas casas dessas crianças, sendo que todas haviam passado algum período em creches residenciais ou enfermarias de hospitais. Tais reações, embora tenham sido identificadas em outro tipo de experimento e por outros pesquisadores, claramente tornam-se características de um determinado padrão de apego, quando se trata de uma situação que se repete com alguma frequência na relação da criança com a figura de apego.

Esse trabalho não dura muito mais do que um ano para Márcio. Ele rompe com o sócio da van e procura trabalho mais perto de casa. Tenta retomar a faculdade, mas não consegue arcar com a mensalidade. Dessa vez o relato é de Caio, o primo: – *Depois de nove meses sem encontrar um emprego que desse pra ele, Marcinho começou a fazer uns serviços pro movimento. Iniciou como avião do tráfico, o cara que recebe o pedido e vai entregar a droga. Vendia uma droga aqui, outra acolá, eu nem tava lá ainda, era moleque. Como ele dirigia bem, passou a transportar a mercadoria para pontos mais distantes, fazia entregas na casa de bacanas, coisas assim. Ganhou uma boa grana por isso, dava pra pagar a faculdade, as contas da casa e mais um pouco. O que ele queria mesmo era estudar, mas aí ele não tinha mais tempo pra nada e acho que nem cabeça. Além do que, o cara tinha um gênio forte, não gostava de receber ordens, a lida com os chefes era sempre de muito choque. Até que um dia desconfiaram que ele era X-9, que tava passando os lances todos pros homens [a polícia] e queimaram ele. Foi injusto, ele me contou a parada, ele só tava molhando a mão dos caras justamente pra fazer o trabalho dele. Não sei também se teve mais coisa na parada.*

Márcio foi assassinado dois anos antes de sua filha iniciar seu tratamento, por integrantes da facção à qual pertencia, pela desconfiança de que fosse um delator a serviço da polícia. Houve apenas uma missa, pois seu corpo não foi encontrado. Na primeira conversa que tive com Vanda, pergunto sobre a reação de Lidiane ao tomar conhecimento da morte do pai. Vanda narra um único episódio de raiva e choro intenso logo após receber a notícia, quando ela quebra a cama onde o pai dormia e rasga alguns pertences, como roupas e fotos; depois disso, ninguém mais a viu chorando, nem comentando a respeito. O assunto era evitado para que não se abordasse o real motivo de sua morte. Não lhe foi falado e Lidiane, de seu lado, nunca perguntou.

Na ocasião do falecimento de Dona Adélia, também chamou minha atenção o desafeto de Lidiane, em vista do que a bisavó representava para ela. Mais uma vez não se fala a respeito e a pequena vive seu luto esquivo e solitária. Tento abordar o assunto, ela desvia. Atualmente, ela não manifesta laços ou comportamentos de apego, não demonstra amar, nem ser amada. O máximo que expressa, em nível platônico, é dirigido a algum ator ou músico célebre, como expus anteriormente. A descontinuidade de sua história certamente a fez paralisar numa exclusão defensiva de seus apegos. O trabalho com ela basicamente se deu a esse nível, no sentido de que ela pudesse ter contato com seus afetos, que pudesse ganhar confiança e criar algum vínculo comigo (o que durou mais de dois anos para eu me assegurar que, de fato, isso

acontecida), que pudesse ainda chorar as perdas e significar suas experiências dolorosas de sua vida. O único momento em que demonstra a vontade de estar ali comigo é na hora de encerrarmos a sessão. Longe da indiferença do início, ela agora manifesta alguma ansiedade ao fim das sessões, implora por mais cinco minutos ou por *só mais um desenho*.

Os solavancos (patogênicos) que Lidiane recebeu desde a primeira infância são notados não apenas em seu desapego, mas na falta de sua autoconfiança, assim como na crença de que não é possível contar verdadeiramente com a presença e o apoio de ninguém. É com muito custo que fala daquilo que não pode ser contado a seus familiares. A diversidade de estudos neste domínio mostra que um número importante (se não a maior parte) dos quadros clínicos mais graves a que temos acesso no campo da saúde mental, decorre da descontinuidade do cuidado parental, seja por experiências de separações (quando a iniciativa é tomada pelo cuidador), seja por perdas (quando ocasionada por terceiros).

As sessões transcorriam com muitos jogos, desenhos e poucas conversas. Um dia, Lidiane entra no consultório dizendo que *naquele dia* ela queria desenhar (coisa que fazia em todas as sessões). Estava especialmente silenciosa. Achei que não deveria fazer perguntas ou puxar conversa como normalmente eu fazia. Faltando 10 minutos para o fim da sessão, ela fala com ar indiferente: - *Sabe aquele meu irmão mais alto, o Jacaré? Pintou sujeira e ele foi encontrado lá no valão, sem as unhas*. Referia-se a um primo que há pouco tempo ingressara no tráfico. Não era a primeira vez que narrava situações em que pessoas próximas tinham sido mortas ou feridas, sem esboçar qualquer expressão de pesar e indignação. Pergunto como ela se sente. - *Fez merda, ou rala peito ou vai pro ralo*. - Responde rindo. Rasga o desenho, como de hábito, levanta-se para encerrar a sessão. Lembro apenas que os desenhos dela para mim têm valor, peço que ela me deixe guardá-los.

2.4 Traumatismo e resiliência

O conceito de trauma é uma noção central na psicanálise por seu caráter etiológico na formação de psicopatologias. Sua compreensão, no entanto, divide este campo de saber. Inúmeros estudos foram dedicados à natureza do trauma, à idade em que ele pode ser determinante, aos tipos de eventos potencialmente mais traumáticos e aos efeitos sobre o psiquismo. Em todo caso, é consenso na cena psicanalítica que existem poucos golpes a alguém tão graves quanto os que advêm da perda de um ente querido. A experiência traumática envolve duas classes de fatores: o evento em si e a constituição psíquica do indivíduo que a experimenta. Quando um evento não é para o sujeito passível de elaboração, quando a ele não é possível atribuir sentido, uma reação patológica é provocada. Cada um é singular quanto ao que pode ou não suportar e existe ainda uma variação em relação ao que a mesma pessoa pode tolerar ao longo de sua própria vida; nos primeiros cinco anos de vida, por exemplo, é o que defendem os psicanalistas mais estudiosos do desenvolvimento emocional infantil, ela certamente é mais vulnerável. O conceito de trauma abrange, portanto, algumas condições causais e conseqüências subjetivas.

Bowlby se afina à teoria geral das neuroses, contudo ele designa, à separação ou à perda da mãe, o papel de protagonista na origem do trauma (BOWLBY, 2002, p.13). Para este psicanalista, a separação precoce da figura materna ou seu desinvestimento abrupto no período de seis meses a seis anos de idade, constituem os principais agentes patogênicos de um trauma. São fatos não acessíveis à representação por parte do bebê e que, por conta disso, produzem efeitos traumáticos e desencadeiam mecanismos defensivos que podem, com facilidade, se transformar futuramente em psicopatologias. Outra diferença dessa perspectiva compartilhada por John Bowlby, diz respeito ao caráter prospectivo das especulações teóricas. Na psicanálise tradicional, a tentativa de explicar a personalidade e a formação de psicopatologias em sua ontogênese parte de uma síndrome ou de um sintoma clínico para, então, retrospectivamente, formular hipóteses sobre eventos que podem ter acarretado tal desenvolvimento. Aqui, o procedimento é o inverso, parte-se da observação do comportamento de crianças muito pequenas em situações cotidianas para tentar descrever um padrão que remete ao funcionamento de sua personalidade. Tais observações dizem basicamente da interação bebê-figura materna e dos padrões de respostas de um e outro que são classificados nos tipos de apego mencionados em tópico anterior.

Enquanto que nas provações difíceis da vida há sofrimento, luta ou sentimentos de ódio, mas também o sentimento de se estar vivo e a superação da situação, no caso de um traumatismo, as pessoas permanecem prisioneiras de seu passado e revêem muitas vezes, durante anos, as cenas do que viveram. O significado de um acontecimento depende muito do olhar do outro. Se ele mostra desgosto, piedade, horror ao que aconteceu, seu olhar é capaz de transformar a provação em traumatismo. Muitas vezes é no discurso social, por exemplo, que se deve procurar compreender o efeito devastador do trauma. Existe uma tendência geral a vitimar a pessoa que viveu uma experiência traumática condenando-a a permanecer vítima por toda sua vida. Somos, felizmente, dotados de estratégias adaptativas que nos ajudam a sofrer menos, por isso um trauma é reparável mesmo que não reversível. Todo sujeito possui, em algum grau, uma tendência ao equilíbrio, à busca de alívio, à normatividade³⁶. Possuímos estratégias de adaptação às perturbações pós-traumáticas que visam fazer-nos sofrer menos. Tal adaptação diante de um trauma acontece em dois sentidos. Ela nem sempre é benéfica, principalmente nas crianças, quando implica na amputação de sua personalidade, na submissão, na renúncia da autenticidade, no esfriamento afetivo, na desconfiança. Já outras reações podem ser salvadoras, embora condenadas pela sociedade. É o caso das crianças abandonadas que vão para as ruas e sobrevivem tornando-se delinquentes. No caso de Welles, por exemplo, fugir de casa foi a solução mais resiliente que encontrou. Aprender a roubar, saber se juntar a outros de um bando, tem aqui o valor de adaptação a uma família ou a uma sociedade torta.

Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos trabalhos foram empreendidos em torno dos traumas e da eliminação dos riscos. Se a noção de traumatismo psíquico, recente na época, era associada a maus-tratos, a violências escolares ou sexuais, a agressões, naquele momento passam a falar nos efeitos das atrocidades, das catástrofes. Na psicanálise, o primeiro a trabalhar a idéia de resiliência foi o próprio Bowlby, em seus escritos sobre a teoria do apego. Para Bowlby, um ego mais resiliente mostra maior facilidade em adaptar-se às mudanças da vida, tem flexibilidade em seu repertório comportamental, e maior capacidade para processar informações contraditórias e conflitantes. A pessoa instável mostra pouca flexibilidade e reage a situações estressantes sustentando rigidamente sua resposta original ou se desorganizando. Informações contraditórias deixam-na geralmente ansiosa (BOWLBY, 2002, p.451)

³⁶ No sentido canguilhemiano do termo.

Um ponto importante deste estudo é a idéia de que o caminho que um sujeito segue e o grau de resiliência que ele apresenta ante as adversidades da vida são fortemente influenciados pelo esquema de apego que desenvolveu nos seus primeiros anos de vida. Uma base segura ou um apego seguro ajudaria o caráter resiliente de uma pessoa, ao passo que um apego do tipo ansioso implicaria na falta de resiliência. Dito de outra forma, uma criança que recebe apoio durante seus primeiros anos, cujos cuidadores são cooperativos e favorecem a continuidade desta relação, essa criança tende a manter a crença na utilidade dos outros, uma confiança e competência maior para lidar com as dificuldades da vida, em especial, às rejeições, separações e perdas. A resiliência não foi um conceito aprofundado por Bowlby, ele apenas sugere, no fim de sua vida, que se invista em trabalhos a respeito do assunto.

Recentemente, o conceito voltou à esfera acadêmico-psicanalítica, ganhando um destaque na França com os livros de Borys Cyrulnik. Etólogo, psicanalista, psiquiatra e escritor, ele tornou-se conhecido na última década por evocar a noção de resiliência e popularizá-la a partir das histórias de vida de sobreviventes de adversidades severas, violências físicas e morais. Cyrulnik reabriu o campo da pesquisa na área da etologia humana. Com base na observação possível em sua clínica como psicoterapeuta, assim como nas pesquisas realizadas em países como a Bósnia, o Camboja, a Rússia e mesmo o Brasil, ele aborda, nos casos mais terríveis, a possibilidade de uma pessoa se recuperar dos efeitos de um traumatismo, de se reconstruir e viver de maneira satisfatória, apesar das dificuldades e das situações traumáticas às quais pode ter sido confrontado no curso de sua existência e no lugar de se condenar à vítima do trauma para o resto da vida. Isso graças a algumas faculdades adquiridas na infância e ao apoio recebido depois de uma experiência traumática. A noção de resiliência remete a um conceito amplo, tomado emprestado da física³⁷, para falar do fenômeno psíquico que consiste nessa capacidade do indivíduo de se refazer; diz de uma atitude diante da vida. Foi a partir da constatação de que algumas pessoas conseguiam resistir melhor do que outras a adversidades de graus semelhantes e conviver melhor com seu passado, que o termo ganhou importância. Cyrulnik o define como “a arte de navegar na tempestade” [*l’art de naviguer dans les torrents*], remete ao que está além dos próprios acontecimentos, ao significado que estes assumem na história de cada um.

³⁷ Na física, o termo designa a propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida, quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica.

Em tempos de hiperconsumo e máximos desempenhos, cabe dizer que se tornar resiliente não significa tornar-se invulnerável, não significa negar o peso afetivo dos acontecimentos, nem viver nas e das superfícies. A resiliência remete a um processo adaptativo que ocorre em dois tempos. Ela implica de início a irrupção de um traumatismo cuja origem pode estar em um único e importante fator, ou pode estar na soma de pequenos eventos que ultrapassam as possibilidades de elaboração defensiva e mental do sujeito; em seguida ela aponta para uma atitude do sujeito face a ele. Dessa forma, está-se falando da variedade e da rigidez ou flexibilidade dos mecanismos defensivos de que o sujeito pode se apropriar para lidar com os afetos e representações desagradáveis suscitados, está-se falando ainda da elaboração posterior das tensões geradas, ou seja, da capacidade de traduzir em palavras, em representações verbais compartilháveis, os afetos vividos - essa capacidade narrativa de transformar afeto em representação que nos leva à base do processo analítico.

Os mecanismos de defesa são bastante diversificados e têm um papel central no sentido de favorecer a resiliência a cada vez que o indivíduo é confrontado a um excesso de sofrimento. Constituem, então, importantes dispositivos intrapsíquicos de proteção como o devaneio, o humor, a clivagem, a negação, a intelectualização. Não cabe aqui desenvolver cada um, mas apenas dizer que tais reações podem ser usadas de forma flexível, contribuindo para a atenuação do impacto das representações e afetos perturbadores associados à situação traumática, numa etapa que precede a elaboração mental das excitações. Mas podem também ser utilizados de forma rígida. Neste caso, mesmo que mantenham a função de preservar o sujeito de um desequilíbrio maior e que ajudem a uma aparente adaptação social, é difícil falar de resiliência, pois tais sujeitos têm uma perda importante da vida emocional e relacional, da espontaneidade e criatividade.

A resiliência é um mecanismo diferente para o adulto ou para a criança. Na criança fala-se de resiliência quando ela mantém, apesar de um meio desfavorável, a criatividade, a capacidade de aprendizagem coerente com sua idade, quando ela consegue continuar se socializando sem grande inibição ou instabilidade. Em todo caso, se os recursos internos tiverem sido minimamente adquiridos e, ao redor, após os eventos traumáticos, existirem recursos externos – como o que Cyrulnik chama de tutores de superação ou de resiliência –, tem-se mais chance de reconstrução. Apesar de seu sofrimento, uma criança que passou por um traumatismo não está forçosamente condenada a ser vítima para o resto da vida, a permanecer enquadrada num diagnóstico que lhe impedirá de se refazer. Crianças maltratadas não estão condenadas a

se tornarem maltratores, não é obrigatório que haja uma continuidade, apesar de, freqüentemente, pais que maltratam terem sido crianças maltratadas. No entanto, para que a pessoa se refaça de uma perda, é fundamental a presença de figuras de cuidado que ajudem a dar sentido a essa experiência. Atualmente, não há, na família ou no círculo de relações pessoais mais próximas dessa adolescente em questão, ninguém com disponibilidade para lhe acompanhar no seu cotidiano, a quem ela recorre quando está triste e em quem confie. A tia-avó, que é sem dúvida quem mais a assiste, além de trabalhar o dia todo, inclusive nos fins-de-semana, numa rede de hiper-mercados longe de casa, tem ainda seus próprios netos para atender. Do ponto de vista afetivo, Lidiane ainda não parece ter desenvolvido um forte laço com Vanda.

Todo receio, neste caso, se concentra na possibilidade de Lidiane, por falta de sustentação afetiva, abandonar a vida, se deixar morrer, uma vez que não tem ninguém por quem viver. Além do desapego, potencialmente patológico, Lidiane é demasiadamente tautológica em suas afirmações, não permite que eu amplie suas questões, que se abram outras. - *Quando morre favelado não sai no jornal porque, para os bacanas, pobre tem mais é que morrer.* Fala de um lugar de impotente, de descrença absoluta. A resiliência implica numa possibilidade de escolha, na liberdade de mudança quando a direção não estiver satisfatória. “Essa pequena liberdade é um artesanato em que cada gesto e cada palavra pode modificar a realidade que nos arrasta e construir a resiliência como um anti-destino.” (CYRULNIK, 2006, p.32) Lidiane não apresenta fatores individuais (recursos da personalidade) ou familiares (trocas de qualidade) que favoreçam sua resiliência. Sobram ainda os fatores do meio (que basicamente consiste na capacidade de encontrar apoio na rede social) que estamos tentando construir. Um terapeuta tem, intencionalmente, essa função.

A narrativa, instrumento fundamental da psicoterapia, é um trabalho de atribuição de sentido. O relato projeta os acontecimentos, situando-os no tempo através do esforço de reorganização da memória e de representação. Rememorar e perceber as repetições favorece um controle maior de seu retorno, dá rumo à existência. A tendência a relatar os acontecimentos constitui um fator de resiliência; remanejar os sentidos dos eventos produz um efeito na repercussão que as lembranças têm sobre o sujeito. O sentido pede um recuo no tempo, um foco em si e no passado, por isso ele está em constante remanejamento.

“O surgimento da fala provoca a derrota das coisas. Vitoriosas num primeiro momento, elas se impõem em nossa memória, mas, assim que nos tornamos capazes

de fabricar símbolos, de formular um objeto que representa outro, nosso mundo íntimo pode pôr pensamentos no lugar de coisas. (...) Sem memória e sem esperança habitaríamos um mundo sem razão”. (CYRULNIK, 2006, p.21-22)

Para além desse trabalho narrativo – onde inclusive aponto a falta de informação passada a ela sobre o que acontecera com sua mãe e seu pai, em épocas diferentes, por parte de Dona Adélia e dos outros familiares –, do *holding* fundamental no manejo clínico, tenho tentado convidá-la a buscar encontros, áreas (pessoas, atividades) que despertem interesse e motivação. Fui com ela em uma escola de música de sua comunidade, ela parece ter se interessado pela percussão. Tenho ainda proposto em nossas sessões outras formas de expressão, como os desenhos, a criação de histórias e poesias. O processo é lento, foram muitas experiências adversas na vida dessa menina, o que cria ao menos dois tipos de efeito: ela pode tornar-se mais vulnerável a outras adversidades, mas também pode tender a se deparar, ou mesmo provocar, outras experiências do tipo.

3. DA CRIMINALIDADE À CRIATIVIDADE

“Quando olho, eu sou visto, então existo.
Agora posso dar-me ao luxo de olhar e ver.
Agora posso olhar criativamente e o que eu apercebo
eu também percebo.
Na verdade, cuido que eu não veja o que não está lá
para ser visto
(a menos que esteja cansado).”

Winnicott – **O brincar e a realidade**

3.1 A escuta clandestina

Quase dois anos se tinham passado desde a época dos atendimentos realizados na favela. Anderson telefona para meu consultório pedindo uma consulta. Disse ter sido indicado por uma de minhas pacientes, Célia, sua vizinha e prima de segundo grau. Essa moça perdera seus dois filhos adolescentes em um confronto ocorrido próximo de sua residência entre diferentes facções do tráfico. No mês anterior, seu marido deixara a família para viver com outra mulher. A mãe de Welves, percebendo o estado de choque da amiga, leva-me até ela. Indico um psiquiatra, mas Célia recusa qualquer psicotrópico. Vou algumas vezes a sua casa, depois um parente passa a trazê-la ao consultório quatro vezes por semana. Seu tratamento dura cerca de oito meses. Estranho que ela não comente ter feito a indicação, também nunca havia comentado deste primo, mesmo assim consinto em receber Anderson para uma entrevista. Quando o vejo chegar, minhas pernas fraquejam. – Você?! – Não consigo lhe estender a mão. É o sujeito que me rendeu no morro com uma arma apontada a minha cabeça, aquele que se propôs a me negociar com a polícia em troca de um Toninho. – *Vi o trabalho que você fez com Celinha, por isso resolvi te procurar. A doutora tem contexto, a gente vê.* – E o que lhe traz? – Pergunto, cumprindo o protocolo. – *Tenho sentido umas coisas estranhas no corpo, acho que é dos nervos. Achei que era o coração, porque minha mãe morreu de infarto, mas o cardiologista disse que não tenho nada, que isso é estresse e me passou uns remédios pra maluco. Não vou tomar porque não acho que eu seja maluco, acho que é da mente. Não gosto de médico, não gosto de tomar essas coisas. Já vi uma das minhas irmãs tomar e ela ficou pior ainda.* – O que você tem sentido? – *De repente meu coração dispara, sinto falta de ar, uma dor forte no peito, transpiro muito e depois passa. Aí volta. Minha mulher diz que é obsessão, que eu devia ir num centro [espírita], mas eu não acredito nessas coisas, meu santo*

é forte. – Talvez você esteja tendo ataques de pânico³⁸. – Não, juro pra você que não é medo. É dos nervos mesmo. Talvez porque quando eu era moleque, jogava muito futebol e batia a cabeça direto. – E como você acha que posso lhe ajudar? - Eu não sei, é a doutora que vai me falar isso! Eu não levava fé nesses papos de terapia, mas resolvi tentar. E se tu bater pra alguém, leva eco³⁹

A entrevista foi mais rápida do que de costume, talvez por minha ansiedade em livrar-me daquela situação tão logo quanto fosse possível. Com a escuta completamente obstruída, eu não assimilava sua história. Desconfiava de sua vinda e só pensava em uma forma de escapar daquela situação. Eu sentia uma raiva que piorava à medida de seu tom agressivo e de suas ameaças. Não consegui mencionar o episódio no morro, nem as flores enviadas. De sua parte, também fez como se nada acontecera. Chegamos por fim a um impasse. Anderson pedia para eu não comentar com ninguém que ele havia me procurado, nem com a própria Célia. Perguntei se, quando recebera a indicação, sua prima sabia de seu intuito em iniciar um tratamento. Retrucou, com assertividade, que ela não poderia saber. Expliquei rapidamente que tenho, por princípio de trabalho, não atender duas pessoas que se conhecem, por mais distantes que sejam, sem o consentimento da mais antiga. Já em tom de ameaça, disse que eu teria de abrir uma exceção, porque ele estava precisando de ajuda, mas não poderia “queimar” a imagem dele na comunidade. Trepliquei, com delicadeza, que ele havia me procurado justo pela seriedade do meu trabalho e que seria contraditório agora pedir que eu abandonasse minha maneira de proceder. Acrescentei, ainda, que, num processo terapêutico, a confiança no profissional era talvez a coisa mais efetiva; se eu quebrasse tal regra, seu investimento seria vão. Saiu contrariado.

Torci para que não voltasse a me procurar. Pensei em apelar para a polícia, para o Conselho de Psicologia, mas me absteve. Das supervisões que realizei, também não saíram encaminhamentos satisfatórios. Desta vez, o pânico era meu! Em menos de uma semana telefona, havia experienciado outra crise violenta. Admite ter sido o Caio, neto de Dona Adélia, quem forneceu o telefone do meu consultório. Ainda assim, concorda em que eu converse antes com Célia. Ela não se incomoda com o fato, bem ao contrário, apenas se espanta, prometendo discrição. Sem me ver com a possibilidade de recusar, aceito iniciar o

³⁸ Ele preenchia os critérios diagnósticos sugeridos pelo CID-10 para o Transtorno de Pânico, ou seja, “ataques de recorrentes de ansiedade grave (pânico), os quais não são restritos a qualquer situação ou conjunto de circunstâncias em particular e que são, portanto imprevisíveis”, com a preocupação persistente de que ocorra um novo ataque.

³⁹ Querendo dizer que, se eu contasse a alguém, ele me mataria.

processo. Solicita o horário das sete horas da manhã, quando já não há atividade no tráfico e as ruas estão com menos circulação. Também importa, para ele, que a clínica esteja vazia.

Anderson nunca se atrasou e faltou apenas uma única sessão (sem avisar) por conta de uma operação policial inesperada. O tratamento durou quase um ano, contando com a interrupção, por três meses, quando esteve preso. A riqueza de suas narrativas, além de sua capacidade associativa, ou seja, sua demanda, foi pouco a pouco aquietando meu ódio por ele e devolvendo minha habitual escuta e disponibilidade para uma relação terapêutica. Isso não impediu que, ao longo do processo, eu voltasse a sentir ódio e temor, embora, gradativamente, fosse por ele me afeiçoando. Minhas encrespações eram reativas aos relatos de seus assassinatos, a sua arrogância, a sua hostilidade. Já que não havia mais jeito - Anderson estava mesmo em análise, uma análise que se iniciara forçada, mas se iniciara de todo -, procurei seguir os conselhos winnicottianos: deixar meu ódio latente, na maior parte do tempo, e, quando oportuno, projetá-lo em eventuais interpretações. Contudo, o mais indicado parecia ser me recolher para além do meu gesto espontâneo, e, em outro momento, usar daquele material clínico como enriquecimento de minha análise pessoal. Desde o início do processo, Anderson mostrou-se hábil em costurar suas lembranças, aceitar a polissemia dos eventos que trazia; espantou-me a facilidade com que significava seu sofrimento e a rapidez, em minha opinião, com que confiou seus conflitos a mim. A facilidade com que investia no processo de análise dava sinais de uma experiência inicial de confiabilidade, de uma provisão ambiental satisfatória no princípio de sua infância.

Como os ataques de pânico ainda vinham com bastante força e ele também se recusava terminantemente a tomar qualquer medicação, a partir da terceira sessão, mencionei a existência de recursos que talvez o ajudassem a passar melhor por aquele momento. Adverti-o que isso não fazia parte propriamente do processo de análise, mas que, se assim quisesse, eu poderia ensinar-lhe algumas técnicas de meditação que facilitam o relaxamento, o esvaziamento da atividade mental e, com alguma sorte, a diminuição das crises. Fiquei com receio da forma como poderia receber tal proposição, mas sua agonia deve tê-lo feito aceitar. Eu sinalizava o encerramento da sessão, permanecia na minha poltrona, pedia que se deitasse no divã e proferia as orientações. Ele seguia sem questionar. Repeti a técnica duas ou três vezes e pedi que ele tentasse praticar em casa, ao deitar, quando se sentisse mais ansioso ou em caso de crise. Muito obsessivo com minhas poucas recomendações, a técnica parece ter surtido algum efeito.

- Minha família é de Ipú, no Ceará. Meu avô materno chegou a trabalhar em Fortaleza um tempo, depois conseguiu transferência aqui pro Rio e vieram morar em Caxias. Meu pai também cearense. Era um conhecido da família da minha mãe, quando veio tentar trabalho no Rio. Chegou e ficou uns dias num quartinho na casa dessa minha avó e logo começou a namorar minha mãe. Meu pai vinha de família pobre, não tinha nada quando chegou, a família de minha mãe por isso não aprovava o namoro deles. Só que minha mãe bancou, botou logo barriga e se casou. Chegaram a viver um tempo numa vaga lá perto, mas depois que eu nasci pediram arrego e voltaram pra casa dos meus avós. Meu avô materno, que era uma figura de alto coturno, não queria que a filha precisasse trabalhar. Considerava humilhante para um homem não poder sustentar sua família. Antes de morrer, pediu a meu pai que trabalhasse de maneira a que ela pudesse viver pra casa e pra família. Depois que ele morreu, meu pai danou-se a brigar com minha avó [materna]. Ela, que era crente, não queria bebida dentro de casa. Chamava meu pai de vagabundo, cachaceiro. – Ele trabalhava? – Trabalhava como eletricitista. Mas realmente às vezes passava da conta, se enchia de cana e não acordava no dia seguinte. Aí perdia cliente, aquela coisa toda. Foi quando minha mãe ficou prenha de novo que começaram a rolar as brigas mais feias entre minha avó e ele. Tivemos que sair do bairro. Meu pai tinha um conhecido, que ele chamava de irmão, que morava lá no morro, viemos então pra zona sul e nos instalamos nesse mesmo morro onde eu tenho orgulho de morar até hoje. – Você tem outros irmãos? – Minha mãe ainda teve mais dois filhos, somos dois homens e duas mulheres.

– Sua mãe finalmente chegou a trabalhar? – Fora de casa não, durante um bom tempo ajudava uma vizinha lavando roupa pra comunidade mesmo. Muitos ainda não tinham água encanada. – Vocês tinham? – Logo que chegamos não, não tinha nem banheiro, mas tivemos logo depois. Morávamos primeiro de aluguel num barraco muito ruim. Minha mãe se queixava muito que tivéssemos saído de uma casa boa, onde não faltava nada, para um barraco que nem cama tinha. Ela reclamava do barulho, acha aquilo lá muita confusão, não fez amizades rápido no morro. Todo final de semana só queria ir pra Caxias. Dormíamos em esteiras, no chão mesmo. Lembro que meu pai mandou eu mais minha irmã buscar caixotes pra poder botar as roupas. Era difícil até pra ter comida pra todos. Passamos muita necessidade. Aí quando minha mãe arranjou esse servicinho, nós pudemos alugar um quarto em cima da padaria. Era um quarto só, mas era mais ajeitado do que o barraco anterior. Pelo menos tinha banheiro, camas, e eu sempre ganhava resto de pão, que era o melhor. Ficamos talvez um ano e meio nesse quarto, e nesse tempo meu pai se juntou com três

colegas pra erguerem a casa de alvenaria cada um. Erguiam uma, depois outra e mais outra. Viravam noite, pegavam os filhos todos e lá íamos nós trabalhando até nos finais de semana. Foi assim que conseguiram fazer uma casa pra gente, com sala, quarto, cozinha e banheiro.

- Mesmo vendo minha mãe muito triste, longe da família dela, de um conforto que ela estava acostumada, tenho boas lembranças dessa época. Tinha muito espaço ainda no morro, então brincávamos de pique, soltávamos pipa, caçávamos passarinho com estilingue. Eu fiz muito amigo logo, tinha a turma do alto do morro que não se dava com a turma de baixo. Aí a gente fazia planos pra zoar com os moleques de baixo, disputávamos as meninas mais bonitas, era uma zona boa. – Você gostou então de vir pro morro? – Eu gostei muito, me adaptei logo, até porque não gostava de viver com minha avó. Mesmo que a gente morasse pior, a gente passou a ter alguma coisa nossa; antes era tudo deles, da família da minha mãe, a gente ficava na aba, não tinha liberdade nenhuma, a velha ficava lá feito um pau de sebo de olho na gente. Controlava todos os atos de todo mundo. Pro meu pai foi melhor porque ele teve que buscar o seu, arrumou mais serviço, com o espírito comunitário do morro, todo mundo se ajudava. Eu gostei bem mais do ambiente aqui do morro, das amizades que fiz aqui. Só que de outro lado, meu pai não tendo mais o breque e a ranzinze da minha avó, ele se soltou e começou a aprontar direto contra minha mãe. Ele passou a chegar mamado⁴⁰ em casa com mais freqüência e descontava tudo na minha mãe. Vinha cheio de marca de batom, aí ela corria com faca na mão pra cima dele. Nós não tivemos mais sossego em casa.

– Você lembra do que sentia nesses episódios? – Lembro que eu ficava com muito ódio pelo que ele fazia com minha mãe e minha irmã. Eu só vivia na rua e na casa de amigo, quase não ia mais em casa, porque o clima lá era sempre de briga. Era cacete pra todo o lado. Voava peixeira, panela de barro, prato, voava de tudo. Quando parava em casa, eu ficava debaixo da mesa na espreita, pra num perder um detalhezinho sequer do show. Quando era moleque, eu tinha medo daquelas brigas, medo que um matasse o outro. Ficava ali, sem dar um pio, imaginando que eu iria descobrir que vim de Kripton e que logo usaria meus super-poderes [fazendo referência ao super-homem] contra ele e assim salvaria minha mãe daquele cabra ruim. Era muito ódio que eu tinha por aquele homem. Imaginava umas tocaias pra ele, queria que ele morresse, mas não pelas mãos de minha mãe, pra ela não ficar mal na fita. Tinha ódio dela também, por ser fraca, omissa, e ainda continuar com aquele filho de uma égua. Eu era franzino, me sentia impotente e culpado porque não conseguia agir [talvez também por

⁴⁰ Gíria significando embriagado.

sua intenção criminosa]. Aos treze anos eu dei de crescer. Cheguei à altura de meu pai, a mesma que tenho hoje. Ganhei corpo e coragem. E ainda era sempre o mesmo ritual: ele era amostrado, chegava cheio de cana, fazendo arruaça, chutando cadeira, levava minha mãe pra cama a pulso, queria cobrir ela à força e começava a gritaria.

- Numa dessas, minha mãe tava grávida do caçula. Ele foi, na moita, pra pegar minha irmã. Eu fingi que dormia. Ela, eu acho que fingiu também. Ele levantou devagarzinho a camisola dela e começou a bulir com ela. Ela se mexeu, ele fez ch!, mandando ela ficar em silêncio. Disse que não ia machucar. Foi mexendo nas coxas dela, foi subindo. Quando ele arriou as calças, já pra desflorar a pobre coitada, eu fiquei possuído, avalie só! Nem sei que força me tomou. Parti pra cima do véio, acertei o olho dele, e ele me acertou o corpo todo. Foi um alvoroço lá em casa, minha mãe acordou, a vizinhança, tudo. Naquela noite, eu jurei a meus irmãos que a gente ia botar o pai pra fora de casa e ele nunca mais ia bulir com ninguém ali. Minha mãe também não suportava mais ele, tava na cara. Ela vinha envelhecendo e agüentando, a vida tinha perdido sentido pra ela.

- Minha irmã tinha doze pra treze anos, foi trabalhar como babá. O outro só tinha cinco anos, não tinha como ajudar. Eu comecei trabalhando pra um tio que tinha um venda lá no morro, fazia as entregas pra ele. Depois à noite, arranjei de ser segurança de uma boate de quinta, no centro. Mas nessa boate, que era onde eu ganhava mais, os donos começaram a pedir que eu aceitasse fazer michê. Eram os homens que mais procuravam. Aquilo foi demais pra mim, era como se eu não fosse ninguém, como se eu fosse uma massa cheia de músculos, sem cérebro, sem nervos, sem coração. Minha vontade de pôr aquele sujeito pra fora de casa era tão forte, que eu cheguei a me sujeitar duas vezes àquilo. Na segunda, vomitei chupando um cara. – Quantos anos você tinha? – Eu devia ter uns catorze ou quinze. Saí de lá ligeirinho e fui ser segurança de uma casa de shows perto de casa. Não era do mesmo gênero, mas também fui bem judiado naquela espelunca. Caçoavam, mandavam eu faxinar depois do expediente, era muita exploração e eu ganhava pouco. Era um esculacho. O que eu queria mesmo era ser militar que nem meu avô falecido, pai da minha mãe. Pedi a minha avó um curso que me ajudasse a entrar pro Colégio Militar. Ela ajudou. Fiz um cursinho que não era lá dos melhores, mas não consegui me aprovar. Tentei a prova do Colégio Pedro II, também não passei. Aí eu não tinha mais idade para tentar nem um, nem outro. Abandonei os estudos e fiquei com aquele meu tio na venda durante um ano, só juntando o que entrava. Eu via que ali não tinha muito futuro, se ele me pagasse mais, não sobraria pra ele. Eu andava

debaixo de sol a pino, com uma carga nas costas que não era pra um só. E sobe morro, desce morro, sobe morro, desce morro. Eu sentia dor pelo corpo todo. Enquanto isso a guerra continuava lá em casa, com a chegada do caçula só fez piorar. Minha mãe não queria mais saber, pegou abuso do meu pai de vez.

3.2 Outras guerras

Anderson se expressava com desenvoltura. O material de sua análise contava com sutilezas históricas e cotidianas, com sonhos e, bem mais tarde, com os desenhos que produzia por hobby e que fiz, desde o início, questão de conhecer. Demorou, porém, uns três meses para confiá-los a mim. Sua agressividade diminuía à proporção do meu incômodo. Passou a aceitar melhor minhas intervenções, ficando menos reativo. Durante os primeiros meses de sua análise, minhas interpretações tentavam ser empáticas, visavam apenas o respeito e a confiabilidade que lhe haviam faltado. Eu buscava a aproximação e nomeação de seu sofrimento. Com o tempo, foi-se criando maior cumplicidade entre nós. Sua história passou a me comover. A repulsa de estar atendendo um assassino deu lugar à admiração pela sobrevivência daquele sujeito. Senti-me, então, mais à vontade para implicá-lo em seus desejos e poder enfim convidá-lo a refletir sobre sua atividade no o tráfico.

- E quando você ingressou no movimento? – *Então, foi bem nessa época, eu já estava com quase dezesseis e resolvi dar meu grito de independência definitivo. As pessoas julgam que entra pro crime quem é vagabundo e não quer trabalhar. Como se lá não se trabalhasse às vezes até mais. A carga é pesada. Ninguém entra no movimento por vadiagem, atrás de moleza, e sim porque precisa ganhar o seu e sabe que não tem as mesmas oportunidades que a galera do asfalto, sabe que tem o estigma, a falta de QI⁴¹. Se não houvesse exclusão, não haveria tráfico. Todos querem ter um lugar. E, nessa guerra, morre gente todo o dia, é a lei natural. Na verdade, o que aconteceu foi que saí de uma guerra pessoal, interna, pra uma guerra externa, social. Quando eu entrei nesse negócio, a venda de drogas começava a esquentar no morro. Vi que não ia ter jeito, tava ruim de arranjar serviço que sustentasse nós cinco dentro de casa. Não me deixaram entrar aos dezesseis, mas nos dezessete consegui, enfim, através de um colega, uma parte no movimento. Rapidinho eu ganhei um bom dinheiro, talvez o equivalente a três mil reais hoje. Onde que eu ia ganhar isso se nem o*

⁴¹ QI é a sigla para “quem-indica”.

segundo grau completo eu tinha? Pronto, botei meu pai pra correr. Ele custou a acreditar. Implorou, chorou, fez o escarcéu. Não tinha jeito, o leite já tinha sido derramado. – Sua mãe sabia que você estava no tráfico? – Qual é a mãe de bem que vai gostar de um filho na bandidagem?! Nenhuma, né? Ela sabia e não apreciava, mas ficou foi bem aliviada daquele sujeito lá sair de casa. Pôde criar os filhos dela, nunca mais faltou nada. Tirando minha irmã, os outros dois terminaram os estudos e um tá até cursando faculdade.

Diante da falta de autoridade da mãe, da deformidade daquilo que o pai fazia, do desamparo dos irmãos menores, Anderson tomou para si responsabilidades que certamente não tinha maturidade para assumir. O ódio que sentia e a agressão que pode ter se originado também da assunção precoce dessa função em sua vida, foram possivelmente drenados para sua atividade como traficante. Ele próprio confessa que, de início, tinha gratuitamente posturas mais rudes, mais cruéis, tanto no tráfico, como nas relações pessoais, em relação ao que tem hoje. Imagino que a inteligência de Anderson e sua capacidade de liderança fizeram com que, rapidamente, se tornasse líder. Não sei ao certo qual sua função atual no tráfico, mas ao que parece, ele hoje é um chefe de retaguarda, um gerente, como eles chamam, uma espécie de estrategista, que decide quem entra ou não para o grupo, que desenrola as negociações. Os gerentes são uma espécie de braço-direito dos chefes do tráfico. Anderson não está na linha de frente dos confrontos, talvez por isso tenha conseguido manter-se vivo há treze anos nessa atividade.

– Você ingressou no movimento fazendo o que? – Pergunto com cautela. – *Comecei como endolador: recebia a droga, preparava ela para a venda e embalava. Não vendia droga malhada pra ninguém como nego faz direto. Porque eu não me drogava, os chefes sabiam que eu não embolsaria. Então logo, logo fui promovido a gerente da endolação. Os chefes tinham muito apreço por mim. Quando apagaram o X [refere-se a um traficante conhecido e morto na década de 90], queriam que eu assumisse o morro. Mas eu nunca quis essa encrenca. – Porque você acha mais encrenca do que o que você faz? – Primeiro que você fica mais visado pela polícia. No início, era minha mãe e meus irmãos que dependiam de mim, hoje eu tenho a família que construí, tenho dois filhos pra criar. Preciso continuar vivo. Tem gente que não tem medo de morrer, que também não tem nada a perder. Eu tenho. Então prefiro ficar numa função mais resguardada. A outra coisa é que é muita gente pra controlar, tem muito nego maluco, suicida ou ganancioso ao ponto que não pensa, sai fazendo. Eu prefiro ficar num setor menor, com uma equipe que eu mesmo escolhi pra trabalhar. Por*

exemplo, não gosto de trabalhar com drogado, com menor, muito menos com camicase. Não é todo mundo ali que pode escolher, mas o chefe me dá essa liberdade porque confia.

– Você usa ou já usou alguma droga? – *Já experimentei, fumei muita maconha nos meus quinze anos, antes de entrar pro movimento, mas aí me deu umas paradas estranhas, uns puxões no rosto, eu ficava caladão, não conseguia chegar nas minas. Vi logo que não era a minha. Eu via o pessoal rindo, achando graça de tudo, eu não sentia nada daquilo. – E outras drogas? – Eu sou corajoso pra certas coisas, pra pegar numa arma e matar um sujeito, mas não sou pra perder minha consciência. Nunca tive coragem de experimentar a cocaína, menos ainda depois de participar do preparo. Não experimentei outras coisas e nunca deixei meus irmãos se drogarem. Minha droga é o cigarro. Esta, ainda não consegui largar. Já bebi muito também, mas depois de uma vez que quase me queimaram porque eu não estava com os reflexos no lugar, nunca mais. Eu moro no meu trabalho, tenho que ficar 24 horas sobre 24 em alerta, me assusto até com minha sombra. Durmo com metade do cérebro. – Feito os golfinhos...*

Bowlby e Winnicott são autores que pressupõem a semelhança entre os indivíduos, no sentido de que todos contêm a presença potencial de todo bem e todo mal encontrado no mundo das relações humanas (WINNICOTT, 1999, p.93). Embora singular em seu código genético, em sua história e experiências subjetivas, cada sujeito porta, em sua origem, amor e ódio, convivendo lado a lado. Somos ambivalentes por natureza e a agressividade é, dentre as tendências humanas, uma das mais difíceis de lidar. Como Winnicott bem coloca, socializar-se significa desviar a agressividade, disfarçá-la, atribuir-lhe agentes externos. A agressividade e o ódio parecem ter sido reações funcionais na história de Anderson, apesar de ter-se tornado um criminoso. Não escolho, para este paciente, a hipótese diagnóstica de uma psicopatia, nem considero que seja afetado pela tendência anti-social winnicottiana. Seu senso moral, sua capacidade para a preocupação e para o envolvimento⁴², características importantes na vida social, foram preservados, certamente pelos cuidados recebidos no início de sua vida, e se deixam perceber em seu senso de responsabilidade com si mesmo e com o outro. Anderson importa-se e sente culpa quando fere seu código moral. A culpa, afirma Winnicott, é o que possibilita um impulso construtivo, isto é, não havendo culpa, não há o impulso de reparação. Trata-se de uma etapa fundamental, portanto, para a tolerância de sua própria destrutividade e para o perdão de si mesmo.

⁴² Sobre o assunto ver o capítulo 11 de **Privação e Delinquência**, “O desenvolvimento da capacidade de envolvimento”.

As narrativas de suas lembranças mais longínquas também nos dão indícios do ambiente suficientemente bom de que Anderson provavelmente se beneficiou nos primórdios de seu desenvolvimento emocional. Os relatos da criança travessa, mas não incontinente; o cuidado e o orgulho com que conta, dizem de uma criança sadia. Menciona, com frequência, situações que já apontavam para sua capacidade de liderança e, apesar do ambiente tumultuado de sua primeira casa, relata o prazer que sentia em estar com sua mãe, escutar suas estórias e cantos. Tudo indica que ela conseguiu manter alguma continuidade no cuidado oferecido ao primogênito. Seu avô também desempenhara um papel importante na criação de Anderson. Não pela escuta ou pelo acolhimento, mas basicamente enquanto exemplo de integridade e autoridade. Era quem impunha os limites necessários ao neto e alguma ordem à dinâmica familiar; tal referência talvez constitua o eixo central da formação ética que, apesar de tudo, pôde introjetar.

- Imagino que o cotidiano de vocês no tráfico seja de muito estresse, mas você consegue identificar o aspecto mais estressante dessa atividade? [pensou por alguns minutos] – *Tudo é mesmo estresse, nada é mole. Mas talvez tenham dois pontos piores. O primeiro é a irracionalidade dos cabras que trabalham contigo. Como eu falei, todo mundo quer poder, ok, mas tem que ter estratégia pra agir. Se o poder cega, os caras vão pro buraco e vão levando tudo com eles. Por isso eles não ficam mais de um ano e tomam logo uma azeitona na mente. Um exemplo são os X-9, pense em coisa mais estressante do que sentir que tem um dedo-duro na equipe e você não sabe quem é. Eu, que sou cuidadoso pacas, já apaguei gente por engano das toupeiras. É um aperreio quando isso acontece.* – Ainda bem que você só me deu um susto e não me apagou, não é?

Já estávamos talvez na quarta ou quinta sessão e era a primeira vez que um de nós abordava o assunto. Anderson claramente procurou ao longo de seu processo reparar o que havia feito comigo com atitudes compassivas, das mais sutis, como arrumar a manta do divã na saída, às mais explícitas como notar minha voz nasalada e sugerir uma inalação com buchinha-do-norte ou ainda presentear-me com alguma fruta. Foi importante em seu tratamento ter a oportunidade de fazê-lo. Do ponto de vista transferencial, foi importante eu poder sobreviver a sua crueldade, o que segundo Winnicott abre caminho para a compaixão e preocupação com o outro, na perspectiva psicanalítica aqui adotada, traços essenciais da saúde mental. – *É, aquilo foi chato...* [pausa] *é o que tô dizendo, depender dos outros pra fazer o meu é*

complicado, aquilo lá foi erro dos moleques da contenção⁴³. Você chegou no morro numa época braba, tinha que ter subido com alguém da localidade. Foi um mole. Me contaram uma história que fazia sentido, mas te confundiram, acharam que você era espiã.

Isso foi no primeiro semestre de 2004, a polícia vinha realizando uma série de operações para pegar os chefes do movimento; um deles foi morto. Os confrontos intensificaram-se. As pessoas com frequência não podiam sair a trabalhar, as crianças à escola, a população local foi bastante prejudicada. – *A gente não pode perder a credibilidade da comunidade. Ela está do nosso lado, é nossa aliada. Fico louco quando vejo os moleques bulindo com a mulher dos outros, ameaçando gente daqui de dentro. Esses pra mim têm que rodar.* – Qual é o outro ponto estressante que mencionou? – *O outro é o trato com a polícia. Eles não querem fazer o trabalho deles, também não deixam a gente fazer o nosso. Eles não estão a serviço de ninguém, nem do Estado, nem da população pobre, nem da rica, só deles próprios. Querem se dar bem e ponto. Querem levar o deles. Se chegam, por exemplo, pra levar um cara, basta a gente dar o que eles querem e tá tudo ajeitado. Ou se não, ao invés de pegar o garoto e levar pra uma delegacia, que seria o certo, leva pra um beco, tortura, executa. Isso é trabalho oficial? Pegam nossa droga pra vender e ganhar uma parte. Eles jogam mais sujo ainda que a gente, ninguém acredita: torturam mais, chegam passando o rodo⁴⁴, matam sem saber quem estão matando porque não conhecem os locais, não querem saber se é mulher, se é criança. Só querem a propina deles na mão. Aquela lábia que se vê na telinha, é puro lero. E o pior é que a classe alta se beneficia disso, fazendo o que bem quer, basta molhar a mão dos caras. A burguesia pode roubar, desviar dinheiro, pode se drogar na praia, ninguém vai preso.* – Eu soube há pouco por outra pessoa que atendo que a polícia seqüestrou um homem do tráfico e está pedindo resgate. É verdade? – *É, isso foi há duas semanas. Ontem eles assaltaram uma boca lá da comunidade.*

Anderson tem dois filhos pré-adolescentes de um primeiro casamento e está casado pela segunda vez. Quase não fala da esposa, nem dos filhos. A análise desenrolou-se fundamentalmente em torno de sua história remota. Gosta de contar casos antigos do morro, lendas da favela, acontecimentos de sua infância, e passou a falar mais das querelas do interior do tráfico ou das contendas com a polícia. É admirador de personalidades como Che Guevara e Emiliano Zapata, respectivamente líderes da Revolução Cubana e Mexicana, em quem se inspira para embasar uma espécie de ideologia supostamente regente de sua atividade

⁴³ Os olheiros.

⁴⁴ Matar vários de uma vez.

no morro. – *Sirvo à classe proletária, luto por terra e liberdade*⁴⁵, *minha função nessa vida veio a ser contribuir para a redistribuição da renda, devolver ao favelado o que lhe foi tirado. Você não imagina a quantidade de melhorias que a gente consegue fazer com dinheiro da mesada de playboy viciado. As coisas que você vê por lá, ninguém sabe de onde veio. Talvez até alguns achem que vem do Estado. Mas na localidade sabem muito bem que somos nós. A parada é essa, é a luta de classes. Quem sustenta nosso movimento é a burguesia. Os fracos do artigo 16*⁴⁶. *Eu digo pros meus, “a gente não quer dindin de favelado, é o da burguesia que tem que vir pro morro”*. [...]

- *Favelado não tem vez, não tem trabalho digno, não tem como fazer faculdade boa. Não fazem reforma agrária, o Favela-Bairro é pra inglês ver, então somos nós mesmos que temos que dar nosso jeito. – O Favela-Bairro não está sendo efetivo? – Eles não sabem, nem querem saber do que a comunidade precisa na real. Querem aparecer mais do que melhorar a qualidade da nossa vida no morro. Aí eles chegam com um projeto, nunca nem andaram pelo morro, não conhecem o esquema daqui e a comunidade não tem o direito de dar opinião?! Como é que é isso? Você gostaria que fizessem isso em Santa Tereza? [A nenhum momento eu disse a ele que morava em Santa Tereza.] Só que a diferença é que quando, num bairro de bacana, ameaçam tirar o bonde, que é tradição, a população se manifesta e a ação não acontece. No morro não é assim que a coisa funciona, você sabe muito bem. – Peço que exemplifique. – Não tem sentido gastar uma grana com centro comunitário antes da gente ter lugar pra jogar o esgoto. A gente já tem centro comunitário, mas o esgoto tá lá, produzindo doença. Como é que vai fazer projeto pra tentar arranjar trabalho pro sujeito que não tem nem água em casa pra tomar banho. O cara vai ser mandado pra rua na mesma hora por inhaca! Entende como é? É por isso que nêgo respeita o movimento, porque sabe que a gente ajuda a comunidade pra valer. Não tem como derrotar o movimento, a gente tem mais poder do que a os tiras porque tem mais respeito, tem mais grana, mais prestígio comunitário e mais planejamento. Em troca do apoio e do anonimato que a comunidade venha a oferecer aos traficantes, ela de fato pode esperar serviços, segurança interna, dinheiro para remédios, comida, festas e emergências as mais variadas.*

⁴⁵ Lema das ações de guerrilha que Zapata liderava junto aos camponeses e indígenas, na finalidade de ocupar e repartir as terras.

⁴⁶ Refere-se ao artigo 16 da Lei 6368/76, em que consta como delito a posse de drogas para uso pessoal. Esta lei foi revogada em 2006 pela Lei 11.343.

- *É pena que aconteça a morte de inocentes, eu não sou a favor de violência, muito menos essa violência de dia, na cara de todos. Mas sou a favor de justiça. Se eu vejo algum malandro com um baseado na cara de uma criança, roubando, estuprando ou mexendo com uma moça, o que eu faço? Marco o cara, chamo no particular, dependendo dou uma chance a ele, se não apago no silêncio. “Tem que endurecer, mas perder a ternura jamais”[cita, fazendo referência a uma frase célebre de Che Guevara]. Fazemos nossas próprias regras que consideramos justas. – Tem colegas seus que não pensam da mesma forma, não é? – Infelizmente é verdade. Acham que tem que amostrear pra meter medo mesmo, e para ninguém se meter a fazer igual. Como quando o cara xisnova⁴⁷, são as piores torturas. Agora, tem que deixar claro que os confrontos às vezes acontecem de dia porque a própria polícia vem acertar conta durante o dia e entra mandando bala.*

- *Você acha que a “cara” do movimento se modificou desde que você ingressou nele? – Bota mudança nisso! Quando tudo começou, existiam ideais. Nossos cabeças queriam paz, justiça social e liberdade. Tinham visão política. No início, os chefes não deixavam entrar de menor no movimento, sabiam que os moleques não teriam senso de responsabilidade para o quanto a função exigia. Agora tem até chefe de menor. Tinha menos violência, era muito raro que um morador fosse morto. Cada comunidade tinha sua atividade [de tráfico] formada pelas pessoas da própria comunidade, não tinha essa de neguinho de outra vir invadir a sua. Ninguém mexia com a mulher de ninguém. Tinha menos drogado dentro da própria comunidade. Não se vendia droga malhada, como se faz hoje. A mudança foi geral.*

⁴⁷ Gíria designando dedurar.

3.3 Criar e não morrer

Na sessão seguinte àquela que ele faltou por conta de uma operação policial surpresa, eu tento saber o que houve. – Vi nos jornais que estavam à procura do chefe, não foi? Parece que uma das mulheres entregou onde ele estava? – *Não, isso foi o que saiu, rolou que um arrombado vacilou e entregou quem estaria no comando enquanto o chefe precisou ficar um tempo fora. Quando foi papo de quatro horas da matina, escuto o som do caveirão. A gente não tava preparado. Morreram uns homens nossos, morreu criança, eles entraram em três casas erradas. Como é que pode ser a tropa de elite? Eles têm armamento que nenhum ramo da polícia tem no mundo, armamento que não se usa nem em guerra, só que não têm tutano. Se eles têm armamento, você acha que nós vamos ficar pra trás. Mas aí chegaram, nós conseguimos entrar num acordo com eles e não levaram ninguém. Aí depois eu fui lá conversar com o vacilão que deu com a língua nos dentes? “Tu é burro, velho? Quer ir pr’um cofre ficar com mais trinta? Então se liga!”. Sabe o que é isso? A danada da cola. Queima os neurônios do moleque e o bicho fica burro. Aí foi, rolou uma dividida⁴⁸, eu, que não tenho entrado nos confrontos, tive que sacar meu berro⁴⁹ e consegui queimar⁵⁰ um tira. Mas até que o confronto não foi dos piores.*

– E como é que você se sente quando percebe que o cara morreu? – *Ué, dever cumprido.* – E sentimento? – *Quando é o inimigo, ou é uma parada justa, não tem, é feito chupar bala.* – Nunca teve? – *Não, é claro que nas primeiras vezes, quando eu ainda era moleque, às vezes eu não dormia, sonhava com o cara. Tinha medo que virasse assombração. Mas a gente se adapta a tudo. Já parou pra pensar em como as pessoas puderam sobreviver a um campo de concentração?* – *É verdade.* – *Se tiver sido mesmo como mostram os filmes, foi pior do que isso aqui. Eu não tenho prazer em matar, como muitos têm, nunca torturei ninguém, nunca fiz covardia. Meu negócio, como você sabe, é o planejamento da coisa, é usar a inteligência, não a força física. Mas depois que o chefe teve que sair de cena e a sucessão ficou meio complicada, eu precisei ir pra comissão de frente forçado.* – Há quanto tempo tem isso? – *Faz uns cinco meses mais ou menos.* Comecei a achar que essa mudança de função tinha algo que ver com os ataques de pânico que ele vinha apresentando. Como ele se tornava bastante resistente a cada vez que eu tocava neste assunto, deixei que ele próprio fosse chegando a essa conclusão. – O que tem sido o pior nessa mudança? – *O embate mesmo, ter que orientar os*

⁴⁸ Troca de tiros com a polícia.

⁴⁹ Gíria que significa o ato de pegar o revolver.

⁵⁰ Gíria usada para matar.

cabras. Eu perdi a mão pra isso. É outra função, outra atenção. E com a estupidez dos caras, você vê a danada te chamando a cada vez. – A morte? – Ela mesma. – Você antes não tinha medo de morrer? Porque você está num ramo que lida com isso o tempo todo. – É isso aí. Quando era mais jovem eu não tinha. Aí fiquei muito tempo sem essa possibilidade tão perto, na cara. Há dois anos eu tive uma pancreatite e quase fui. Foi muita dor, eu demorei pra ir pro Hospital, achei que daquela eu não passava. Aí lá no Hospital, o meu [filho] mais novo foi me ver. Ele tava com oito anos na época. Ele virou sério e disse: “Eu não posso viver sem pai. Se você morrer, eu não vou conseguir dormir, aí não vou conseguir estudar, aí não vou arranjar trabalho, aí vou ter que ir pra rua e vou acabar morrendo. Fica aqui comigo, pai.” Entende, doutora? Um moleque dizendo isso?! Só que não tem ninguém pra ir liderar um confronto no meu lugar nesse momento.

Depois dessa operação, Anderson teve um sonho em que uma figura com um manto vermelho, segurando alguma coisa que ele não identificava, puxava-o pela mão até um descampado branco, de onde não se enxergava nada, como se estivesse inteiramente tomado pela neblina. Ele associou a figura a de Xangô (seu orixá), que vinha lhe anunciar a hora de morrer. Acordou angustiado e no decorrer do dia acometeu-lhe mais um ataque de pânico, o que não acontecia já há cerca de três meses. A essa altura, já se iniciava o quinto mês de seu processo de análise. Ligou pedindo reposição da sessão perdida. Abordou seu medo da morte, não apenas a sua, mas também de seus próximos. Enfim, associou este medo às crises de pânico. Narrou com detalhes a morte do avô materno. Ela se deu por acidente cardiovascular, na sua frente, de modo assustador, especialmente para uma criança de seis anos. Abordou a culpa que experimentava pela morte (gradativa e factual) da mãe, ocorrida no dia seguinte de uma séria discussão entre os dois. Falou, ainda, da responsabilidade que sentia em relação aos irmãos mais novos (para quem, em sua opinião, a mãe teria faltado muito mais), aos filhos e à atual mulher. Foi uma sessão bastante reveladora para ele. Já na porta, fora do consultório, ele me diz: - *É doutora, quem me ensinou a nadar não foi o balanço do mar, eu aprendi a nadar nas piores tempestades. Nem conheço o balanço do mar, só conheço tempestade. Você provavelmente nada porque te dá prazer, não é? Eu nado porque, se não, eu me afogo. – Talvez por isso você nade bem melhor do que eu. – Limitei-me a responder.*

Na sessão seguinte, Anderson me trouxe alguns de seus desenhos. Ele não desenhava há cerca de seis meses, mais ou menos o período a partir do qual precisou trocar de função no movimento. Eu já havia demonstrado interesse em vê-los por diversas vezes, ele resistia.

Percebendo sua ansiedade em mostrá-los, sua insegurança face à minha aprovação, interpretei aquele como mais um passo importante de seu tratamento, mais um voto de confiabilidade que nosso vínculo agora permitia. Fiquei extasiada com o que vi. Anderson era um cartunista nato. Tinha produção literária naqueles conteúdos, mesmo sem texto; as tiras tinham enredo, trama. Seus traços, a precisão e o requinte de detalhes lembraram-me os desenhos de Hergé, autor de Tintim, que ele não conhecia. Era apreciador das histórias de Astérix. Recomendei que ele passasse numa livraria para conhecer o autor, esquecendo que não poderia flunar por aí podendo ser pego. Trouxe então um volume de Tintim para lhe apresentar. Anderson desenha desde pequeno, costumava deixar suas marcas nas paredes, nas carteiras e cadernos. Conta que seu primeiro desenho numa folha de papel em branco aconteceu quando já era adulto. O exercício aperfeiçoou-se ao ilustrar as ações no interior do tráfico e quando os filhos começaram a sair sozinhos: ele desenhava os percursos que realizariam, para que não se perdessem. Divertia-se em desenhar mapas bem-humorados para os meninos.

Sugiro que a capacidade criativa de Anderson seja revista à luz da perspectiva aqui proposta. Winnicott pressupõe uma fase pré-linguística ou pré-subjetiva da experiência psíquica em que o bebê ainda não se diferencia de sua figura materna. De acordo com essa teoria, não há forçosamente, neste momento, um evento traumático. Se tudo correr bem, ou seja, se houver estabilidade na provisão do ambiente (aqui ainda representado pela mãe), a criança desenvolver-se-á experienciando os sentimentos de segurança e confiabilidade, nomeados pelo autor como o “sentimento de continuidade ou de sentir-se real”⁵¹. A experiência vivida pela criança nesse estágio inicial de sua existência constitui, para Winnicott, a base do viver criativo ou, dito de outro modo, a base da saúde mental. Até esse período, a criança precisa poder criar o mundo através de seu sentimento, ou de sua ilusão, de onipotência - isso será possível graças à adaptação da mãe (suficientemente boa) às necessidades do bebê.

É a criatividade primária, para Winnicott, o que fornece, mais tarde, significado ao mundo. Não se trata de uma defesa, os processos defensivos surgiriam mais tarde, na medida em que vai se dando a diferenciação entre o bebê e o ambiente, entre o eu e o outro. As defesas têm a função primordial de “proteger a criatividade do *self* verdadeiro” contra as falhas ambientais (SOUZA, 2007, p.332). A desilusão só deve ocorrer quando o bebê já atingiu um ponto de seu

⁵¹ Ver WINNICOTT, Donald. “A integração do ego no desenvolvimento da criança” e “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo” in **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

desenvolvimento emocional em que é capaz de frustrar-se, sem que isso se configure como um evento traumático. Se, ao invés da provisão ambiental favorável, tem-se uma frustração que está para-além daquilo que o bebê é capaz de representar, aí sim são desencadeados processos potencialmente geradores de doença que atrapalham o desenvolvimento emocional sadio. Neste caso, o ambiente se impõe ao indivíduo, prejudicando em maior ou menor grau o gesto espontâneo do bebê e a progressiva instauração e integração do ego. O ponto máximo de tais reações adaptativas às falhas do meio será a produção de um self adaptativo ou “falso self”, no lugar da emergência singular do verdadeiro *self* ou da auto-criação.

Vê-se, através dessa breve passagem pelo eixo central da teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, que a criatividade aqui não é uma defesa como em outras orientações da cena psicanalítica⁵², ao contrário, nossas defesas é que estariam a serviço da preservação de nossa criatividade. Significa que, quando o trauma acontece, quando o ambiente falha e os processos defensivos não dão conta, a criatividade fica ameaçada, empobrecida. Winnicott é um vitalista e não um essencialista, seu conceito de verdadeiro *self*, que é o próprio *self* criativo, concerne a uma força vital, a uma normatividade. Como apresenta Octavio Souza no artigo referenciado, a condução do tratamento por essa perspectiva implicaria em uma *ética do cuidado*⁵³, isto é, no “desenvolvimento de uma relação transferencial de confiança, [em] apenas fazer com que o emprego de certas defesas se torne desnecessário” (SOUZA, 2007, p.337). A qualidade da presença do analista, bem como a regularidade de seu acolhimento no *setting*, ganham para esses autores do chamado *Middle Group* ou Grupo Independente, uma nova valorização. Trata-se de uma forma inédita, no campo psicanalítico, de pensar a emergência da subjetividade. Ela contribui para a compreensão daquilo que algumas pessoas narram como a perda do sentimento de que a vida é real ou de valor; trata-se, para Winnicott, da perda do viver criativo.

⁵² A esse respeito, Octavio Souza discorre no capítulo intitulado “Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicott” que se encontra no livro **Winnicott e seus interlocutores**, citado na presente bibliografia.

⁵³ Em contraposição à ética da responsabilidade, onde a análise “trata de convidar o sujeito a reconhecer o desejo contra o qual se defende [...], nem de convidar o sujeito a se responsabilizar pelas escolhas defensivas que presidiram ao seu nascimento e que concederam singularidade ao seu desejo” (SOUZA, 2008, P.336).

3.4 Na singularidade, o começo de um fim

Nove meses haviam se passado desde o começo de sua análise, quando Anderson telefona dizendo que precisaria interromper por três meses o tratamento, pois havia sido preso. O que quer que tenha sido o estopim de sua prisão, certamente a pena seria maior do que os meses anunciados. Perguntei como pôde prever que permaneceria exatamente este período na prisão, respondeu que era o tempo necessário para seu descanso. Mostrava satisfação em estar preso. Recebia com frequência a visita de sua família e, apesar de não ter o ensino fundamental completo, Anderson ficou em uma cela privada, com comida de qualidade, televisão e alguns outros privilégios. Não se sentiu mal vez alguma, bem ao contrário, tirou férias de sua atividade.

Em algumas sessões passadas, havíamos conversado sobre as religiões que o interessavam e a importância da religiosidade em sua vida. Ele tinha alguns conflitos importantes em relação a isso. Ficou sabendo, através de perguntas que me fez, de meu apreço pelas religiões orientais. Pediu-me, então, emprestado um livro sobre meditação ou que explicasse um pouco de alguma religião oriental. Mandou, da prisão, um rapaz que eu não conhecia, nem de ouvir falar, vir buscá-lo. Além do livro, enviei um caderno de desenho que eu tinha no consultório, lápis e borracha, para incentivá-lo a desenhar. Durante esse tempo em que estive preso, telefonou-me duas vezes para tirar dúvidas sobre o livro e agradeceu o caderno. Tinha agora mais “sossego” para desenhar.

Exatos três meses depois, Anderson liga para marcarmos uma hora. Saíra da detenção na data prevista. Chegou à sessão com a expressão mais tranqüila, dizendo que estava ali para me agradecer. Contou que se sentia mais livre, mais calmo. O tom era de despedida. – *Me considero um vencedor. Daqui a dois anos atinjo a idade de Jesus e estou aqui, em pé. A vida não foi dada a mim, não tive misericórdia de ninguém, ralei, comi o pão do demo. Muitos semelhantes se foram, eu continuei. Nesse tempo parado, estudei muito, ganhei força. A doutora viu um filme que tem um cidadão que vai preso, fica catorze anos na prisão e sai um touro, todo tatuado?* – Acho que sim, é com Robert De Niro? – *Não sei o nome do autor, mas o filme é “Cabo do Medo”.* – Vi. Mas ali o cara é um psicopata, vai preso por estupro, se não me falha a memória, volta pra fazer ainda mais besteira... – *É, eu sei, mas eu gosto do aproveitamento que ele faz da prisão pra ficar sarado, pra se instruir.* – É, quando você não fica com mais trinta na cela, é um pouco mais possível ter esse aproveitamento. Ainda sim, acho importante marcar as diferenças entre vocês. O personagem do filme é puro ódio. Acho

que você tem mais capacidade de amar do que aquele cara, não? – *É, tem razão. Refleti muito sobre nossos passeios, como você diz, pelos acontecimentos de minha vida. Gostei muito de conversar aqui com a doutora, – Eu nunca fui tão respeitado como aqui. Força pra mim sinônimo de rijeza. A terapia me mostrou que a força vem da flexibilidade.* Refere-se ao uso que fiz de analogias como a ponte ou o bambu para que ele compreendesse o quanto sua austeridade o enfraquecia. *Meus nervos se acalmaram. Acredito que entendi muita coisa e cheguei a algumas conclusões importantes.* – Por exemplo? – *Perdoei minha ex-mulher. Seu ressentimento vinha do fato de ter saído de casa e lhe privado, por algum tempo, da convivência com os filhos. Entendi que a morte de minha mãe [gradativa] foi escolha dela, enfim. As leituras realmente me foram de grande ajuda. [...]* – E porque você foi preso? – *Fui fazer uma média, eles precisavam botar ao menos um em cana. Como eu tava muito estressado mesmo, me ofereci.*

Passados uns vinte minutos do começo da sessão, em meio a esse discurso num registro de despedida, ouço uma voz feminina gritar. Custei a prestar atenção no que falava até que escutei – *Anderson, teu desgraçado filho de uma rapariga, aparece se tu é homem! Eu sei que tu tá aí!* – Perguntei se ele reconhecia aquela voz. – *É a Mary, minha esposa. Deve ter me seguido.* – Ela está desesperada, você sabe porque ela está aqui? – Parecia ter flagrado o marido em alguma trama. – *É que eu não contei a ela que estava em terapia.* [O silêncio sobre sua análise compreenderia até sua esposa]. *Porque afinal, terapia é meio coisa de baitola e minha mulher, como a doutora pode ver, é meio presepeira.* – Pedi sua permissão para descer e tentar acalmá-la; ela não podia continuar fazendo aquele alarido na porta da clínica. Quase apanhei da moça, que custou a me ouvir. Certamente imaginou que Anderson visitava a amante, em sua casa no Largo dos Leões. Expliquei tratar-se de uma clínica psicológica, por isso pedi silêncio, comuniquei que seu esposo seguia em tratamento há alguns meses e que não conseguiu contá-la. Aparentando uns vinte e cinco anos de idade, com roupa e expressão de evangélica apesar do escândalo, Mauricélia, que atendia por Mary, não podia conceber que a pessoa com quem morava há dois anos, estava há quase um em terapia. Também não tinha muita noção do que se fazia num processo terapêutico. Pedi que aguardasse na recepção para encerrarmos a consulta e garanti que, ao final, chamar-lhe-ia para que conhecesse o consultório.

Sugeri a Anderson que permitisse sua entrada para tranquilizarmos a moça e explicarmos, juntos, o que se passava ali. Achei importante que ela pudesse ser companheira de Anderson

no caso de voltar a apresentar algum episódio de pânico. Com alguma resistência, Anderson concebeu que subisse e que abordássemos suas crises. Perguntou-me se eu tratava de problemas de carma ou de obsessão. De modo econômico, expliquei como o processo se dava e como, naquele contexto, sob a ótica da psicologia, podíamos entender as crises de Anderson. Esclareci algumas noções e ela se emocionou diversas vezes ao longo dos vinte minutos que se seguiram. – *Nunca pensei que Sissinho [apelido de Anderson] tinha sensibilidade pra isso, ele parece tão cabeça-dura, parece tanto se bastar. E como é que ele não confia em mim pra conversar sobre esses assuntos da vida íntima dele, tô me sentindo como esposa engabelada, tem meses que percebo essas saídas tão cedo. Que é que tem demais fazer psicóloga, meu pai?* – Depois foi fazendo perguntas pertinentes, foi mostrando-se mais receptiva. Chegou a verbalizar seu interesse em ingressar, ela também, numa terapia.

O que seria então nossa última sessão – Anderson, com efeito, vinha pedir para que interrompêssemos –, após aquele acontecimento inusitado se desdobrou em mais algumas conversas. Percebi que alguma coisa substancial tinha se modificado, não apenas no nível de sua narrativa, mas em suas expressões de afeto. Mostrava-se menos reativo, ou com menos necessidade de controlar o porvir dos próximos acontecimentos. A concebibilidade de realizar novas escolhas, ou de reagir de maneira diferente à repetição cotidiana, parecia verdadeiramente lhe fazer mais sentido. Anderson conseguiu retomar o rumo de sua criatividade, aprendeu a significar e encaminhar seus conflitos, reavendo a capacidade de encontrar soluções sadias para seu sofrimento. E, tal o mais importante, refez o modelo funcional de si próprio, sua auto-imagem, o quanto se exige, pois é preciso, e aquilo de que pode prescindir. “De fato, o desenvolvimento de uma capacidade de se surpreender consigo mesmo, pode-se dizer, era uma das metas da análise winnicottiana” (PHILLIPS, 2006, p.34-35).

4. PARA NÃO CONCLUIR

O projeto do qual a presente dissertação faz parte iniciou-se antes mesmo que eu realizasse os atendimentos aqui mencionados e, provavelmente, não termina nesta conclusão. Meu estímulo para disponibilizar a psicanálise àqueles que, oriundos de classes populares, quiserem dela se beneficiar, surgiu em 1995, com pacientes em surto psicótico do antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, atual Instituto Municipal Nise da Silveira. Desde então, no curso de minha atividade como psicoterapeuta, que começou na Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ, a meta vem sendo cumprida. Para além desta, houve o desejo de narrar a diversidade de experiências desse contingente.

A escuta psicanalítica, em minha opinião, é movida pela curiosidade, pelo anseio de conhecer o estranho, mas também de reaver o familiar na singularidade. Dos temores e preconceitos, difíceis de escapar, chega-se à riqueza dos encontros que a relação terapêutica também proporciona. A criatividade presente na clínica, seja para fabricar mazelas, seja para delas se desembaraçar, é infinita, exatamente por seu caráter particular. O potencial humano para se redescrever, recontar sua história e inventar novas possibilidades de escolhas é sem fronteiras, mesmo quando tudo parece dizer o contrário. Tal faculdade está intimamente associada a nossa capacidade narrativa, à possibilidade, ainda que *a posteriori*, de atribuir sentido às vivências, por mais dolorosas que elas sejam. O sentido possibilita a história, a imaginação, a cultura; é o que nos faz sofrer, ao mesmo tempo o que possibilita a resiliência, ou seja, a capacidade de recuperação do sujeito.

Enquanto existir a possibilidade de representação do passado, a possibilidade de (re)organizar lembranças, a capacidade narrativa – o que se mantém, salvo raras exceções no extremo da doença mental –, a elaboração psíquica dos eventos traumáticos pode acontecer, seja naturalmente, seja com o apoio do contexto social, através da habilidade para se reconstruir, ou de um processo psicoterápico. Para a perspectiva adotada neste trabalho, bem como para a orientação clínica que ele apresenta, parte-se do pressuposto de que, aqueles que tiveram um pouco mais de provisão ambiental no início da vida, tendem a correr menos risco diante das adversidades que irão enfrentar, em relação àqueles que não tiveram um início suficientemente bom. Significa que, mesmo reconhecendo que a história inicial do sujeito faz a diferença, é preciso lidar com o fato de que existem ambientes de alto risco que contribuem

para a subjetivação dos participantes da violência armada. Os contextos são diversos e produzem traços identitários que, por sua vez, interferem na experiência subjetiva de cada um.

Tentando escapar de fórmulas como as que tentam decifrar porque alguém vira um delinqüente, importa aqui discutir ferramentas que, em certos casos, são interessantes, em outros não. Por isso é preciso haver diálogo entre os saberes e as ações precisam acontecer em vários níveis. As questões no âmbito da violência urbana são inúmeras, as respostas escassas. No campo da saúde mental, por exemplo, é necessário abrir novas frentes de atendimento psicológico, de orientação às mães, de inserção social, entre outras. A psicanálise, como uma teoria que se reporta a uma prática, precisa de reformulações constantes, talvez mais em determinados contextos do que em outros: *settings*, a sessão individual, sua duração, as formas de pagamento. Ela precisa, às vezes, sair dos consultórios. As crianças e os adultos de um século atrás, que procuravam os consultórios de Winnicott e Bowlby, inseriam-se em contextos bem distantes dos nossos atuais.

A favela e suas privações, ou exposições a situações mais violentas, engendra conflitos psíquicos particulares que nos demandam manejos próprios à situação, uma maior elasticidade da técnica. Se o terapeuta recebe uma pessoa com um sistema de valores, hábitos, crenças absolutamente diferentes dos seus, levará um tempo para ele compreender o significado de cada elemento de seu relato. A necessidade de adaptação a um sistema de crenças e valores bastante diferente do meu foi quase que permanente, nestes atendimentos aqui apresentados. Interpretações de um fato que permaneciam subentendidas eram, para o paciente, óbvias e para mim não estavam nada evidentes em suas descrições. O que em uma cultura seria motivo de desajuste social, na outra não é. Enfim, são inúmeras as diferenças implícitas no imaginário de uma pessoa. A atenção e o respeito genuíno por tais diversidades são especialmente importante nos atendimentos às classes populares, onde comumente existe, de antemão, uma relação verticalizada pela posição social e pelo lugar de saber que cada um ocupa naquela relação.

A noção de escolha é qualquer coisa que varia enormemente de um contingente para outro. Dependendo da posição que o sujeito ocupa na estrutura social, a possibilidade de optar por um caminho ou outro, de planejar sua vida, pode se reduzir consideravelmente. Para alguns, o futuro é a sobrevivência, as escolhas caminham no sentido de melhor subsistir ao cotidiano. É natural que, nesse rumo, esperem um tratamento mais imediato e que a idéia de uma terapia mais longa não lhes seja adequado. Nosso trabalho, mais uma vez, deve dobrar-se. A

demanda também é diversa. Algumas pessoas procuram atendimento e trazem um material rico em termos de reflexões e problematizações, ou curiosidade e espírito crítico a respeito do mundo e de si. Outros não, apenas querem parar de sofrer e, se possível, logo. Às vezes o uso que a pessoa faz daquele espaço terapêutico não foi o que o terapeuta imaginou. No atendimento a pessoas privadas de instrução básica, com mais frequência, o terapeuta se vê compelido a outras funções, como fornecer orientações de saúde em termos nutricionais, ou conferir informações sobre o desenvolvimento emocional infantil, ou ainda sobre a importância do sono e por aí vai. Em suma, são atendimentos em que nos vemos de fato como profissionais da saúde integral.

Parafraseando o intelectual José Miguel Wisnik, é dever do profissional da saúde “o reconhecimento da verdade profunda da experiência humana da pobreza”⁵⁴. Seja no consultório particular, nos projetos realizados em comunidades ou no ambulatório público, deve ser preservada a noção básica de que o sofrimento do sujeito que procura o tratamento não pode ser desvinculado de seu meio, de seu contexto social. Essa escuta ampliada pode ser premissa para qualquer modalidade psicoterápica em que o adoecimento passa a ser compreendido como um processo que envolve o aspecto físico, o psíquico e o social. A própria idéia de doença e saúde, que interfere consideravelmente no sofrimento do sujeito, entre pessoas de diferentes meios sociais também se modifica. Nas camadas altas e médias da população, a idéia de saúde está ligada à de bem-estar, para a classe popular a saúde está intimamente ligada à possibilidade de trabalhar e de efetuar as tarefas básicas da vida. A escuta e intervenção do psicólogo não pode deixar de levar em conta tais crenças e sistemas de valores.

Na situação atual, o tamanho da demanda em saúde mental, bem como a falta de recursos para atender a população, contribui para uma tendência, por parte da psiquiatria, de privilegiar o tratamento medicamentoso pela suposta rapidez e eficácia da remissão de sintomas – que não significa cura – do paciente que procura a instituição. Se fosse de fato menos custoso e mais eficaz ao paciente, não haveria porque não o privilegiar. Ocorre que exatamente pelo fato de os medicamentos não tratarem, no sentido de atuarem em cima do que leva ao adoecimento do sujeito, quando são suspensos, o mal normalmente retorna, levando à reincidência ou simplesmente à não interrupção do tratamento medicamentoso, o que torna este último muitas vezes mais custoso e “cronificador” do que uma psicoterapia. Em teoria, a maior parte das

⁵⁴ Referia-se a um texto de Clarice Lispector em sua conferência “Sem Palavras” no encontro realizado em 2005 o “O silêncio dos intelectuais”.

instituições e da literatura a respeito já reconhece que, em psicopatologias mais graves, a utilização conjunta da medicação com a psicoterapia é o mais indicado. Não é infelizmente o que ocorre na maior parte das instituições públicas do país. Assim como o destino asilar sempre foi consequência do lugar social ocupado pelo paciente e não de sua patologia, o mesmo ocorre nos casos mais brandos, em que as pessoas se beneficiariam de um processo psicoterápico e terminam cronificados pelo uso excessivo de psicofármacos.

Nessa conjuntura ainda, a modalidade e duração do tratamento muitas vezes são escolhidas em função das possibilidades da instituição. Hoje ainda, a falta de recursos faz com que não possa ser diferente. Por princípio, como cada um que chega ao ambulatório ou ao consultório parte de um lugar que ainda não conhecemos e quer chegar a outro que, muito menos, se pode prever, determinar de antemão o número exato de sessões não deve ser possível. O mesmo para a indicação terapêutica, que será mais efetiva se realizada após uma boa anamnese. Vê-se, com frequência nas inúmeras instituições, uma indicação ser feita por falta de disponibilidade concreta do profissional para atender o paciente do modo como, ele próprio, concordaria ser o mais indicado. “É preciso ter cuidado com esse tipo de raciocínio porque ele pode com certa facilidade conduzir a uma posição eticamente insustentável, qual seja a de subordinar estratégias terapêuticas a injunções burocrático-financeiras” (BEZERRA JR, 1987, p.160). Qualquer tratamento torna-se mais eficiente quanto mais se afina à demanda do paciente, bem como à singularidade do caso. A pluralidade da oferta de tratamentos precisa intensificar-se nos ambulatórios públicos e, por hora, a população precisa é ser atendida. Para tanto, outras ações sociais no campo da saúde mental, paralelamente às ações do Estado, devem ser criadas.

De resto, há muito ainda o que ser feito e debatido, enquanto houver questionamento, esta busca há de continuar.

5. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Oeuvres**. Paris: Gallimard, 2000. t.I, 195p.

BERCHERIE, Paul. L'Oculaire quadrifocal (II): Épistémologie de l'héritage freudien: les quatres courants fondamentaux de la psychanalyse. **Ornicar – Revue du Champs Freudien**, Paris, p. 94-125, 1984.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton Carlos. Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental. In: TUNDIS S.A.; COSTA, N.R. (Org.). **Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987. p.133-169.

_____. Descentramento e sujeito: versões da revolução copernicana de Freud. In: COSTA, Jurandir Freire. (Org.). **Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p.119-167.

_____. Winnicott e Merleau-Ponty: o *continuum* da experiência subjetiva. In: BEZERRA JÚNIOR, Benilton Carlos; ORTEGA, Francisco. (Org.). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. p.35-65.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton Carlos; ORTEGA, Francisco. Apresentação: porque Winnicott hoje. In: _____. **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. p.2-4.

BOWLBY, John. As origens da teoria do apego. In: _____. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.33-48.

_____. O papel do apego no desenvolvimento da personalidade. In: _____. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.117-132.

_____. Saber o que você não deve saber e sentir o que você não deve sentir. In: _____. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.100-116.

_____. Violência na família. In: _____. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.82-99.

_____. **Formação e Rompimento dos laços afetivos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 165p.

_____. Algumas causas da doença mental. In: _____. **Cuidados maternos e saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.3-10.

_____. Por que as famílias fracassam? In: _____. **Cuidados maternos e saúde mental**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.77-90.

_____. **Apego e Perda**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 3v. V.2: Separação. 451p.

_____. **Apego e Perda**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 3v. V.1: Apego, a natureza do vínculo. 493p.

CLASSIFICAÇÃO de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 351p.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 215p.

_____. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 181p.

_____. **Os alimentos afetivos: o amor que nos cura**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 239p.

DOWDNEY, Luck. **Nem guerra nem paz: comparações internacionais de crianças e jovens em violência armada organizada**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2005. 378p.

FREIXO, Marcelo. **Prisões, crime organizado e exército de esfarrapados**. Disponível em: <<http://br.geocities.com/eredrio/artfre.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

IBGE – Censo Demográfico 2000. Disponível em:<www.ibge.gov.br/censo>. Acesso em: 20 dez. 2008.

KAHR, Brett. **A vida e obra de D. W. Winnicott: um retrato autobiográfico**. Rio de Janeiro: Exodus, 1997. 256p.

SILVA, Luis Antonio Machado; LEITE, Márcia. Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas? In: SILVA, Luis Antonio Machado (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio: Nova Fronteira, 2008. 316p.

LEEDS, Eliane. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. (Org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.233-276.

PANDOLFI, Dulce Chaves; GRZYNSZPAN, Mário. (Org.). **A Favela fala: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. 360p.

PEERLMAN, Janice E. **O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 377p.

PHILLIPS, Adam. **Winnicott**. São Paulo: Idéias & Letras, 2006. 180p.

PLASTINO, Carlos Alberto. Winnicott: a fidelidade da heterodoxia. In: BEZERRA JÚNIOR, Benilton Carlos; ORTEGA, Francisco (Org.). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. p.199-228.

SILVA, Jaílson Souza; BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela: alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005. 227p.

SOUZA, Otávio. Defesa e criatividade em Klein, Lacan e Winnicott. In: BEZERRA JÚNIOR, Benilton Carlos; ORTEGA, Francisco (Org.). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2007. p.315-344.

VALLADARES, Lícia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n.44, p.5-34, out. 2000. ISSN 0102-6909.

VARELLA, Dráuzio et al. **Maré: vida na favela**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. 124p.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 208p.

_____. A agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.355-376.

_____. A mãe separada do filho. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.31-40.

_____. A mente e sua relação com psique-soma. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.409-426.

_____. A tendência anti-social. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.499-512.

_____. Desenvolvimento Emocional Primitivo. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.269-286.

_____. O ódio na contratransferência. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.341-354.

_____. Preocupação materna primária. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.491-498.

_____. Recordações do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p.313-340.

_____. Agressão, culpa e reparação. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.152-162.

_____. Agressão e suas raízes. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.93-110.

_____. Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.127-134.

_____. A psicologia da separação. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.149-152.

_____. Crianças na guerra. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.23-30.

_____. Evacuação de crianças pequenas. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.2-18.

_____. O alicerce da saúde mental. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.191-194.

_____. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In: _____. **Privação e Delinquência**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.111-118.

_____. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p.55-61.

_____. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p.79-87.

_____. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p.70-78.

_____. Psicanálise do sentimento de culpa. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p.19-30.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.). Introdução. In: _____. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.7-24.